SMITHS: MORRISEY E JOHNNY MARR FALAM ANTES DO FIM

EDITORA AZUL
Nº 28
Novembro 1987
Cr$ 100,00

BIZZ

PETER MURPHY
A ONDA HEAVY NOS EUA
MADONNA NO CINEMA

A POLÊMICA
CAMISA DE VÊNUS

ENTREVISTA EXCLUSIVA

STING

NO BRASIL!

QUE PAÍS É ESTE

LEGIÃO URBANA

1978-1987

EMI

SIDEWALK

SUMMER 88

TAKE A WALK ON THE WILD SIDE

MADE TO FADE

BERMUDAS
POLOS MEIAS
CAMISETAS

★ ★ ★

WALABEE SHOES

8 CORES • MASC. / FEM.

STEFANIE fotografada por MÁRCIO SCAVONE

09
0 270211 1

BIZZ

Peter Murphy, do Bauhaus à sua carreira solo na pág. 70

1987 ficará marcado como o ano em que definitivamente fomos incluídos na rota das turnês internacionais. Siouxsie e seus Banshees deram a largada, ainda no final de 86. Depois não parou mais — de Ramones a Echo, de Bolshoi a PIL. O ano ainda não acabou... Receberemos a visita de **Sting** estreando sua turnê mundial em cinco cidades brasileiras — São Paulo, Rio, Porto Alegre, Belo Horizonte e Goiânia. Esta será a segunda vinda de Sting ao Brasil. Alguns podem não se lembrar: a primeira foi em 82 com o Police, uma viagem da qual ele guarda algumas lembranças não muito boas ("estava exausto, mal conseguia parar de pé"). Cinco anos, dois álbuns solo e alguns filmes a mais em seu currículo, o humanista Sting está mais disposto a promete um show daqueles. Isto e muito mais na superentrevista que **José Emílio Rondeau** fez em Nova York.

Aliás, esta edição está recheadíssima de entrevistas. Um pouco antes do racha que partiu o coração dos fãs, **Morrisey** e **Johnny Marr** já dão indícios das borrascas que estavam por vir. E por conta de atritos variados e mal-entendidos diversos, tivemos que suar para falar com o **Camisa de Vênus**. Enquanto isso, **Jean-Yves de Neufville** foi tirar **Peter Murphy** de seu sossego para um papo sobre o passado com o Bauhaus e seus projetos solo. **Os Engenheiros do Hawaii** foram capturados por **Sônia Maia**, que os submeteu a um verdadeiro interrogatório.

O setor internacional também está cheio de biscoitos finos: **Anamaria Guimarães de Lamos** escarafunchou as gravadoras independentes de Bruxelas e descobriu verdadeiras pérolas. A onda de **Heavy Metal** que abalou os EUA foi devidamente radiografada. E no Air Mail, surpresinhas! **Pepe Escobar** mandou o relatório da visita quase ritual que fez à sede da Motown, em Detroit, e **Ana Maria Bahiana** tentou entender o que se passa no Império do Sol Nascente.

Madonna este ano provou o doce sabor do sucesso — tanto como cantora quanto como atriz. Em Cinema, seu novo filme, *Quem é Essa Garota*? Dá para imaginar a resposta?

Bia Abramo

3 ÍNDICE
Você está aqui...
6 SHOWBIZZ
Notas, notícias & boataria
14 PARADA
EUA, Grã-Bretanha e Parada do Leitor
18 LANÇAMENTOS
Discos quentinhos da boca do forno
28 VÍDEO
Um apanhado dos principais lançamentos
32 STING
As lições do Mr. Gordon Sumner
42 CAMISA DE VÊNUS
Marcelo Nova abre o jogo
48 METAL IN USA
O heavy estourando a boca do balão
54 ENGENHEIROS DO HAWAII
Os dândis também se rebelam
59 ENTREVISTÃO
Smiths x Smiths
70 PETER MURPHY
O ex-Bauhaus tira as máscaras
78 POP BELGA
Na encruzilhada da Europa, os selos independentes mais quentes
84 HAI-KAI MUSIC
O milenar se encontra com o ultramoderno
86 AO VIVO
Bolshoi, Luiz Melodia, Bon Jovi, Free Jazz Festival, Donna Summer, Etta James e Def Jam Tour
94 CINEMA
Madonna surpreende em seu novo filme
99 EM CARTAZ
Uma Noite Alucinante, A Hora do Pesadelo 3, Rádio Pirata e A Hora da Zona Morta
102 CLIP
Os melhores da MTV 87
106 PORÃO
Operação pente fino
108 LETRAS
"Luka", de Suzanne Vega
110 MEU INSTRUMENTO
As teclas de Chick Corea
112 AIR MAIL
Direto dos EUA e Japão
116 DISCOTECA BÁSICA
Horses, de Patti Smith
120 CARTAS & SERVIÇOS

Fotos de capa: Bichon / Sipa Press (Sting), Rui Mendes / Abril (Camisa de Vênus)

CURTO E GROSSO

Foto Gamma Sigla

Ike & Tina: trajetórias opostas

David Byrne, dos **Talking Heads,** se casou recentemente em Paris com a atriz e desenhista de modas **Adèle Kutz.**

Ike Turner, o ex de Tina, foi preso outro dia, depois de ter violado as leis de trânsito em Hollywood. Deu azar: a polícia ainda achou uma pequena quantia de *crack* no carro dele, e ele acabou sendo detido por posse de drogas.

E o grupo **Big Brother and the Holding Company** está de volta. Foi a melhor banda que acompanhou **Janis Joplin** nos bons tempos. Eles estão até anunciando que terão uma substituta à altura de nossa saudosa Janis. É mole?

NOVIDADES NO VINIL

LFI

Rory Gallagher, um dos representantes máximos do blues branco escocês

Alô, fãs do psicodelismo e afins. Acaba de sair (lá fora!) o segundo LP dos **Dukes of Stratosphear,** na verdade, uma segunda identidade do pessoal do **XTC,** profundos conhecedores e admiradores do gênero. O nome do disco é *Psonic Psunspot*.

E na seção "a volta dos mortos-vivos", temos aí mais duas novidades: **Rory Gallagher,** exímio guitarrista branco de blues, ex-candidato à vaga deixada por Mick Taylor nos Rolling Stones e criador do Taste, grupo inglês razoavelmente conhecido no início da década de 70, está de volta com o LP *Defender*. E **Dave Mason,** lendário guitarrista/fundador do Traffic, vem aí com mais um LP solo (ainda não sabemos o título). Uma coisa é certa: o LP contará com importante participação de **Steve Winwood** (também ex-Traffic) nos teclados. Há quinze anos que Mason e Winwood não tocavam juntos.

E por falar em saudades, mais duas curtinhas para alegrar os fãs dos bons tempos do punk inglês. Vem aí o novo (?) LP da **Sham 69,** intitulado *Rip and Tear*, e uma coletânea do **Clash,** chamada *Revolution Rock*.

OUÇA ESSA

"Gastamos uma fortuna na América; foram cerca de treze mil dólares só em drogas. Assim que chegamos lá, compramos 30 ácidos, oito gramas de cocaína e seis gramas de *speed*."

Wayne Hussey, do **Mission,** falando à Melody Maker sobre a primeira excursão do grupo pelos EUA.

MICHAEL JACKSON PAPAI?

Michael Jackson, pai de três filhos?! É o que afirma **Lavon Powlis,** uma americana de 39 anos que se auto-apelidou de "Billie-Jean", e que diz ser mãe de três filhos de Michael Jackson. Powlis entrou com ação de paternidade na justiça americana, exigindo nada menos que 150 milhões de dólares de indenização. Os assessores de Michael se apressaram em chamar a ação de "ridícula". E nós aqui dizemos mais: será que Michael é disso?

CURTAS E GROSSAS

Vienna Retna

Falco: dos palácios vienenses aos estúdios sofisticados de Giorgio Moroder

O grupo industrial iugoslavo **Laibach** (que teve seu LP *Opus Dei* lançado recentemente pela WEA no Brasil) se encontra atualmente em Hamburgo, na Alemanha. Eles aceitaram o convite do diretor teatral **Peter Zadek** para compor e interpretar (ao vivo) a trilha sonora de sua encenação de Macbeth (!).

Já se sabe "algo mais" sobre o novo projeto conceitual de **Pete Townshend.** É um musical (deve ser nos moldes de *White City*, ou seja, um vídeo média-metragem com trilha sonora lançada em LP) chamado *The Iron Man*.

O austríaco **Falco** está trabalhando com **Giorgio Moroder** no seu próximo LP. Fala-se também num dueto de Falco com a ex-senhora Stallone, **Brigitte Nielsen.**

Em tempo: **Madonna** em breve estará interpretando **Ginger Rogers** no cinema.

ROCK'N'CINE

Roy Silveira

Chuck Berry: sem ele, a música dos Beatles e dos Rolling Stones seria outra

Deus nos acuda! **Barry Gibb,** dos **Bee Gees,** que estão voltando à ativa, escreveu o roteiro (?) de um filme. Chama-se *Hawks* e o papel central será de **Timothy Dalton,** o novo James Bond. Gibb e **Eric Clapton** estão escalados para compor a trilha sonora.

E vem aí *Hail! Hail! Rock'n'Roll*, que focaliza **Chuck Berry** nos melhores momentos do show de seu sexagésimo aniversário, realizado no ano passado em St. Louis, com participações de **Keith Richards** (co-produtor da película), Eric Clapton, **Robert Cray** e **Etta James.** Como se não bastasse, ainda aparecem no filme **Bruce Springsteen, Little Richards** e **Bo Diddley** falando de Chuck Berry. A produção foi estimada em 15 milhões de dólares e o diretor é **Taylor Hackford** (o mesmo que produziu *La Bamba*).

Gravadora EMI

Coleman: música, cinema e literatura

NOVAS PIADAS

O **Killing Joke** está gravando um novo LP. Parece que vai ser a trilha sonora de um filme dirigido por **Peter Weir** (*A Costa do Mosquito, A Testemunha, O Ano em que Vivemos em Perigo*) que está sendo rodado numa ilha australiana. O grupo vai aparecer tocando ao vivo perto de uma cratera vulcânica — um cenário bem adequado ao som deles. O filme deverá ser lançado em janeiro. Enquanto isso, o vocalista/líder do seu primeiro livro: é uma história do Killing Joke, intitulada *A Irrational Domain*.

WEA

Johnny Marr: novos embalos com sabor de funk

MARR E ACR

A primeira vez que **Johnny Marr** subiu num palco depois de sua saída dos **Smiths** foi para tocar guitarra na música "Shack Up", com o **A Certain Ratio,** num show que o grupo de Manchester deu em Brixton. Em tempo: o ACR já não pertence mais ao cast da gravadora Factory.

CURTAS E GROSSAS II

Claudia Thompson/Kal

Simon Gallup e sua revista predileta: motivo a mais para sorrir

No último *Showbizz* anunciamos a saída de **Richie Ramone** e a entrada de **Clem Burke** no posto de baterista dos **Ramones**, lembram? Pois mal Burke sentou no banquinho e já decidiu sair do grupo por "diferenças pessoais". Em seu lugar, volta ao grupo **Marky Ramone** (ou Marc Bell), que foi baterista dos Ramones de 78 a 83.

Lloyd Cole & the Commotions já não é mais quinteto. Acaba de sair o tecladista (e um dos fundadores da banda) **Blair Cowan.**

Simon Gallup, baixista do **Cure**, casou com Carol, uma antiga colega de infância, há algumas semanas. A cerimônia foi realizada no vilarejo inglês de South Nutfield. Entre os convidados, estiveram integrantes do **Cure** (**Bob Smith** também, *of course*), **Half Man Half Biscuit, Curiosity Killed the Cat** e **Bananarama.**

TINA TURNER NO BRASIL

Sanma Soja

Tina Turner: em janeiro, uma bomba atômica explodindo no Brasil

BOMBA!! BOMBA!! **Tina Turner** vai cantar aqui em janeiro, entre os dias 4 e 18. Foi confirmado que serão dois shows no Rio e dois em São Paulo. Oooooooobaaaa!

Encerrando, uma notícia chata: foi adiada a vinda do **Cult** ao Brasil, sobre a qual falamos na edição passada. Em vez de em novembro, ele vem em março do próximo ano.

ROCK'N'CINE II

Mrs. Lennox: ao vivo, no cinema

Vem aí o filme *Brand New Day*, documentário que cobre (com trechos de shows e entrevistas) o final da turnê mundial dos **Eurythmics**. A fita foi rodada no Japão e dirigida por **Amos Gitai.**

O grupo paulista **Chance** já deu os últimos retoques na trilha sonora de *Romance*, o novo filme de **Sérgio Bianchi** (*Maldita Coincidência, Mato Eles?*), com cenas rodadas em Curitiba e São Paulo. No elenco estão Rodrigo Santiago, Imara Reis, Isa Kopelman, Hugo Della Santa e Cristina Mutarelli.

Pra finalizar, mais uma de **Madonna** e a sétima arte (ela tá mesmo doida pra fazer sucesso como atriz, só que está difícil...): ela acaba de abocanhar os direitos de filmagem de *Peter Pan* (e passou uma bela rasteira em Michael Jackson, que também estava louco para refilmar a história) e já está acertando os detalhes da produção. O diretor deverá ser o dinamarquês **Lasse Hallstrom.**

OUÇA ESSA II

"Who the fuck is Paulo Ricardo?" ("Mas afinal, quem é Paulo Ricardo?") **Brian Eno**, respondendo aos inúmeros boatos de que produziria um disco solo de Paulo Ricardo.

BRASILEIRO NO BOLO

As revistas *NME*, *Time Out*, *Music Week* já falaram deles. É o grupo **Bolo Bolo**, que faz uma mistura de jazz e ritmos latinos, chamada de "afro-bass percussivo" (?) pela imprensa, e tem um integrante brasileiro, o baixista **Eduardo Beltrão**. Entre os outros seis integrantes tem argentino, polonês e inglês. Eles ainda não lançaram disco, mas têm realizado shows em vários pontos de Londres e abriram para o **Working Week** (com quem foram comparados pela crítica).

Brasil, 1964: Rita Pavone com The Clevers

MALA DE VIAGEM

"La Valiglia" ("Mala de Viagem") é o nome do show que a cantora italiana **Rita** "Datemi un Martello" **Pavone** estará apresentando no Brasil (São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro) de 24 de novembro a 6 de dezembro. Ela vem acompanhada por seis músicos e duas *backing* vocalistas para mostrar um repertório composto — segundo o *press release* — de "coisas antigas, coisas novas, mas sempre tudo aquilo que se gosta". Rita, aos 42 anos e bem conservada, promete esbanjar a mesma energia que empolgou nossos pais, quando ela dançava o "*swim*" nos anos sessenta e vendia seus 25 milhões de discos. A Continental aproveitou o embalo para lançar o LP *Rita Pavone Per Sempre*. Em tempo: no Rio ela canta no Scala, em Belô, no Palácio das Artes e em Sampa, no Palace.

O HOMEM QUE CAIU NA TERRA

Em sua recente visita, o multimídia, produtor e decorador de ambientes **Brian Eno** vibrou mais com tutu & torresmos e com o *Cassino do Chacrinha*. Em suas próprias palavras: "Se fosse na Inglaterra, as chacretes seriam um bando de louras aguadas — aqui não, há morenas, pardas, mulatas e orientais. Gosto de vulgaridade tanto quanto qualquer um... Não sei por que todo mundo pensa que sou vegetariano, não-fumante e homossexual!"

Antonio Rizola/Kal

Brian Eno: chacretes, tutu e torresminho

Andy Kent/Retna

Los Lobos: os bambas preparam um Natal especial

LEVANTANDO FUNDOS

Vêm aí três lançamentos beneficentes da pesada: o primeiro que deverá arrecadar mais, é o LP *A Very Special Christmas*, com quinze canções (a maioria inédita) natalinas de gente como **U2, Madonna, Bruce Springsteen, Whitney Houston, Eurythmics, Sting, Run-DMC, Los Lobos** e outros megastars. O disco vai levantar fundos para os *Special Olimpos* (Olimpíadas Especiais para deficientes físicos). O disco obviamente será lançado por volta do Natal.

U2 e Bruce Springsteen também estão num disco onde são interpretadas músicas de **Woody Guthrie**. O LP (que tem **Bob Dylan** no meio) é em benefício do *Smithsonian Institute*, entidade que faz pesquisas no campo da cultura.

The Secret Policeman's Third Ball é o nome do LP gravado durante os concertos realizados em Londres no mês de março para levantar fundos para a Anistia Internacional. No disco há gravações de **Mark Knopfler** com **Chet Atkins, Kate Bush** com **David Gilmour, Jackson Browne** e outros.

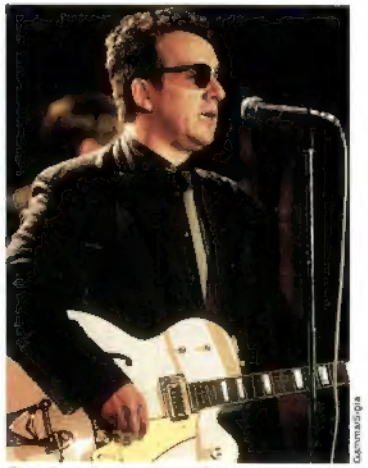
PERDÃO, CLAUDETTE

Eis que chega mais um cartão postal de nossa velha amiga **Claudette Poodle**, desta vez com carimbo das Ilhas Seychelles:

"Gente!!! Simplesmente ridícula a falta de atenção de vossos redatores. Favor corrigi-los: (1) Eva Joory — "Maggie's Farm" é do ancião **Robert "Dylan" Zimmerman**, nunca de Rod Stewart! (2) Pepe Escopeta — "Sons of the Silent Age", do ancião **David "Bowie" Jones**, pertence ao LP *Heroes*, nunca ao *Diamond Dogs!!* (3) A próxima vez que vocês escreverem "brazilian" com "s", apareço aí para editar essa %¢§!!!"

"De resto, beijos a vocês e a todos os fãs que exigem meu retorno imediato às páginas de +¢§!!!"

A UNIÃO FAZ A FORÇA



Elvis Costello: dando uma força

Lou Reed deu uma canja num show do **Duran Duran** realizado no Beacon Theatre de Nova York. Juntos, eles lascaram "Walk on the Wild Side" e "Sweet Jane".

Elvis Costello fez uma música com **Paul McCartney**. Chama-se "Back on My Feet", e ela está no lado B do single "Once Upon a Long Ago" de Paul McCartney, lançado recentemente. Elvis Costello também contribui no novo LP do *old-timer* **Roy Orbison**.

Kevin Rowland está em Nova York acertando os detalhes do próximo LP do **Dexys Midnight Runners**, com seu novo produtor, nosso conterrâneo **Eumir Deodato** (!!!!!).

Robin Guthrie, guitarrista dos **Cocteau Twins**, colabora no próximo LP do grupo americano **Gun Club**, que, aliás, não tem nada a ver com os Cocteau Twins. As gravações foram feitas em Londres.

OBRAS ILUSTRES

Captain Beefheart: pintor, poeta e um dos grandes gênios do rock

Ooooooobaaaaaaa! Saiu **Chuck Berry**: *The Autobiography*, pela editora americana Crown. Finalmente podemos conhecer sua história, repleta de prisões, encrencas e outras aventuras. Sem notar, é claro, a importância de seus relatos sobre os *good old times*, aqueles tempos em que ele, Little Richard, Carl Perkins, Jerry Lee Lewis, Elvis e outros criaram esse monstrinho chamado rock'n'roll...

Captain Beefheart (também conhecido como Don Van Vliet) está lançando um livro de poemas, chamado *Skeleton Breath, Scorpions Blush*.

Barry Manilow (argh!) conta sua história em *Sweet Life: Adventures on the Way to Paradise*, lançamento da McGraw-Hill.

E quem também está escrevendo sua autobiografia é o ex-junkie **David Crosby** (lembram do Crosby, Stills, Nash & Young?). O livro deverá ser lançado no próximo ano, mas já tem título: *Long Time Gone*.

NAS BANCAS

Já está nas bancas a novíssima edição de Letras Traduzidas, com textos de Madonna, Michael Jackson, Sting, Smiths, Cure e outros ídolos. Por falar nisso, também saiu um sensacional especial de Ídolos do Rock, com a história do rock nacional, de Cely Campello, passando por Mutantes até Legião, Titãs e RPM (e ainda tem fotos espetaculares e uma discografia selecionada).

A SET nº 6 também espera por você nas bancas, com tudo sobre *Os Intocáveis*, e a Ciccio-lina, uma seleção dos melhores vídeos de cinema nacional e uma entrevista exclusiva com o diretor George Miller (*Mad Max* e *As Bruxas de Eastwick*). E em homenagem à vinda de Sting ao Brasil, não deixamos por menos: relançamos a revista-poster que conta toda a sua história. Ooooooobaaaaaaaa!

O NOVO PROJETO SP

Ooooooobaaaaaaa! Está de volta, desde o último dia 12, o novo **Projeto SP**. O espaço, antigamente instalado à Rua Caio Prado sob uma lona de circo, funcionará, agora, no prédio de uma antiga fábrica no bairro do Pacaembú — a 650 metros da estação Barra Funda do Metrô.

São 8 mil metros quadrados de área construída — com capacidade para 7 mil pessoas — divididos em platéia, mezanino, balcão nobre e camarotes. O som ficará a cargo da última geração da Soundcraft e a iluminação por conta de 220 refletores. Arnaldo Walygora, um dos proprietários, dá a notícia que mais interessa nestes tempos de vacas cadavéricas: "Seguiremos o mesmo espírito do antigo projeto - o melhor pelo menor preço". Vale conferir.

APLAUSOS PARA A GLASNOST!

Rock russo é com o Autograph

Pela primeira vez na história do maior país do mundo, foi autorizada a saída de bandas de rock para alguns concertos em países "capitalistas". Foi assim que os grupos **Autograph** e **Dialogue** chegaram em Londres, há algumas semanas, para um show conjunto no Hammersmith Odeon. É isso aí, Gorbatchev!

E a *glasnost* segue inspirando até os países mais "duros" do Leste Europeu. **Bob Dylan** foi o primeiro artista americano a tocar na Alemanha Oriental, a comunista. Ele se apresentou num estádio em Berlim, na noite de 17 de setembro. Só no primeiro dia em que os ingressos foram postos à venda, foram vendidos 70 mil (!). A promoção do evento foi obra da Organização da Juventude da Alemanha Comunista. *Jawohl!*

NOVIDADES NO VINIL II

Shane MacGowan, líder dos Pogues: paixão pelo folk irlandês e inglês

Paul McCartney está lançando uma coletânea com seus maiores sucessos solo. O disco, que tem algumas músicas inéditas, é duplo e chama-se *All the Best*.

Depois de quase três anos sem lançar disco, os **Pogues** voltam com um LP produzido por **Steve Lillywhite**. O título será divulgado assim que o grupo tiver decidido por qual gravadora o disco será lançado.

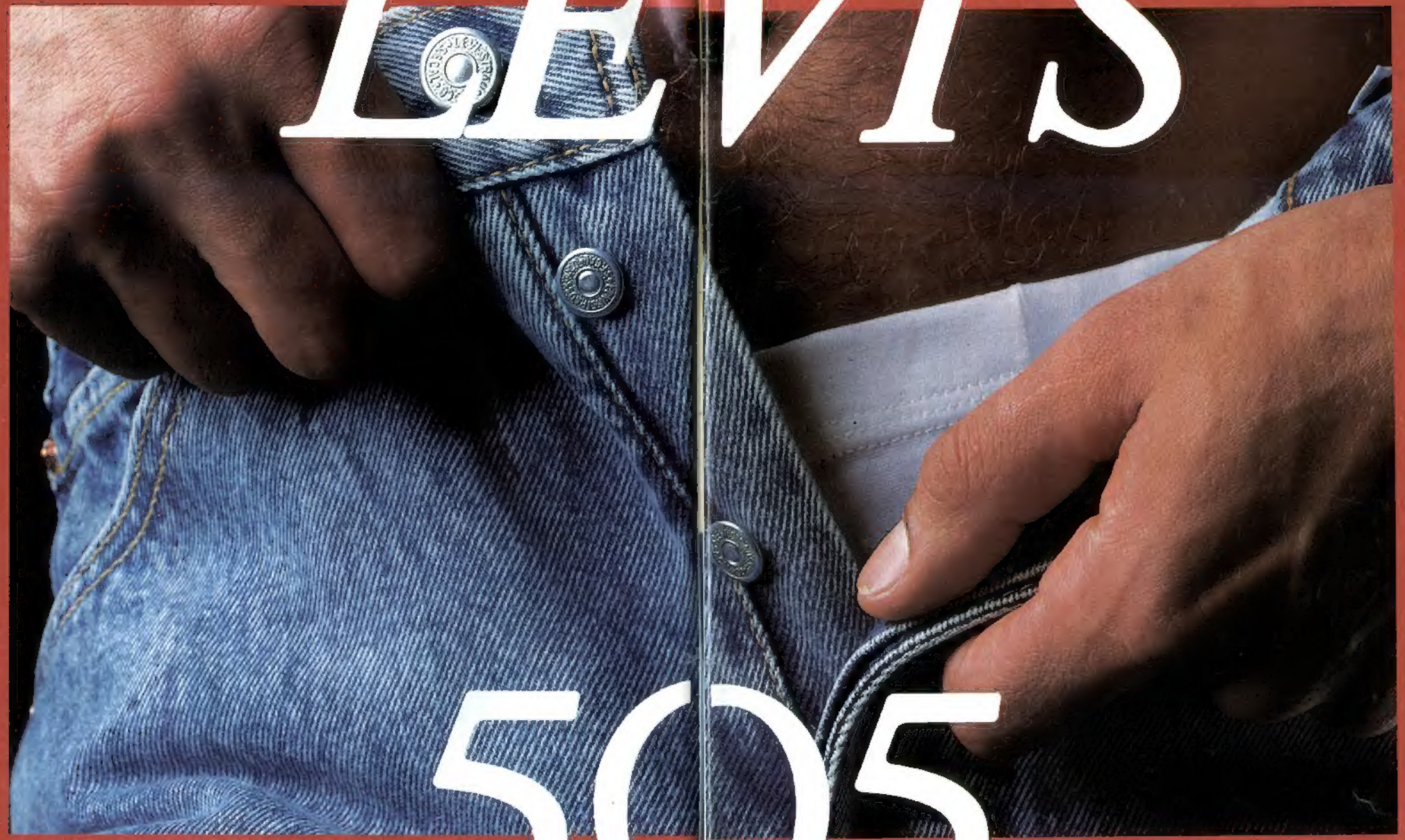
E, para encerrar, notícias frescas na seção "A Volta dos Mortos Vivos" **Roger Hodgson**, um dos líderes do Supertramp, lançou mais um LP solo, chamado *Hai Hai*. **Jean-Luc Ponty**, o violinista, lançou *The Gift of Time*. **Mike Oldfield** lançou *Islands*, depois de três anos sem gravar. E **Wilson Pickett** finalmente assinou com a Motown. Já está pronto seu novo LP, *American Soul Man* onde regravou o antigo sucesso "In The Midnight Hour". Ooooooobaaaa!

OS MILIONÁRIOS

Bill Cosby, o mais rico de todos

A revista financeira Forbes publicou recentemente uma lista das cinqüenta maiores fortunas levantadas em 86/87 no mundo do entretenimento. O roqueiro mais bem colocado é **Bruce Springsteen**, que com seus 56 milhões de dólares, ocupa o terceiro lugar, atrás do comediante **Bill Cosby** (84 milhões) e de **Silvester Stallone** (74 milhões). **Madonna** está em sétimo (47), **Whitney Houston** em oitavo (44) e **Michael Jackson** em nono (43). A lista segue com **U2** (37), **ZZ Top**, **Bon Jovi**, **Van Halen**, **Prince** (em vigésimo com 23 milhões), **Billy Joel**, **Paul McCartney**, alguns astros hollywoodianos (**Michael J. Fox**, **Jack Nicholson**, **Tom Cruise**) e boxeadores (**Mike Tyson**, **Marvin Hagler**, **Sugar Ray Leonard**).

LEVI'S



THE AUTHENTIC

505

LEVI'S

PARADA

Violeta de Outono: um novato entre os preferidos dos leitores

Parada do Leitor (LPs)

1	(2)	*The Joshua Tree* — **U2** (WEA)
2	(1)	*Kiss Me Kiss Me Kiss Me* — **Cure** (Polygram)
3	(N)	*Brotherhood* — **New Order** (WEA)
4	(4)	*Vida Bandida* — **Lobão** (RCA)
5	(R)	*Crocodiles* — **Echo & The Bunnymen** (WEA)
6	(13)	*Closer* — **Joy Division** (Eldorado)
	(15)	*Nunca Fomos Tão Brasileiros* — **Plebe Rude** (EMI-Odeon)
8	(3)	*The World Won't Listen* — **Smiths** (WEA)
9	(6)	*The Top* — **Cure** (Polygram)
	(N)	*Violeta de Outono* — **Violeta de Outono** (RCA)
11	(4)	*Sexoft* — **Ultraje a Rigor** (WEA)
	(8)	*Standing on a Beach* — **Cure** (Polygram)
	(N)	*Echo & The Bunnymen* — **Echo & The Bunnymen** (WEA)
14	(7)	*Scoundrel Days* — **A-ha** (WEA)
	(12)	*The Autobiography of Supertramp* — **Supertramp** (Polygram)

LEVI'S MESBLA

Convenções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou neste mês. Acrescente seu nome e endereço para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1	(10)	*La Bamba* — **Trilha Sonora — Vários** (Slash)
2	(3)	*Whitesnake* — **Whitesnake** (Geffen)
3	(1)	*Whitney* — **Whitney Houston** (Arista)
4	(N)	*Hysteria* — **Def Leppard** (Mercury)
5	(2)	*Bad Animals* — **Heart** (Capitol)
	(4)	*Bigger and Deffer* — **L L Cool J** (Def Jam)
7	(N)	*Who's that Girl?* — **Trilha Sonora — Vários** (Sire)
8	(8)	*In the Dark* — **Grateful Dead** (Arista)
9	(4)	*The Joshua Tree* — **U2** (Island)
10	(N)	*Bad* — **Michael Jackson** (Epic)

Compactos (EUA)

1	(5)	"La Bamba" — **Los Lobos** (Slash)
2	(N)	"Didn't We Almost Have It All" — **Whitney Houston** (Arista)
3	(N)	"I Just..." — **Michael Jackson & Siedah Garret** (Epic)
4	(N)	"Here I Go Again" — **Whitesnake** (Epic)
5	(3)	"Who's that Girl" — **Madonna** (Sire)
	(N)	"Can't We Try" — **Dan Hill & Vonda Sheppard** (Columbia)
7	(N)	"Only in My Dreams" — **Debbie Gibson** (Atlantic)
8	(N)	"Carrie" — **Europe** (Epic)
9	(N)	"When Smokey Sings" — **ABC** (Mercury)
10	(N)	"I Heard a Rumour" — **Bananarama** (London)

LPs (GB)

1	(N)	*Hysteria* — **Def Leppard** (Mercury)
2	(N)	*Bad* — **Michael Jackson** (Epic)
3	(3)	*Whitney* — **Whitney Houston** (Arista)
4	(3)	*The Joshua Tree* — **U2** (Island)
5	(5)	*Who's that Girl?* — **Trilha Sonora — Vários** (Sire)
6	(N)	*The All Time Greatest Hits* — **Elvis Presley** (RCA)
7	(N)	*Changing Faces* — **10 cc/Godley & Creme** (Polydor)
8	(2)	*The Hits Album 6* — **Vários** (CBS)
9	(1)	*Introducing the Hardline...* — **Terence Trent D'Arby** (CBS)
10	(N)	*Actually* — **Pet Shop Boys** (EMI)

Compactos (GB)

1	(N)	"Never Gonna Give You Up" — **Rick Astley** (RCA)
2	(N)	"Wipeout" — **Fat Boys & Beach Boys** (Urban)
3	(N)	"Heart and Soul" — **T'Pau** (Siren)
4	(N)	"Toy Boy" — **Sinitta** (Fanfare)
5	(N)	"Where the Streets Have no Name" — **U2** (Island)
6	(N)	"What..." — **Pet Shop Boys & Dusty Springfield** (Parlophone)
7	(N)	"Wonderful Life" — **Black** (A&M)
8	(N)	"Sweet Little..." — **Wet Wet Wet** (The Precious Organisation)
9	(N)	"Causing a Commotion" — **Madonna** (Sire)
	(N)	"Casanova" — **Lovert** (Atlantic)

LPs Independentes (GB)

1	(N)	*Substance* — **New Order** (Factory)
2	(9)	*Within the Realm of a Dying Sun* — **Dead Can Dance** (4AD)
3	(1)	*Give me...* — **Dead Kennedys** (Alternative Tentacles)
4	(N)	*The Fat Skier* — **Throwing Muses** (4AD)
5	(3)	*Turning Rebellion into Money* — **Conflict** (Motorhate)
6	(N)	*Scum* — **Napalm Death** (Earache)
7	(2)	*Lonely is an Eyesore* — **Vários** (4AD)
	(N)	*Steel Construction* — **Leather Nun** (Wire)
9	(N)	*Inky Blosters* — **Danielle Dax** (Awesome)
10	(4)	*Dawnrazor* — **Fields of the Nephilim** (Situation Two)

Compactos Independentes (GB)

1	(N)	"Soft as your Face" — **Soup Dance** (Raw TV)
2	(N)	"Pump up the Volume" — **MARRS** (4AD)
3	(1)	"True Faith" — **New Order** (Factory)
4	(N)	"Baby Turpentine" — **Crazy Head** (Food)
5	(N)	"Thru the Flowers" — **Primitives** (Lazy)
6	(9)	"Girlfriend in a Coma" — **Smiths** (Rough Trade)
7	(N)	"Never Let me Down Again" — **Depeche Mode** (Mute)
8	(N)	"A Word to the Wise" — **Ghost Dance** (Karbon)
9	(N)	"He's a Whore" — **Big Black** (Blast First)
10	(3)	"Headache" — **Big Black** (Blast First)

Fonte: Cash Box e Billboard (EUA), New Musical Express e Melody Maker (GB) de 05 a 26.09.87

DESLIGO A TV, LIGO A VIDA.

DA VELHINHA NA CADEIRA DE BALANÇO, LANÇO UM ZOOM PRO 101. É A MORENA DE TANGA MICRA DE TANGANICA. DELIRO. GIRO O BOTÃO DO OLHAR PRO QUINTO ANDAR. FORA DO AR. NO 302, CENAS DE BANG-BANG EXPLÍCITO. PRATOS VOAM, DISCOS VOADORES, SCIENCE FICTION. INTERVALO PRA COMERCIAL. A MOÇA FUMA NA JANELA. BUZINADAS. A MOÇA DESCE. ACHO QUE A MOÇA NÃO VOLTA HOJE. ACHO QUE A MOÇA NÃO VOLTA MAIS. HIT CHOQUE. LUZES SE APAGAM. SÓ O HOMEM DO 301 ESCREVE À MÁQUINA CARTAS DE AMOR. COMO EU SEI? LEITURA TELELABIAL-AUDITIVA-TIPOGRÁFICA. E VOLTA E MEIA ELE PÁRA PRA CHORAR. É A VIDA AO VIVO NA JANELA DO MEU APARELHO DE MORAR. UMA TEVÊ QUE AINDA NÃO PERDEU A COR.

EXCLUSIVIDADE
MESBLA

ALTERNATIVA®
NADA MUDA SE VOCÊ NÃO MUDAR

LANÇAMENTOS

FRANK'S WILD YEARS — Tom Waits (WEA)

O diabo na garganta de Mr. Waits respira a fumaça de bares escurecidos, cheira a bourbon e canta entre sonolento e desesperado. Sua alma é definitivamente negra. Suas histórias, cheias de estradas, cães vadios, trens e chuva. Sua voz cada vez mais rouca — a noite nunca termina... De sua galeria de personagens desencantados, ele escolhe, para brindar à ascensão e queda de Frank, um desses garotos interioranos que vislumbrou a fama na cidade grande e se deu mal. O tema é trágico. Foi encenado em palcos pela Steppenwolf Theatre Company. No vinil, encerra uma trilogia de aprimoramento de jazz, country, blues, vaudeville e canções de Kurt Weill, iniciada no LP *Swordfishtrombone*. A gravidade de sua voz continua a lembrar Louis Armstrong. Desta vez, porém, ele não poupa sequer uma paródia de *The Voice*, Mr. Sinatra *himself*, na faixa "Straight to the Top". O disco é repleto de achados. O lado A narra a ascensão com inocência. "Innocent When You Dream" é a canção que encarna a esperança de todos os Franks do mundo, e amargamente ressurge no lado B para encerrar com ironia a desilusão de um herói que nasceu perdedor. Orquestrações artasiadas servem de base para os urros de dor. A atmosfera é naturalmente sombria. Preto e branco como os filmes de Jim Jamursch. Tom parece fazer parte do mesmo universo do diretor de *Down by Law* — filme em que atua. Um universo atemporal, que ainda se sacode ao ritmo do bebop, estalando os dedos enquanto um arranjo dissonante desconcerta as noções de nostalgia como uma queda bêbada na sarjeta. "Oh, tentação, tentação. Eu não posso resistir. Eu sei que ela é feita de fumaça...", canta Mr. Tom Waits, acompanhado por um acordeom quebrado, escuridão adentro. *Marcel Plasse*

TRIBUTE — Ozzy Osbourne/Randy Rhoads (CBS)

Com este *Tribute*, Ozzy declara a falta que está fazendo Randy Rhoads ao heavy e a ele próprio. Na época da morte de Randy, um Ozzy chocado suspendeu shows e discos, pois, além de grande guitarrista, ele era seu grande amigo e conselheiro. Em cena, Randy estraçalhava seu instrumento, solava com classe feroz quase o tempo todo e ainda tinha (era 81) a seu lado feras como Tommy Aldridge e Rudy Sarzo. O álbum duplo traz clássicos *sabbathianos* ("Iron Man", "Paranoid") e sucessos do início da fase solo ("I Don't Know", "Crazy Train", "Mr. Crowley", "Flying High Again") em versões ao vivo e mais uma faixa solo de Randy em estúdio. É um álbum imperdível para o amante do gênero satânico. A banda de Ozzy nunca mais foi a mesma. Fica este tributo. *L.R.*

WHO'S THAT GIRL? — Madonna/Vários (WEA)

Embora parte da imprensa especializada considere Madonna um artifício abaixo de cão, há de se considerar, não obstante suas limitações como intérprete, sua representatividade no contexto atual. Distante de transgressões, ela uniu os mais descarados clichês do pop a um charme extraperucular, sendo capaz de espelhar em suas letrinhas os desejos de toda uma adolescência e proporcionar, tanto como virgem ou vilã, a possibilidade de sonhar.

Desta vez, ela é a estrela do filme de James Foley e comparece com cinco das dez composições da *sound track*. Sob a linha *pop-funkster* da disco music, ela apresenta as aceitáveis "Who's That Girl", "Causing a Commotion" e "Can't Stop". Não esquecendo seu poder de kitsch sedução, surge com "The Look of Love", uma baladinha de colorações metaleiras. No mais, são desprezíveis as faixas de Duncan Faure, Club Noveau, Michael Davidson e Coati Mundi. A surpresa é o luxuoso pop-acrílico do Scritti Politti. *F.N.*

CCCP - "LIVE IN MOSCOW" — UB 40 (RCA)

Formado há exatamente dez anos, em Birmingham, este octeto birracial foi um dos pilares na moldagem de uma forma peculiar de reggae na Inglaterra — junto ao Steel Pulse, Aswad e Misty in Roots. Genuinamente original, o UB 40 opta por um beat bem mais relaxado do que o das matrizes jamaicanas, enfatizando a melodia com hábeis pontuações de sax. Some-se a isto as vozes aveludadas dos irmãos Campbell e você terá a fórmula que o tornou um dos grupos mais prestigiados dos anos 80.

Com o advento da *glasnost*, os soviéticos tiveram o privilégio de ouvir o UB 40 ao vivo no ano passado, num concerto montado basicamente em cima das músicas dos álbuns *Rat in the Kitchen* e *Labour of Love*, ambos por sinal editados anteriormente no Brasil. Embora a platéia soviética se mostre meio tímida e um canastrão teime em traduzir todas as falas, o UB 40 parece radiante do começo ao fim do show, especialmente nas venenosas recriações de "Keep on Moving", de Curtis "Superfly" Mayfield e do mega-hit "I Got You Babe" que, com a ajuda dos trinados de Chrissie Hynde, teve a audácia de desbancar La Ciccone e seu "Into the Groove" do topo da parada inglesa em julho de 85. Ao final, a emoção de milhares de vozes entoando o refrão de "Sing Our Song" mostra que a música ainda pode mais do que a retórica de todos os políticos do planeta. *A.G.C.D.*

SANFONA & REALEJO — Sivuca & Rildo Hora (3M)

Coisa rara, um álbum de alto nível reunindo dois mestres em seus respectivos instrumentos: Sivuca na sanfona e Rildo Hora no realejo ou gaita. Um passeio musical através da autêntica música brasileira como "Doce de Coco", de Jacob do Bandolim; "Forró Bachiano", de Sivuca e Armandinho, e também o "Apanhei-te Cavaquinho", de Ernesto Nazareth e Hubaldo Sciangula. Há ainda "Os Meninos da Mangueira", de Rildo Hora e Sérgio Cabral, e o maravilhoso "Sanfona & Realejo", de Sivuca, que destacam o virtuosismo de ambos em seus instrumentos. Do grande Sivuca recordamos a frase: "Agora sim é que voltei para o Brasil", seu comentário após a apresentação no Teatro João Caetano, no Rio, após passar muitos anos nos EUA. E Rildo Hora é aquele que levou para o sucesso Beth Carvalho e Martinho da Vila, através de irrepreensíveis produções. *E.G.Jr.*

THE EARLY YEARS — Jan Hammer (CBS)

O tema de abertura do seriado *Miami Vice* ressuscitou o tecladista tcheco Hammer (ex-Mahavishnu) e suscitou esta coletânea de seus trabalhos solo de meados dos anos 70, com ênfase nas faixas "bolo-de-noiva" (camadas e camadas de teclados "cremosos") do bíblico LP *The First Seven Days*. Seu lado funky só entreaparece nas faixas de outros discos, em colaboração com Fernando Saunders (atual baixista de Lou Reed), o batera Tony Smith e o violinista Steve Kindler. Jazz-rock *déjà vu* só para saudosistas. *A.A.*

INDEPENDÊNCIA — Capital Inicial (Polygram)

Uma frágil embarcação flutuando à mercê das turbulentas águas da modança... A bordo, o agora quinteto Capital Inicial oscila ao sabor das ondas, ora impulsionado pela correnteza tépida do funk, ora entregue à intensidade do empuxo cool que já os envolvera no LP de estréia. O vaivém desse oceano sonoro não induz imediatamente ao enjôo, contudo mesmo os momentos mais interessantes que surgem de tal turbilhão parecem dirigidos apenas à metade inferior do corpo. É o caso de "Espelho no Elevador" e "Vem Bater no Meu Tambor", eficazes como apelo até a pista de dança, mas que, enquanto texto, pecam pela negligência, poesia no limiar da apoplexia. De resto, a fusão soa frustrada, resultado talvez da pressa em responder ao presunçoso vaticínio de alguns setores da mídia.

Outra explicação plausível para o vácuo das composições pode ser o fato de a produção não ter ocupado o leme criativo dessa empreitada, preferindo se ater aos aspectos propriamente técnicos da gravação. Alguns arranjos monstram-se até surpreendentes como em "Porque Nós", que se desenvolve de forma cinética e estimulante. Porém são incapazes de prender o interesse por muito tempo.

Independência tem assim seus méritos, porém lhe falta sangue, chama, algo mais. O brado acabou ressoando sem convicção. Inexoráveis, os grilhões persistem. *A.G.C.D.*

Ba-Dop-Boom-Bang — Grandmaster Flash (Polygram)

Ao lado da Afrika Bambaataa, Grandmaster Flash faz parte da geração dos pioneiros DJs que criaram nos guetos negros de Nova York o que conhecemos hoje por hip hop, aquele gostoso flerte do funk pesado com o rock idem, temperado com muita tecnologia.

Como Bambaataa, Grandmaster e sua trupe não fazem parte do viciado esquema comercial em que mergulhou o hip hop, com muito barulho para pouco conteúdo, egomanias e besteiradas mis. Eles estão apenas interessados em fazer boa música para dançar, com letras que dizem respeito a seu povo (políticas ou não), do modo como faziam nos guetos.

Por isso, o som que sai deste disco é até suave se comparado com os de outros grupos do gênero. Não há excessos. G.F. continua um dos melhores no scratch, e, se não há nenhuma música tão genial como sua obra-prima "The Message", pelo menos a diversão e a dança estão garantidas em faixas como "Underarms", que fala do famoso odor que exala das axilas black; "Them Jeans", sobre jeans apertadíssimos que quase matam por asfixia e "Big Black Cady", um *cuzão* de proporções "kowalskianas", que rompe qualquer coisa.

Abrindo e fechando o disco, a vinheta "Ain't We Funkin' Now" (lembram?) e no fim do lado A "We Will Rock You", aquela mesma do Queen. *T.L.*

Live at Hollywood Bowl — The Doors (WEA)

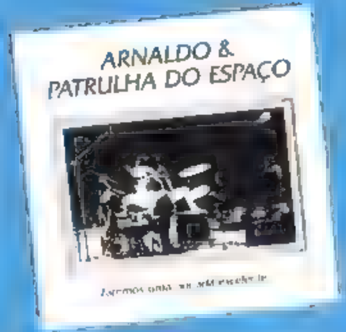
"Sejamos avaros como o oceano", aconselhava Rimbaud em sua noite no inferno. Parece que o verso foi seguido à risca neste álbum — com trechos do recém-lançado vídeo homônimo — desta que foi uma das bandas fundamentais na definição dos rumos tomados pelo rock contemporâneo, e cujo vocalista/letrista era fervoroso admirador do poeta francês. Afinal de contas, o LP tem menos de dez minutos de cada lado. Mas seus poucos, porém profundos, sulcos possuem verdadeiros tesouros: a caótica "Wake Up" introduz como um relâmpago uma versão impecável de "Light My Fire". No lado 2, a balada "Unknown Soldier" repentinamente torna-se marcial, ao som de uma sirene. Ela é seguida de dois *sketches* da suíte "The Celebration of the Lizard" — que só havia sido gravada anteriormente no duplo ao vivo *Absolutely Live*, de 70 (e foi lançada na versão nacional) — para encerrar-se com a flamenca "Spanish Caravan". Na época (julho de 1968), os shows dos Doors eram bastante irregulares, com Jim bebendo muito e alternando completos desastres com apresentações arrasadoras. *Live at H.B.* situa-se com certeza no último caso, pois capta com precisão a delirante energia de uma grande apresentação de Jim & Cia. em sua terra natal. Ou como havia previsto o Rei Lagarto no final de "The Celebration...": "Amanhã nós entraremos na cidade onde nasci/ Eu quero estar preparado". *C.P.*

Defalla (Plug)

Estranho Estado o Rio Grande do Sul, balizado de um lado pelo estupor esmaecido de bandas como Garotos da Rua e TNT, do outro pela fúria exuberante *off-off* de Atahualpa & Os Panques e A Vingança de Montezuma. Ao largo destas, encontramos o Defalla, aparentemente alheio aos resultados ($) que seu primeiro LP possa trazer. Nele, não há nem sinal de hits dirigidos às FMs, "ao sucesso". Ao contrário, a banda se mostra um puro exercício de brutalidade.

Defalla não é um disco fácil. Torna-se imprescindível a sua audição via fones de ouvido, tamanha a gama de influências e efeitos especiais que nos remetem ao pesadelo psicodélico modelo Butthole Surfers — percussão aleatória, imprecações, fraturas scratch, citações febris que vão de Tim Maia ao Cream (!), vozes tratadas e, sobretudo, a névoa púrpura emanada das guitarras de Edu K. Impulsionando esta máquina mórbida, Biba M., um dínamo de pouco mais de metro e meio de altura. O resultado é claustrofóbico, ainda que não de todo original.

Trafegando entre a tentativa e o erro — na busca de expressão própria —, o pop e o *radicaos* chocam-se no Defalla. Do atrito, nasce a faísca que um dia, espero, incendiará o cinquinho do rock no Brasil. *Arthur G. Couto Duarte*

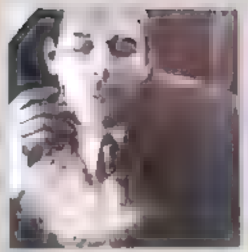


"FAREMOS UMA NOITADA EXCELENTE" — Arnaldo & Patrulha do Espaço (Vinil Urbano)

A baixa qualidade da gravação e mesmo o enorme solo de bateria não importam tanto. Vamos mais pela época de nos... dezembro... de 1978, quando Arnaldo Baptista, depois de deixar os Mutantes se uniu à Patrulha do Espaço ... — depois Dadá Chemont na ... Osvaldo ... Gennari no baixo e Júnior na bateria. Desde então transcorreram-se quase dez anos e nenhum LP com esta formação foi lançado. Só existiam as fitas piratas. [illegible] da Patrulha sem Arnaldo, mas isso é uma outra história.

A noitada ... mostra um Arnaldo cantando ora em inglês, ora em português suas idéias contrárias ao sistema ... época mais para punk do que outra coisa. Até o ... de ... Nada ... foi relembrado. Pouco tempo depois de gravar sozinho a maioria destes temas ... ele tinha uma base mais sólida, e ... passada com perfeição. Principalmente para nós ... ilustres ... dos Mutantes — em busca de suas raridades ... Arnaldo ... um pouco assustador ... Saber que as coisas ainda não mudaram ... Mas sei que tudo é rock ... espe...

Leopoldo Re...



ANGEL HEART — Trevor Jones featuring Courtney Pine (WEA)

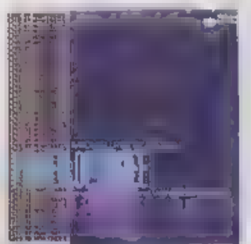
Trevor Jones, o compositor da trilha de *Expresso para o Inferno*, criou uma atmosfera densa, carregada pelo sax de Courtney Pine ... trechos de diálogos do filme de Alan Parker e ... satânicos. A começar pela ... de Bessie Smith ... sua morte ... do num hospital após um acidente automobilístico, serve como uma luva aos banhos de sangue da trama. Ainda há, regravada especialmente para o filme, uma canção ... Brownie McGhee, blues singer da velha guarda, que na tela interpreta o personagem Toots Sweet. É uma saborosa ... vocal de Laverne Baker. Mas nada supera a surpresa de "Girl of My Dreams", a faixa que Alan Parker descobriu num velho disco de 78 rotações de Glen Gray — sua orquestra de swing fez relativo sucesso nos anos 30, antes de Benny Goodman. É a canção que assombra o filme no ritmo cardíaco, estimulado por Jones e Pine.

M.P.

REGGAE NIGHTS — Jimmy Cliff (CBS)

Uma coletânea dispensável que parece ter sido feita especialmente para "encaixar" a balada "Now And Forever" — lançada anteriormente numa trilha de novela — em um disco de Cliff. E que é, com certeza, a pior ... descaracterizada faixa do LP. O resto da seleção é retirado dos ... *Special* (82), *The Power And The Glory* (83) e *Cliff Ranger* (85). Nestas faixas está melhor representada a verve musical deste que é um dos precursores e principais responsáveis pela assimilação do reggae no panorama pop internacional. O resultado final ... é um balanço morno e apenas parcial dos trabalhos mais recentes de Cliff.

C.P.



POWER OF THREE — Michel Petrucciani Featuring Jim Hall and Wayne Shorter (EMI Odeon)

A música deste disco é um salto no tempo... pra trás. De um lado, o recém-conhecido pianista Petrucciani, e, do outro, os ... Hall e Shorter. Eles nos levam de volta aos anos 50, mas ... filtrado por uma ... e menos agressiva. A outra face ... 50's e Mingus, Coltrane e Miles Davis. O melhor momento deste disco é o solo de sax de Shorter em "Morning Blues", de Petrucciani. Shorter exorciza seu passado jazzístico. Quanto a Petrucciani, é inevitável a referência a Bill Evans, pelo uso dos acordes e desenvolvimento da improvisação. Um grande elogio e uma responsabilidade. OK, um disco correto, com as coisas no lugar. Jazz?

L.T.

NO NUCLEAR WAR — Peter Tosh (EMI Odeon)

O *rastaman* sempre deu prioridade ao conteúdo messiânico de suas mensagens, baseadas num reggae poderoso, que no decorrer de sua carreira se tornaria repetitivo e até comercial. *No Nuclear War*, que quebra um silêncio de quatro anos, é mais um de seus panfletos. Como a capa dicaticamente esclarece, Tosh veste a batina de um missionário global, pregando o fim da corrida armamentista, munido de uma máscara contra gás. Quanto à música, melhor guardar na memória suas atuações com os Wailers (no LP *Catch a Fire*, de 73) e seus trabalhos solo iniciais, *Legalize It* (76) e *Equal Rights* (77).

J.Y.N.

PRIEST... LIVE! — Judas Priest (CBS)

The priest is back em busca de novos caminhos para a pauleira. E seus concertos continuam regados de muita animação. O visual é novo, as guitarras solo de Tipton e Downing duelam o tempo todo; a cozinha discreta de Holland e Hill, quando intervém, explode cabeças e Halford é vocalista dos mais afiados do gênero. Esse *Live* mostra o som ao vivo atual da banda agora regada de melodiosas guitarras sintetizadas. O pique é sempre alto com a participação ativa do público, e haja adrenalina em "Breaking the Law", "Love Bites", "Rock Around the World" e o hapenning-apoteose de "You've Got Another Thing Comin'", no qual o Judas malha a ferro e fogo (nas explosões de fogos de artifício). Só falta mesmo Halford invadir sua sala numa Harley Davidson.

L.R.

GRINDERS (Ataque Frontal)

Grind, rattle and roll! Em L.A. ou S.P., o skate está nas ruas, rasgando o concreto, desafiando a lei da gravidade com *ollies*, *boneless* e *aéreos* impossíveis. Na trilha sonora, acordes simplérrimos e aceleração máxima, agregando o quase anacrônico punk à variante hard. Nada de novo, é certo, mas os Grinders conquistam pela veemência. Em meio à maçaroca sônica, a síntese da paixão: "Skate é adrenalina, skate é nossa vida, skate é anarquia, ande de skate ou morra".

A.G.C.D.

BRAZILIAN ROMANCE — Sarah Vaughan com Sergio Mendes, Milton Nascimento e Dori Caymmi (CBS)

Logo após ouvir o resultado final do disco, em janeiro deste ano, a cantora norte-americana Sarah Vaughan, de 62 anos, chorou. Achou o disco vazio e comercial. De fato, para uma diva do jazz como Sarah, o disco é sofrível. Mas para um Sergio Mendes — autor de todos os arranjos e mestre da pasteurização — até que parece algo novo. E o disco não é assim tão mau. Serve para devaneio e fundo musical. Tem dez faixas com composições de Milton Nascimento, Dori Caymmi — ambos fazem pontas no disco — e, claro, Sergio Mendes. Com 43 anos de carreira e quase 90 LPs lançados, Sarah só decepciona a si própria. A voz continua poderosa, cheia de emoção. Seus graves estão cada vez mais profundos, fato que não impede a persistência das tessituras agudas. Canta música brasileira como especialista de uma arte perdida e cada vez mais desrespeitada.

L.A.G.

NO PROTECTION — Starship (RCA)

"Alô!" ... *Bzz... Trec... Bzz...* "Alô, controle"... *Bzz...* "Temos um ligeiro problema a bordo: nosso aviãozinho psicodélico, movido a LSD, que decolou de Frisco há mais de vinte anos, repleto de flores e de coelhos brancos, começou a se transformar numa gigantesca espaçonave no início da década passada. Mas agora... *Trec... Bzz...* Pane total! Perdeu metade do nome e virou um bonde espacial movido a $$$ e com um destino similar ao da Challenger. A comandante Slick há tempos foi abandonada pelos co-pilotos Kantner e Balin (que trocaram as guitarras por pára-quedas) e agora conta apenas com o piloto de guitarras Craig Chaquico, que ajudou a decolar a espaçonave em *Dragon Fly* (74). Mas não é o bastante... Perdendo altit... *Crashhhh!* "..." (não indicado para professorinhas e ministros).

C.P.

STRANGE WEATHER — Marianne Faithfull (WEA)

Ela começou em 65, com apenas 17 anos, interpretando "As Tears Go By". Na época havia muitas outras grandes cantoras, mas o que a distinguia das contemporâneas era sua capacidade de mergulhar de forma abissal nos sentimentos humanos. Ao longo dos 60's e dos 70's, em meio a tempestuosos *affairs* com figurinhas como Brian Jones e Mick Jagger, crises nervosas, alcoolismo e drogas, estes olhos verdes dos sonhos blues fotografaram o amor em suas mais discrepantes fases, conservando intacta sua paixão, sobretudo pela própria arte.

Uma incomensurável fossa existencial a manteve quatro anos distante dos estúdios. Porém, aconselhada por seu *bitter friend* Tom Waits a gravar apenas o que o seu coração sentia, ela retorna neste "estranho clima" mais maravilhosa do que nunca. Como o retrato de alguém que amou tanto é a transparência, *Strange Weather* é um disco melancólico por excelência. Composto essencialmente por lacrimosos clássicos dos anos 30 e tristes baladas dos sixties, traz apenas duas canções de 87: a faixa-título (amarga herança de Brecht/Weill assinada por Tom Waits e Kathleen Brennan) e "Hello Stranger" (uma vertigem de *jazz-noir*).

Os músicos são do primeiro time, os arranjos, delicadamente construídos, e sua voz rouca escoa da alma, ora esfrangalhada, ora ainda com esperança de amar. Há uma profunda desolação no "Boulevard of Broken Dreams", um paraíso de memórias flutuantes em "Yester Days", lírica tradição bluesística em "Love, Life and Money", melódicas chagas de jazz na "Penthouse Serenade" e, homenageando a nietzscheana teoria do eterno retorno, uma versão (digna de cortar os pulsos) de "As Tears Go By".

Fernando Naporano

LEO GANDELMAN (CBS)

A chamada *new age* ou *fusion* já andava na lona e não se renovava nem nos rótulos. Menos ainda na criatividade. Leo Gandelman é um ótimo saxofonista que estréia em disco solo com uma fusão de pop, jazz e MPB. Ele próprio produziu o LP, com seis faixas de agradável audição. Quatro são da autoria de Leo. Há a gostosa "A Ilha", bossa para restaurante, e o clássico "Folha Morta", de Ary Barroso, em versão "requintada" — ou melhor, kitsch. Ordinário, mas bonitinho.

L.A.G.

PARTE DE LA RELIGION — Charly Garcia (CBS)

O rock portenho em geral tem uma postura mais ... até que a do tupiniquim. O progressivo e o jazz rock dos 70's ainda servem de parâmetros para o atual rock austral. Isto se nota neste disco do cantor compositor instrumentista Charly Garcia. Para variar um pouco, canjas de Paula Toller (em "Buscando um Símbolo de Paz" *argh!*) e dos Paralamas (no "Rap de Las Hormigas"). Neste LP mais para Falklands do que para Malvinas.

C.P.

IT'S BETTER TO TRAVEL — Swing Out Sister (PolyGram)

Manchester se inquieta: o que acontece quando Martin Jackson, baterista fundador do Magazine, a banda ... do pós-punk inglês, se encontra com Andy Connell, ex-tecladista do A Certain Ratio, que forjou uma das mais fantásticas ligas de funk e rock? Se eles só estão a fim de fazer um trocado, a resposta é nada. Com a "cantorinha" Corinne Drewery, eles só fazem servir o usual coquetel bossa-soul & balada, mais diluído do que nunca.

F...

A.A.

HAPPY?/LIVE IN TOKYO— Public Image Limited (RCA)

O novo LP do PIL (87) e o segundo álbum gravado ao vivo pelo grupo (83) sucedem a visita de Mr. Lydon e seus comparsas ao Brasil. Representam duas fases bem distintas entre si do trabalho deles, ambas igualmente distantes da sonoridade da primeira formação da banda, onde o baixo soturno de Jah Wobble conduzia em primeiro plano as melodias mínimas e psicóticas da guitarra de Keith Levene, um estilo que lançou suas bases em *First Issue* (ou *Public Image Limited*, de 78, também lançado por aqui este ano) e se cristalizou em *Second Edition* (80), reedição do antológico *Metal Box* (79), de tiragem limitada.

Em *Live in Tokyo*, além de Lydon, apenas uma das imagens públicas originais — o baterista Martin Atkins — dá o ar de sua graça. O resto da banda é composta por músicos desconhecidos, recrutados por Lydon em New Jersey (EUA), dentre os quais destaca-se o baixista Louie Bernardi. No repertório, o ponto alto está do lado 3, com uma possante interpretação de ("This Is Not A) Love Song" seguida pela clássica "Swan Lake", camuflada sob o título de "Death Disco".

Já o novo disco do novo PIL — John McGeoch (ex-Magazine) e Banshees e Lu Edmonds (ex-Damned) nas guitarras e eventuais teclados, Bruce Smith (ex Pop Group e Rip Rig + Panic) na bateria e Alan Dias no baixo e, é claro, Mr. Lydon — recebeu sérias restrições da crítica internacional. O *enfant terrible* se repetindo? Aos mais ranhetas cabe ver em "The Body" e "Save Me" reedições dos velhos temas de "Bodies", dos Pistols, e da apregoada "Religion". Prefiro me fixar no notável naipe de guitarras e na voz de Lydon, com um timbre mais grave e maduro. O mundo não é de todo mal. Feliz? *Celso Pucci*

INNOCENT — Peter Gordon (CBS)

Gordon é saxofonista, tecladista e arranjador, eventual colaborador de David Byrne, Laurie Anderson, Arto Lindsay e outras figurás da vanguarda nova-iorquina. Neste disco, com um humor típico e a colaboração (entre 22 outros) de Tony Levin e David Van Thiegen, ele comprime clichês de *disco music*, baladas e música de cinema em um musak anguloso, gozador. Só que, quem diria, sua piada foi levada a sério pelos apóstolos da infame *new age*. E *Innocent* chega ao Brasil em um pacote encabeçado pelo sonífero Vollenweider (!!). O som pós-zappeano de Gordon não tem nada que não seja assimilável por qualquer yuppie esforçado. Mas daí a chamá-lo de *jazz new age* (sic) vai uma distância brutal. Ou alguém aí consegue imaginar uma faixa chamada "Psycho (i.e., Reagan)" em um disco de Kitaro? *A.A.*

POETS IN NEW YORK — Vários (CBS)

O produtor Ian Gibson teve uma idéia numerosa que o tornaria famoso sem fazer muito esforço: montar um disco em homenagem ao cinqüentenário da morte do poeta espanhol Garcia Lorca (1898-1936), encomendando músicas sobre os versos dele a compositores de variada origem étnica. Afinal de contas, Lorca havia permanecido na Babel moderna de 1929 a 1930, e ali escrito o livro *Poeta em Nueva York*. Cada compositor enviou a Gibson, em Nova York, a gravação feita no próprio torrão natal: um italiano de Roma, um par de gregos em Atenas, um alemão de Berlim, um catalão de Madri e — pasmem! — dois brasileiros do Rio. Nasceu assim um LP plurilíngue, cheio de montanhas e depressões. Depressão maior é a do ouvinte diante de "A Aurora", adaptação para o português de Ferreira Gullar, composta e interpretada por Fagner e Chico Buarque. Socorro! *L.A.G.*

D — Paralamas do Sucesso (EMI Odeon)

Em junho, os Paralamas se apresentaram no cassino de Montreux, Suíça, na já tradicional *nuit brésilienne*. Agora em vinil, o show provoca alarde entre os ufanistas e ressurgem coisas do tipo "A Europa se curva à MPB". Uhmm... Vejamos: O PDS começa levando a única música original ainda inédita — "Será que Vai Chover?", um tema chinfrim que nada revela além do discreto teclado de João Fera. No hit "Alagados", entusiasmado, Herbert Viana urrompe com um manjado "ió iô iô iô". É, aquele mesmo combo com que Sting engrossa linguiça no tempo do Police. Ironia. Ao fim da mesma, um verso indaga: "E a arte, é de quem? É de quem?"

O show prossegue. Arrebatada, a platéia (composta na maior parte por brasileiros) canta junto. Dá até para imaginar alguém acenando a bandeira nacional, entre confetes e serpentinas... "Óculos" vem num dub enorme. Curiosamente, soando bem mais para "aquele" trio de Newcastle do que para, digamos, Yellowman ou Doctor A imantado.

Que os Paralamas são bons instrumentistas não se discute. O que se lamenta é que, na ânsia de adaptar-se a uma certa ideologia, o trio acabe como um cruzamento do samba de Stanislaw Ponte Preta com o pastiche pop à la Cutting Crew. Assim, *D* designa este produto: derivativo, débil e dúbio. *A.G.C.D.*

SÓ NÃO TOCA QUEM NÃO QUER — Hermeto Pascoal (Som da Gente)

Hermeto é paradoxal. Apontado no mundo inteiro como gênio, não passa de um frevista complicado em seu próprio país. Mestre da vanguarda, seus discos se sucedem, sempre sobre o mesmo modelo, apesar de suas diferenças temáticas, comprovando que a criação vital do bruxo sempre esteve mais à vontade num palco do que em estúdio. *Só Não Toca...* não escapa da regra. Dez composições dedicadas a amigos jornalistas e duas vinhetas, todas com temas tirados da tradição nordestina ou hermetiana, que servem de pretexto para suas conhecidas improvisações que desafiam o entendimento, tocando, uma bandola, um piano acústico ou elétrico, um flugelhorn, um bocal de tuba, um harmônio, uma flauta-baixo, um prato d'água, uma craviola, sanfonas, clavinetes, percussões e vocais. Ponto alto: "Suíte Marte Grande", com participação especial de Zé Luiz (ronco), Jumento (zurro) e abelhas (zumbido), variação sobre o tema do sertão na cidade da poluição. Um disco "normal" de um músico fora do normal, num país definitivamente anormal. *J.Y.N.*

É FLOYD!

NOVO. O MESMO NOVO DE SEMPRE.
SEMPRE MESMO NOVO. SEMPRE DE NOVO.
DAVID GILMOUR, SEMPRE.
NICK MASON, DE NOVO.
RICHARD WRIGHT, MESMO.
É PINK!... É FLOYD!

EM DISCOS, FITAS E COMPACT DISCS
CBS

LANÇAMENTOS

CARNE HUMANA — Zero (EMI Odeon)

Uma das diversões favoritas dos jornalistas musicais é tentar adivinhar quem sucederá o finado RPM. Titãs, Egotrip, Afrodite Se Quiser, Dr. Sylvana, Fausto Fawcett .. Quem sabe? Aposto piamente no quinteto paulistano Zero. Ele tem tudo para assumir o cargo.

A banda já havia lançado, em 85, um mini-LP que alcançou sucesso total de crítica negativa. O Zero obteve um zero unânime. Agora, no seu primeiro LP, a banda continua a ignorar a crítica, fazendo seu tecnopop com romantismo bem ao figurino do RPM. Com doses a mais de pretensão e bobagem.

O letrista e vocalista Guilherme Isnard adora cantar como se tivesse uma batuta quente nas cordas vocais. Ofega, traça graves e grita: "Vem fugir, vem voar, vem brincar!" ("Medo de Voar"), como não fazia melhor Sidney Magal. Já em "Algum Vício", que soa como toada sertaneja recauchutada para o pop, ele procura imitar os roucos "viscerais" de Paulo Ricardo. E assim por diante.

O disco tem doze faixas enormes, letras macarrônicas e música simplona. Limismo canastrão, tecnopop e um galã — eis as credenciais para o Zero suceder o RPM. *Luís Antonio Giron*

LA BAMBA — Los Lobos/Various (Polygram)

Los Lobos tocam oito das onze faixas desta trilha e estão pasteurizados ao máximo. Sem sombra do pique aoitesceni de Ritchie Valens, que emplacou um arranjo de três acordes para a tradicional "La Bamba" se tornou o primeiro ídolo do rock chicano — tragicamente falecido num acidente aéreo, ao lado de Buddy Holly e Big Bopper em fevereiro de 59. Entre os "extras", o principiante Marsha l Greenshaw mostra que sabe cantar igualzinho a Buddy Holly. Mas seu repertório cadenciado para "Crying, Waiting, Hoping" é um atentado à levada tinindo de Holly. Duas faixas, contudo, brilham. A intervenção do velho Bo Diddley, um dos inventores dos *riffs* de rock n'roll, numa boa versão de seu hit "Who Do You Love Me". E, claro, a performance de Brian Setzer, num cover incendiário do "Summertime Blues" de Eddie Cochran. O resto é pra ouvir no rádio. No máximo, ver no cinema. — *M P*

BILLY IDOL (CBS)

Eu vou contar pra todos a história de um rapaz, que tinha há muito tempo a fama de ser mau. Seu nome é Billy, o ídolo. O pioneiro do pospunk de butique. Na capa, um *wild look* invocado, meticulosamente planejado para provocar suspiros e *rebel veils* das gatinhas. É óbvio que o coquetel servido é uma batida de hard rock temperada por românticas boiadas. Mesmo assim, por trás da evidente preocupação comercial, alguma coisa se salva, como "Love Calling" com seus metais e vocais tribais e o indefectível hino dos tempos de Geração X, "Dancing With Myself". Ao menos é menos pior que os dois LPs posteriores. *C P*

COME AS YOU ARE — Peter Wolf (EMI Odeon)

Durante 16 anos ele foi o letrista e vocalista da J. Geils Band, uma das melhores bandas americanas dos 70's, especializada em mesclar soul, rhythm'n blues e rock n'roll. Após 14 LPs, Peter Wolf optou pela carreira solo. Em 84 lançou *Lights Out*, um trabalho apenas mediano. Nesta sua segunda tentativa, embora sem a visceral força do passado, anda demonstra estar em plena forma, notadamente pelo inabalável potencial de sua voz. Contando com uma produção adequada aos parâmetros do sucesso, muito de seu punch acaba ficando em segundo plano, isto sem contar certos arranjos comerciaióides que prejudicam bastante. Mesmo assim consegue bons arranques no funk-heavy "Thick As Thieves" e no hard-big-rock "Come As You Are". *F N*

NO SOUND BUT A HEART — Sheena Easton (EMI Odeon)

Se ela tivesse uns cinquenta quilinhos a mais, a coisa seria bem diferente. Apesar de "Eternity", assinada por Prince, já vimos esse filme com Whitney Houston, Kim Wilde, Jody Watley, Nona Hendryx, Dionne Warwick, Kim Carnes, Gloria Gaynor, Chaka Khan, Madonna, Patti Labelle, Cyndi Lauper, Gladys Knight, Janet Jackson, Olivia Newton-John, Bonnie Tyler, Carl Simon, Deniece Williams e algumas outras que eu devo ter esquecido. Seguinte! — *J Y N*

SAMMY HAGAR WEA

Uma das condições impostas pelo guitarrista/vocalista Sammy ao entrar no Van Halen em lugar de D.L. Roth era poder continuar gravando seus LPs solo (como faz desde 74 quando deixou o Montrose). Ed Van Halen toca baixo (e bem) e coproduz o disco com Sammy. É um bom trabalho, embora ele já tenha feito melhores na fase pré-Halen, principalmente em seu *Live 78*. Aqui a coisa está mais para FM e vai dentada pelas estradas e desamores da vida rockeira. *L.R*

PSYCHODEMIA — Kaes Vadus (Ataque Frontal)

Quem já ouviu os Kaes Vadus ao vivo certamente se frustrara com esta psychodemia. Na vã pretensão de criar uma ópera-dog, digo, uma ópera-rock, a mamilha do ABC acabou salvando com um som previsível ao comando do espectro de Pavlov. A apregoada hidrofobia só dá as caras em "Homem Lagarto" e "Kaes", contudo, o melhor de tudo acaba sendo o encarte em forma de HQ. Infelizmente, não é o bastante para redimir esta estreia. *4.G.C.D*

Melhorar o que já existe é um trabalho constante, que envolve muita pesquisa. Veja o Philishave, por exemplo: o sistema de lâminas rotativas foi introduzido em 1939 e permanece até hoje porque tem muitas vantagens sobre os outros sistemas.

Mas lâminas de dupla-ação foram incorporadas, o número de cabeças aumentado. Novos componentes eletrônicos adicionados. Como o sinal que avisa quando o Philishave precisa ser recarregado, o sistema de recarga embutido no corpo do aparelho que garante até 3 semanas de barbear tranquilo.

Ou o dispositivo automático de voltagem que permite seu uso em qualquer lugar. Inovações que mantêm o Philishave sempre à frente.

Outro exemplo é o sistema de ditar para o escritório. Se você pensar que fala 7 vezes mais depressa do que escreve, vai compreender a importância desse aparelho que permite que você dite sua correspondência e anotações em vez de escrever e reescrever.

O Pocket-Memo é a porta do sistema. É a maneira mais simples de gravar idéias importantes, mesmo em situações onde seria impossível escrever.

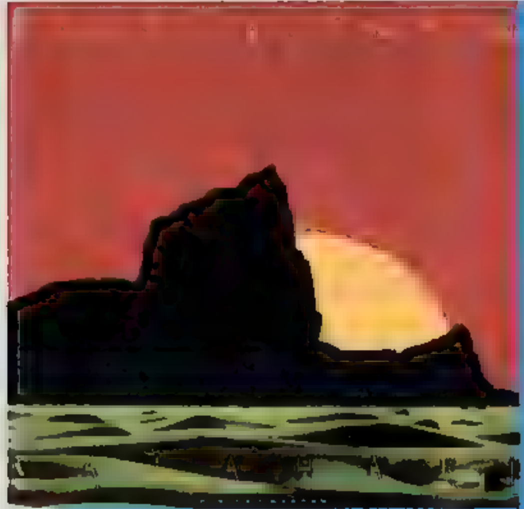
E economiza tempo porque, quando você volta ao escritório, sua secretária pode começar a datilografar imediatamente o que foi registrado, usando a máquina de transcrever, que torna o trabalho mais fácil e eficiente. Enquanto você dedica sua atenção a outras coisas importantes. Todo esse trabalho desenvolvido pela Philips só tem uma finalidade: facilitar o seu, no dia-a-dia.

Philips. Produtos de última geração.

Philips. Idéias que economizam tempo, o tempo todo.

PHILIPS

PHILIPS



RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RA

O *jazz fusion* norte-americano se parece cada vez mais com a MPB, mais mesmo que a própria música brasileira. O flautista **Dave Valentin** gravou **KALAHARI** (CBS), onde exibe nove composições leves como um elevador subindo. Sua flauta atraiu em torno de si a nata do *musak*, entre eles o pianista/produtor **Dave Grusin** (também com novo LP solo pela CBS, **MOUNTAIN DANCE**). O disco de **Valentin** é dedicado a Jesus Cristo, mas deveria ser a Sérgio Mendes. ⊗ **Zé Ramalho** completa dez anos de cantoria e lança o LP **DÉCIMAS DE UM CANTADOR** (CBS). São dez composições marcadas pelos arranjos "pepsi" de Lincoln Olivetti. ⊗ O tradicionalíssimo sambista **Marçal** tem novo disco na praça, **SEM MEU TAMBORIM NÃO VOU** (Polygram). São onze sambas para não deixar saudades nem da velha guarda e muito menos da onda do pagode. Em **Marçal**, o samba se une à poesia. ⊗ Como transformar a bossa nova num pastiche pop? Encontre a resposta em **ONDA**, LP de estréia do cantor **Wauke**, lançado pelo selo 3M. Com voz estilo "ternurinha", ele interpreta oito composições de Tom Jobim. Para **Wauke**, parece não haver diferença entre João Gilberto e Biafra. ⊗ O bissexto **Papete**, percussionista maranhense, ressurge do esquecimento com o LP **PAPETE** (3M). O problema é que ele se mete a cantar. ⊗ Para quem ainda tem ouvidos propensos ao hard rock, a Continental edita **POWER GAMES**, do quarteto heavy **Jaguar**. ⊗ **Glenn Medeiros** é uma espécie de Fábio Jr. havaiano que tem um LP lançado pela Polygram. ⊗ O megalomaníaco **Jean-Michel Jarre** lança o seu **IN CONCERT** (Polygram), com megaconcertos dados em Houston, nos EUA, e Lyon, na França (no aniversário da cidade, tendo na platéia até o Papa João Paulo II). ⊗ A CBS aposta na *marketing music* e põe no mercado quatro "pérolas": **GIVE ME THE REASON**, com o cantor negro **Luther Vandross**, **I'M NO ANGEL**, com o louro **Greg Allman**, **FORBIDDEN LOVE**, com a negra **Nancy Wilson** e **CAN'T HOLD BACK**, a cargo do castanho **Eddie Money**. ⊗ Apostando no som do Nordeste, a Odeon lança **HISTÓRIA DO BRASIL**, da baiana **Sarajane**, e a RCA vai numa linha mais típica com o primeiro LP da paraense **Fabiana**. ⊗ Outro Biafra na praça: é **ROBERTO R** (3M).

L.A.G.

BOLSA DE DISCOS

	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Bia Abramo	Lixo	Interessante	Interessante	Razoável	Ótimo	Interessante
Alex Antunes	Razoável	Interessante	Bom	Bom	Interessante	Interessante
Thomas Pappon	Razoável	Interessante	Ótimo	•	Bom	Interessante
Marcel [redacted]	Razoável	Razoável	Lixo	Razoável	Bom	Bom
Fernando Naporano	Lixo	•	Interessante	Razoável	Ótimo	Interessante
Leopoldo Rey	Razoável	Interessante	Interessante	Ótimo	Interessante	Bom
Celso Pucci	Razoável	Interessante	Interessante	Bom	Bom	Interessante

Ótimo · Bom · Interessante · Razoável · Lixo

SUSPENSE

O CASAL OSTERMAN (The Osterman Weekend, 1983)

Direção: Sam Peckinpah. Com Rutger Hauer, John Hurt, Craig T. Nelson, Dennis Hopper, Chris Sarandon, Burt Lancaster. VTI

O último filme de Peckinpah. Um thriller intrigante [illegible]. Hurt é um agente da CIA que busca vingança pela morte de sua mulher. Para isso arma um plano confuso. Convoca Hauer, um entrevistador/apresentador de TV, para expor seus melhores amigos como agentes soviéticos. Assim, o que deveria ser um inocente fim de semana entre amigos se transforma num exercício de violência sem sentido. E tudo apenas para dissimular o verdadeiro alvo da trama: o chefe do serviço de inteligência americano. *M.P.*

TERROR

HALLOWEEN (1978)

Direção: John Carpenter. Com Donald Pleasence, Jamie Lee Curtis, Nancy Loomis, P. J. Soles, Charles Cyphers, Kyle Richards. Vídeo Ban

[illegible] no manicômio em que esteve internado nos últimos quinze anos e retorna à sua cidadezinha natal para apavorar babysitters que, na Noite das Bruxas, cuidam de pequenos pimpolhos em uma pacata vizinhança. Verdadeiramente inquieta é a direção de Carpenter (em um de seus melhores trabalhos), que alheia às limitações do roteiro consegue pregar bons sustos, numa época onde os subprodutos da onda do espanto ainda não tinham invadido as telas e telinhas. *C.P.*

ESSA NOITE ENCARNAREI NO TEU CADÁVER (1966)

Direção: José Mojica Marins. Com José Mojica Marins, Tina Wohlers, Nadia Freitas, [illegible]

O mais famoso terror brasileiro, com poucos recursos técnicos, muita imaginação de sobra e algumas pernas de rã. O infame Zé do Caixão quer encontrar a mulher perfeita para parir um filho seu. Para isso, rapta várias donzelas indefesas [illegible], que vão sofrer mais horrores do que as pobres vítimas das câmaras de tortura de Boris Karloff. Uma delas, [illegible], roga-lhe uma maldição. Boas sacadas não faltam nesta [illegible], que, de quebra, deve ter [illegible] todos os [illegible] do cinema. *M.P.*

MUSICAL

DURAN DURAN (1983)

Direção: Brian [illegible] e Russell Mulcahy. VTI

Certa vez, Andy Warhol declarou que gostava de se masturbar assistindo aos vídeos do DD. Na certa, os clips "Girls on Film (Night Version)" — um múltiplo embate sexual em um ringue de boxe — e "The Chauffeur" — um dos primeiros do grupo, centrado em três pin-ups em couro negro — estavam entre os seus prediletos. Mas há também outros petiscos nesta coletânea, como "Rio", uma bem dosada mescla do ritmo e do visual do antigo seriado de TV dos Monkees com os filmes de James Bond, além daqueles que acompanham a banda por paisagens exóticas ("Nightboat", "Save a Prayer"), que incluem Sri Lanka e Antígua. Indicado mesmo para quem execra o som dos durannies, por suas imagens e efeitos elaborados. *C.P.*

COMÉDIA

MEU MARIDO DE BATOM (Tenue de Soirée, 1986)

Direção: Bertrand Blier. Com Gérard Depardieu, Michel Blanc, Miou-Miou, Bruno Cremer, [illegible]. Globo Vídeo

Um bandido cafajeste e uma mulher louca para transar encontram um valentão que distribui grana e ensina [illegible]. Monique deseja Bob, que [illegible] caído pelo seu marido Antoine, que se esquiva a princípio das cantadas do [illegible] para depois assumir passivamente sua [illegible] mulher de batom [illegible] em alguns momentos [illegible] situações explosivas e absurdamente vulgares escritos por Blier [illegible] para baixaria anárquica. E embora pretenda [illegible] moral, [illegible] apenas para revelar [illegible] bem comportados. *A.G.V.*

OS SETE SUSPEITOS (Clue, 1986)

Direção: Jonathan Lynn. Com Eileen Brennan, Tim Curry, Madeline Kahn, Christopher Lloyd. CIC

O roteiro, baseado no jogo Clue (Detetive no Brasil), tem a mão de John Landis [illegible]. Pessoas desconhecidas entre si são convidadas para uma sinistra mansão. Lá descobrem que possuem em comum [illegible] chantageadas pela mesma pessoa. De repente a luz se apaga, alguém grita e o chantagista é encontrado morto. O mistério aumenta quando começam a aparecer novos cadáveres [illegible] assassino. O filme apresenta três soluções diferentes. Todas mirabolantes e engraçadíssimas. *M.P.*

WEST AND SODA (1965)

Direção e animação: Bruno Bozzetto. [illegible]

Bruno Bozzetto poderia ser [illegible] neste desenho animado [illegible] a uma criança por sua representação [illegible] de linhas [illegible] perspectiva chapada. Isso lhe permite trabalhar a ingenuidade em função do humor. *West and Soda* é uma paródia [illegible] dos grandes westerns. Um [illegible] perseguido por um [illegible] da cidade [illegible] chefe [illegible] máximo [illegible] desenho está numa carrocinha vendendo soda aos fregueses no momento crucial de um duelo ao pôr-do-sol. A ação está presente por completo e a vida toma forma de sátira em todo instante e lugar. *B.A.*

DRAMA

O SÉTIMO VÉU (The Seventh Veil, 1945)

Direção: Compton Bennett. Com James Mason, Ann Todd, Herbert Lom. [illegible]

Ann Todd interpreta uma célebre pianista que sofre um trauma e, com a ajuda de um psiquiatra, repassa sua vida reprimida na infância. Seu medo de tocar novamente poderá ter raízes na educação rígida da infância e adolescência, [illegible] convívio com o padrasto obcecado por sua carreira, na proibição do primeiro amor ou na fuga com o atual amante. Freud e Chopin ilustram esta história que não poderia ter cor, apenas um preto e branco clássico. O roteiro ganhou um Oscar. Mas nada se compara ao desempenho de James Mason [illegible]. *M.P.*

POLICIAL

UM ROMANCE MUITO PERIGOSO (Into the Night, 1985)

Direção: John Landis. Com Jeff Goldblum, Michelle Pfeiffer, Paul Mazursky e David Bowie. Cic Vídeo.

O ponto de partida do roteiro é semelhante a vários filmes recentes (*Totalmente Selvagem, Depois de Horas*). Um homem bem posto na vida, mas entediado — aqui, Goldblum é insone — embarca numa aventura com toques policiais pelas mãos de uma mulher bonita que tem ligações tão misteriosas quanto perigosas. Só que Landis opta pelo thriller-comédia, em vez de querer cutucar a consciência dos yuppies. Além disso, é um prato cheio para os cinéfilos, que se divertirão em ficar reconhecendo as muitas personalidades que aparecem fazendo pontas. *B.A.*

POLICIAL

FALCÕES DA NOITE (Nighthawks, 1981)

Direção: Bruce Malmuth. Com Sylvester Stallone, Rutger Hauer, Billy Dee Williams. CIC

Hauer é um terrorista europeu que chega em Nova York disposto a explodir alguns delegados da ONU. Stallone e seu parceiro Billy Dee Williams são policiais recrutados pela Interpol para impedi-lo. O combate, em ruas escuras, túneis de metrô ou discotecas lotadas, não poupa vítimas. As cenas de perseguição são bastante movimentadas, embora o enredo não passe do convencional. Hauer praticamente reviveu esta disputa, do lado oposto, em *Exterminador Implacável*. *M.P.*

AVENTURA

O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL (Wanted: Dead or Alive, 1986)

Direção: Gary Sherman. Com Rutger Hauer, Gene Simmons. J. Home Vídeo

Violência sem novidades. Desta vez, o terrorista é Gene Simmons, o baixista do grupo Kiss. Sua determinação em mandar tudo pelos ares em prol de sua santa causa — ele é saudita — encontra a resistência da CIA, que aciona Hauer, apesar de seus 43 anos. Ele vai caçá-lo com fôlego de dublê. Só não conseguirá se livrar do roteiro superbando. *M.P.*

RUTGER HAUER

"Um ator não deve passar uma mensagem; ele deve escolher um bom roteiro e, se o conteúdo do roteiro é sobre algo político, ótimo, mas isso vem do roteirista. De qualquer modo, fazemos contos de fada, e ganhamos dinheiro com isso; *it's entertainment*. Somos uma luxúria. Somos como quadros na parede, com a diferença de que nos mexemos. Somos dispensáveis." Esta declaração de Rutger Hauer, da época em que estava sob as lentes de Ridley Scott filmando *Blade Runner — O Caçador de Andróides*, resume bem a ótica sob a qual este ator holandês encara sua ocupação. Um ano antes de ser o temível replicante a desafiar Harrison Ford, foi um playboy francês, primeiro amante de Coco Chanel em *Chanel Solitaire* e Wulfgar, um terrorista internacional a se degladiar com o *rocky'n'rambo* Stallone em *Falcões da Noite*, filme que o lançou no cinema americano. Depois iria atuar com destaque em *Eureka*, do bizarro diretor Nicholas Roeg; em *O Casal Osterman*, de Sam Peckinpah, e ao lado de Michelle Pfeiffer em *Ladyhawk, O Feitiço de Áquila*. Em 85, sob a direção do também holandês Paul "Robocop" Verhoeven — com quem já havia trabalhado em *Louca Paixão*, *Soldado de Laranja* e *Spetters* —, Hauer interpretaria Martin, um renegado da Idade Média, em *Conquista Sangrenta*, retornando no ano seguinte como o maníaco caronista do empolgante *A Morte Pede Carona* e um banal justiceiro no fraco *O Exterminador Implacável*. Apesar de ser um ator versátil, parece se dar melhor com personagens de pérfidos vilões e vingadores truculentos.

Hauer nasceu em Breukelen — cidade holandesa da qual deriva o nome do Brooklin de Nova York — em 23/01/44. Seus pais tinham raízes teatrais, e Rutger cresceu mais nas ruas do que nas escolas de Amsterdam. Aos 16 anos, decide se tornar marinheiro como o avô — de quem herdou o daltonismo, que pouco mais tarde o faz abandonar a vida marítima — e o bisavô. Ao voltar, freqüenta, por pouco tempo, uma escola de artes dramáticas e sobrevive de bicos como eletricista e carpinteiro, até alistar-se no Exército. Cansado da disciplina militar, Hauer retorna para a escola e as apresentações teatrais, interpretando peças de Beckett, Ionesco e O'Neill para platéias populares ao longo de seis anos, até 73, quando começa a se envolver com o cinema. Um envolvimento que já dura catorze anos e que, por estar trabalhando basicamente em produções americanas nos últimos anos, o mantém demasiadamente afastado de sua fazenda no noroeste da Holanda, onde mora com sua garota, uma pintora. *Celso Pucci*

FILMOGRAFIA COMPLETA *(todos os filmes com sinal * são disponíveis em vídeo).* *Repelsteeltje* (73); *Turkish Delight* (*Louca Paixão*, 73); *The Wilby Conspiracy* (*Conspiração Violenta*, 74); *Hard to Remember* (74); *Le Vent de la Violence* (75); *Keetje Tippel* (75); *Naked and Lustful* (75); *Max Havelaar* (76); *Soldier of Orange* * (*Soldado de Laranja*, 77); *Femme Entre Chien et Loup* (78); *Jewel in the Deep* (78); *Nighthawks* * (*Falcões da Noite*, 81); *Chanel Solitaire*, (81); *Blade Runner* (*Blade Runner, O Caçador de Andróides*, 82); *Eureka* (82); *Outsider in Amsterdam* (82); *The Osterman Weekend* * (*O Casal Osterman*, 83); *A Breed Apart* (84); *Ladyhawke* (*Ladyhawke, O Feitiço de Áquila*, 85); *Flesh and Blood* (*Conquista Sangrenta*, 85); *The Hitcher* (*A Morte Pede Carona*, 86); *Wanted: Dead or Alive* * (*O Exterminador Implacável*, 86)

A C E. P A S S A N D O

Atitudes Paralelas

Para quem pretende tomar uma atitude no esporte, o melhor é ACE

Para quem pretende tomar uma atitude na moda esportiva, o melhor é ACE

Enfim, qualquer que seja sua atitude, paralela, assimétrica, fixa, a melhor moda esportiva é ACE.

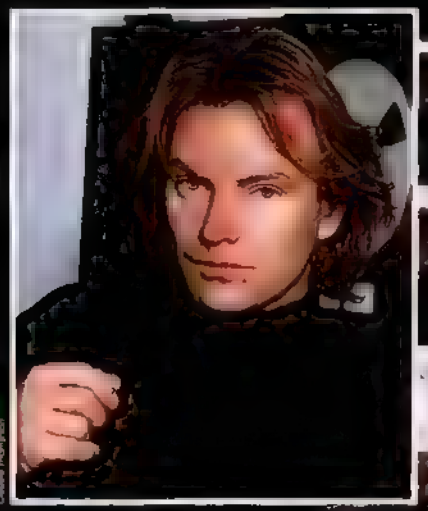
ACE.

Exclusividade C&A

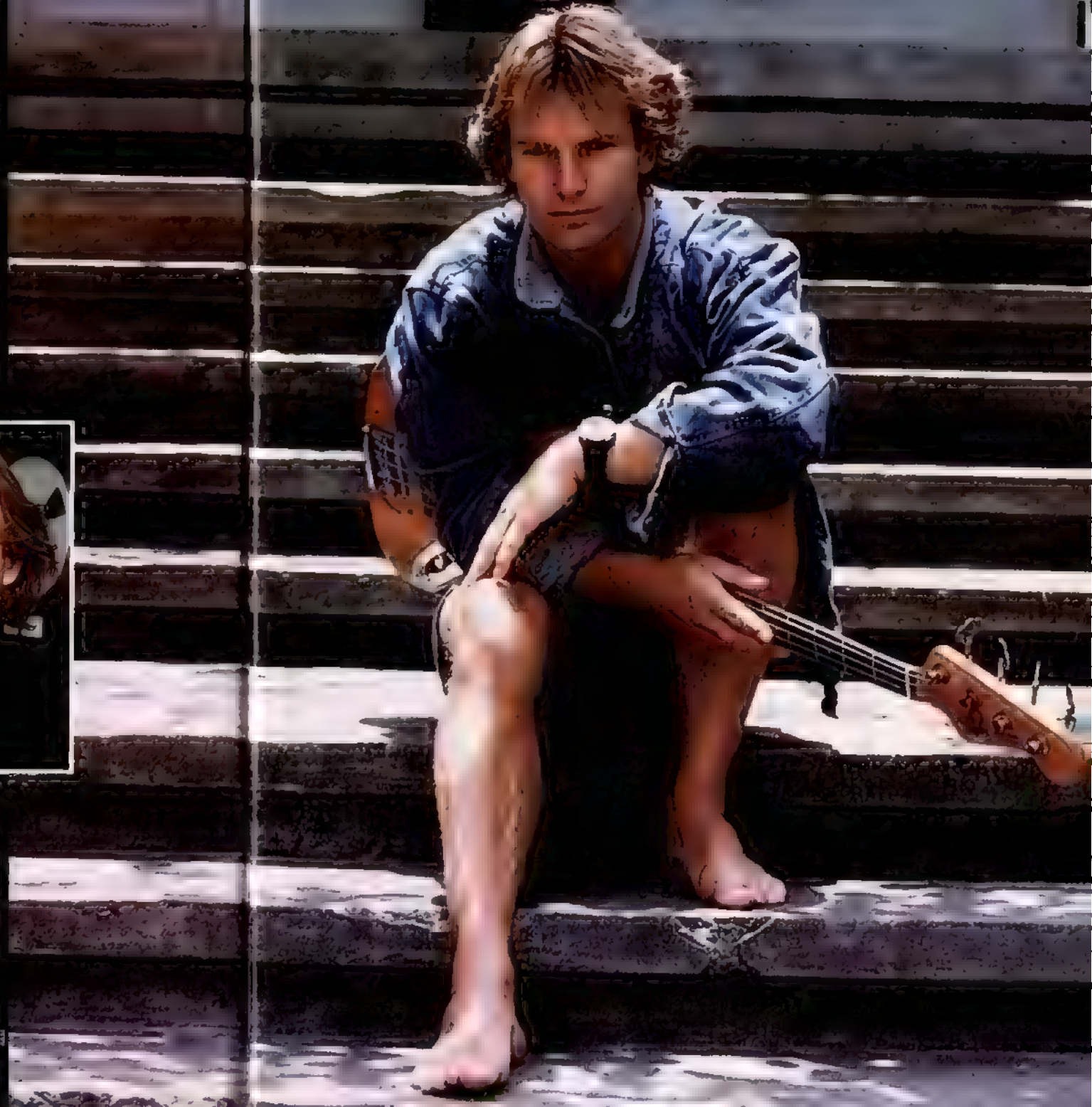
STING

POR JOSÉ EMILIO RONDEAU DE NOVA YORK

UM LUGAR AO SOL



O inglês até preparou uma versão em português de "Frágil" para os shows que fará no Brasil. Nada como o sol dos trópicos para testar o fôlego da turnê de Nothing Like the Sun *— o disco que solidifica a transição do ex-Police a Sting. No Terceiro Mundo, Mr. Gordon Sumner também terá muitas oportunidades para se indignar com as injustiças, que atualmente são o seu assunto predileto, além de música, of course...*



BIZZ — *Seu primeiro álbum solo chamava-se* O Sonho da Tartaruga Azul *O novo álbum,* Nothing Like The Sun, *abre com a faixa "Lazarus Heart", que, conforme você diz na capa do disco, foi inspirada num pesadelo que você teve. Pelo jeito você leva seus sonhos muito a sério.*

Sting — Acho que houve uma época na minha vida em que eu não levava meus sonhos muito a sério. Aí me interessei por Carl Jung, a psicologia dos sonhos, Freud. E fui fazer análise com uma senhora chamada Baronesa Vanderhertt, que tinha 78 anos de idade. Ela havia estudado com Carl Jung nos anos 20.

BIZZ — *E quando foi isso?*

Sting — Ah, uns três anos atrás. Toda semana eu ia contar meus sonhos a ela e quando eu não sonhava, eu inventava os sonhos. O negócio é que ninguém tem sonhos "originais" — nós todos sonhamos as mesmas coisas. Quando você descobre isso, a coisa fica mais interessante. Ela me ensinou a usar meus sonhos de uma maneira criativa... O mundo dos sonhos é muito mais interessante do que a vida real. Nos sonhos você é perseguido por um assassino, mata alguém, mergulha no mar... é uma vida incrível! Para um artista criativo que tem nas mãos esse recurso... ignorá-lo... é uma estupidez! Essa terra de mágica total está à disposição de qualquer um! Não que eu viva num mundo de sonhos. Eu vivo no mundo real, mas o que eu percebo do mundo real me é informado pelo subconsciente.

BIZZ — *Você concorda que a música pop tem outras funções que não apenas entreter, uma função social até?*

Sting — Acho que a gente precisa tentar modificar a sociedade. Sabe, eu vejo MTV e... é um reflexo triste da vida: chato, previsível, de ódio às mulheres, de medo das mulheres, imaturo, essas coisas todas. A música pop poderia ser usada como uma força bastante positiva... mudança social, sabe? Pelo menos informação. As pessoas ouvem rádio o dia inteiro e não obtêm informação alguma daquilo, só nonsense com rimas. As ondas de rádio estão cheias de merda hoje em dia, só mutilidades.

BIZZ — *Nos anos 60 a música pop teve mais influência no processo social, digamos assim, do que nos anos 70. Parece que agora a coisa está ficando mais parecida com os anos 60, nesse sentido.*

Sting — Espero que sim. Fica difícil porque o rock se tornou corporativo: o jeito como é feita a programação de uma rádio, o jeito como uma gravadora "empacota" seus astros, tudo isso é feito para se vender grandes quantidades de produto. Você precisa ser muito malicioso. Minha estratégia é fazer música que seja suave sonoramente, mas lá dentro existe uma mensagem dura. E eu posso tornar essa mensagem, através da música, sedutora. Se eu fosse querer passar a mesma mensagem com heavy ou punk, ninguém ia ouvir.

BIZZ — *Você acha que a Europa é mais receptiva a esse casamento de pop e mensagem?*

Sting — Acho que os americanos não estão verdadeiramente bem informados a respeito do mundo. A maioria deles não sabe onde fica a Nicarágua. Eles podem apoiar os *contras* seja lá por que razão for — combater o comunismo? —, mas não sabem onde fica a Nicarágua. Na Europa todo mundo assiste ao noticiário da TV e sabe o que está acontecendo no mundo, sabe da situação geopolítica. Tenho certeza de que também é assim na América do Sul... mas os americanos...

BIZZ — *Isso nos leva a seus discos solo — as letras são uma parte importantíssima das suas canções, ao passo que os Rolling Stones, por exemplo, faziam questão de que ninguém compreendesse direito o que eles estavam cantando.*

Sting — Não acho que toda e qualquer canção deva ser política, não faz sentido, eu jamais diria uma coisa dessas. Não quero regra alguma, porque, se ela existir, vou lá e quebro a regra. Agora, eu peço que imprimam as letras (na capa), quero que as palavras estejam bem claras na mixagem, porque acho que isso pode ser útil, de alguma maneira, nem que seja só um pouco. Mas nunca vou criticar um outro artista por não fazer o mesmo. Na minha música eu tento entreter as pessoas, em primeiro lugar. Não quero subir num caixote e ser um político. Eu odeio política.

BIZZ — *Mas na capa do disco novo você escreve muita coisa, quase como se fosse um professor tentando explicar por que escreveu aquela determinada canção.*

Sting — Eu já fui professor antes de...

BIZZ — *Eu sei.*

Sting — Se ainda sou um professor, hoje, é porque eu sou muito honesto em relação às minhas fontes. Não quero sair dizendo: "Isso veio de... Deus". Eu preciso dizer: "Isso me foi inspirado por um livro..." Se você quiser saber algo mais a respeito daquilo você sabe onde procurar. Muita gente leu o livro *Sincronicity (N. da R. — Sincronicidade, de Carl Gustav Jung)*, porque era o título do álbum. E isso é bom — as pessoas se estimulam a ler algo decente.

BIZZ — *Sua atenção em relação à América Latina está bem clara nesse novo disco. Faixas como "They Dance Alone" e "Fragile". Qual foi a motivação por detrás destas canções?*

"Você precisa ser malicioso. Minha estratégia é fazer música que seja suave sonoramente mas que tenha uma mensagem dura"

"Os sandinistas adorariam ser amigos dos Estados Unidos. Eles não queriam lidar com os russos mas são forçados a isso. Os EUA poderiam ter um efeito mais profundo sobre a Nicarágua se eles aceitassem os sandinistas... Nem Reagan sabe onde fica a Nicarágua"

Sting — Foram dois acontecimentos, na verdade: um foi ter conhecido prisioneiros políticos de toda parte durante a Amnesty Tour e de ter percebido como a tortura está difundida... prisão sem julgamento... E soube dessas dançarinas de guerra e me emocionei muito porque... existe uma maneira masculina de se reagir à opressão: queimar carros, jogar coquetéis Molotov. E aí a polícia vem e joga gás lacrimogêneo em você, bate, prende e tortura. A dança é a maneira feminina de reagir. E é muito frustrante para as autoridades, porque não se pode prender uma pessoa por ela estar dançando. Então, o que eu quis fazer na quela música ("They Dance Alone") foi ampliar o que as mulheres estavam fazendo. E a música "Fragile" foi composta a respeito de Ben Linder, um engenheiro americano que trabalhava na Nicarágua ajudando a construir uma usina hidrelétrica. Isso me pareceu o tipo de ajuda americana que esse povo precisa: know-how, boa vontade, conhecimento técnico. Em vez desses babacas mandando bazucas e metralhadoras, e matando camponeses. Esse tipo de ajuda americana só serve para foder com a vida das pessoas em Honduras, El Salvador... pode valer alguns votos para Reagan, porque as pessoas dizem "ah, estamos combatendo o comunismo". Não se está combatendo o comunismo? Os sandinistas adorariam ser amigos dos Estados Unidos. Eles não querem lidar com os russos, mas eles são forçados a isso. E eu acho que os Estados Unidos poderiam ter um efeito muito mais profundo na Nicarágua se eles aceitassem os sandinistas da mesma forma que aceitam a Iugoslávia. Qual é a diferença? Eles são comunistas e mesmo assim são amigos dos EUA. Cascata! Nem Reagan sabe onde fica a Nicarágua.

BIZZ — *Por que você decidiu traduzir para o espanhol "We'll Be Together" e "Fragile"? Você também gravou "Fragile" em português.*

Sting — Bom, já tinha feito isso com umas outras músicas. "Doo Doo Doo Doo Da Da Da" foi lançada em espanhol. Mas Miguel Jose Quintana, chefe do departamento latino da A&M, disse: "Você precisa cantar em espanhol e em português". E ele estava certo. E Ruben Blades estava no disco (ele canta um trecho em espanhol na faixa "They Dance Alone"). Então eu disse: "OK, vamos traduzi-las". Me diverti muito. Talvez na próxima vez eu cante em hebraico. (*risos*)

BIZZ — *Você conheceu as pessoas que fizeram as traduções?*

Sting — Yeah! Você precisa discutir... Eles deixaram de compreender muita coisa, o que me deixou triste... mas acho que a atmosfera, o sentimento geral... sei lá, estou confiando na palavra deles, pode ter ficado terrível, mas... me pareceu correto.

BIZZ — *Pensei que você fosse pedir a Ruben Blades que fizesse a tradução.*

Sting — Nós traduzimos o refrão de "They Dance Alone", mas ele é um cara muito ocupado.

BIZZ — *Eu fiquei intrigado com a escolha dos tradutores de "We'll Be Together" e "Fragile", por causa do trabalho anterior deles. Um, Robert Livi (ex-empresário de Sidney Magal), posso garantir, tem pouco a ver com você ou sua música (outro tradutor, Cezar Augusto, compôs para Martinha, entre outros).*

Sting — Uhm... eu não sabia nada a respeito deles, a não ser que falavam português.

BIZZ — *"Invisible Sun" (faixa do disco* Ghost in the Machine, *do Police) falava da opressão na Irlanda. "They Dance Alone" lida com a opressão no Chile. A geografia pode mudar, mas o assunto é o mesmo. A história se repete ou há uma espécie de efeito reverberado através do mundo inteiro?*

Sting — Eu não simplificaria a coisa a pon-

Adrian Boot Reina

"Hendrix foi uma influência na minha vida - foi a primeira vez que eu vi um músico de verdade que também era um astro pop. Nunca havia visto um músico *negro* fazer o que ele fazia"

to de dizer que toda opressão se resume a uma mesma coisa. A situação na Irlanda é diferente da situação no Chile. Se é que se pode traçar uma comparação, a situação da Irlanda é mais parecida com a da Nicaragua, onde dinheiro americano alimenta um exército que diz que tem um mandado do povo e, na verdade, não tem. E isso que eu chamo de dinheiro ignorante é enviado para nutrir os contras e o IRA. O IRA é a mesma coisa: eles não têm um mandado do povo, eles assassinam o povo porque os colonos irlandeses acham que "Uma Irlanda Livre" é um bom slogan. Mas livre do quê? Livre dos padres? Esse tipo de ignorância alimentando violência é um problema enorme... e é tudo a mesma coisa, os contras, o IRA... manter Pinochet no Chile porque os Estados Unidos querem vender Pepsi Cola... derrubar um governo, economicamente... isso é sério. Como eles fizeram em 81, com Allende (pausa). Em 81? Do que é que estou falando? Duarte? Quem era o chefe de governo no Chile em 81?

BIZZ — *Não, Salvador Allende era o presidente do Chile em 73.*

Sting — Setenta e três? (pausa). Já faz uns anos. Bom, de qualquer maneira, a CIA derrubou o governo no Chile e Pinochet tomou o poder. A America ainda apoia esse tipo de... é terrível... e ainda dizem que estão apoiando os que lutam pela liberdade.

BIZZ — *Muitos dos músicos de sua antiga banda estão nesse novo disco, mas há muitas adições, como Eric Clapton, Mark Knopfler e Andy Summers, por exemplo.*

Sting — Eu nunca tinha feito isso antes, mas a maneira como este disco foi trabalhado difere muito do anterior. O anterior era um disco de banda. Este eu fiz em etapas: eu primeiro gravava uma sequencia de computador (um Synclavier) e os músicos vinham separadamente, cada um fazia uma "camada" da musica. Não acho que tenha usado guitarristas, antes, sabe? Só que foi divertido os meus amigos chegarem e tocarem, porque eu havia estado nos discos de todos eles: cantei no disco de Eric Clapton, cantei no disco de Dire Straits... e... eles me deviam um favor (*risos*). E foi ótimo voltar a trabalhar com Andy.

BIZZ — *Me impressionou muito a maneira como Knopfler e Clapton estão tocando na faixa "They Dance Alone". Eles não solam, só adicionam ambiencia, o que é muito incomum para eles.*

Sting — Bom, eu não sou um grande fã de solos de guitarra, sabe? Eu toco o único solo do disco (gargalhadas). E o que eu queria deles era cor, atmosfera, textura, em vez de virtuosismo. Todo mundo sabe que eles são capazes de tocar brilhantemente. Eles são prefeitos.

BIZZ — *E quem é a banda com quem você excursionará?*

Sting — Branford, Kenny... acho que a banda vai aumentar... ainda estou decidindo.

BIZZ — *E está certa sua ida ao Brasil?*

Sting — Está! Assinei o contrato outro dia desses! Tenho que ir, senão eles me matam! (gargalhadas).

BIZZ — *Você também esteve para ir ao Brasil no ano passado...*

Sting — Olha, um dos problemas de uma excursão mundial é que você leva um ano trabalhando e o fim daquele ano você está exausto, sem voz, sem energia. Aí, dizem a você: "Agora você tem que ir ao Brasil, Japão, Austrália, Argentina... e... (*imita um corredor ofegante*) eu não consigo! Só quero descansar!

BIZZ — *Na verdade esta é a segunda vez que você vai ao Brasil. A primeira foi com o Police, em 81.*

Sting — Tenho uma lembrança bem nitida do Brasil e da Argentina, muito mais nitida do que das turnês americanas, porque (aqui) é tudo a mesma coisa, o jeito que a platéia reage. Mas na America do Sul (*risos*) eles sabem o que você tá fazendo! E apreciam o show num nivel musical. Não é uma platéia de jogo de futebol.

BIZZ — *Me lembro do coletivo que o Police deu no Brasil. Você parecia bastante aborrecido. O que estava acontecendo?*

Sting — Eu estava exausto! Sabe o que eu fiz? Eu saí da coletiva e fui me deitar na praia defronte ao Hotel Nacional. Adormeci e acordei quatro horas mais tarde, completamente queimado de sol. Eu estava apenas exausto. Não conseguia nem ficar de pé.

BIZZ — *No ano passado, o Police regravou "Don't Stand So Close to Me" para uma coletânea de grandes sucessos. Por que vocês fizeram isso?*

Sting — Bem, toda banda que ficou junta durante dez anos quer fazer um album de grandes sucessos. É um fato da vida. E normalmente isso significa que a banda está querendo ganhar uma grana fácil. Mas o Police sempre fez as coisas de uma maneira diferente: "Por que a gente não entra no estudio e grava tudo novamente, todos os hits?" Porque somos melhores músicos, nossa tecnologia é melhor e temos um ponto de vista diferente em relação às musicas. Seria interessante, seriam melhores ou piores? Eu achava muito interessante. Os outros dois não (*risos*). Eles só queriam lançar o álbum. Daí entramos no estudio, fizemos duas faixas e tivemos uma discussão incrivel (*gargalhadas*).

BIZZ — *E qual era a outra faixa?*

Sting — "Doo Doo Doo Doo Da Da Da Da". Começamos gravando logo a que eu não gostava... mas não aconteceu.

BIZZ — *O fim do Police foi tão bom para os outros dois integrantes, assim como foi bom para você?*

Sting — Não, eles queriam continuar. Ainda querem. Quando aos motivos, seria melhor que você perguntasse a eles.

BIZZ — *E onde você se sente mais à vontade: num palco, num estudio ou*

"Saí da coletiva e fui me deitar na praia defronte ao hotel Nacional. Adormeci e acordei quatro horas depois completamente queimado de sol!"

diante de uma câmera?

Sting — Provavelmente num estúdio, porque nele eu posso controlar tudo. Num palco há elementos que você não quer controlar, há um certo risco. Diante de uma câmera, realmente, eu obedeço às ordens do diretor. Você pode fazer uma cena a seu modo, e depois outra vez, como o diretor quer, mas é ele quem vai escolher qual a que ficará no filme. Isso me deixa muito frustrado, muitas vezes com raiva. Se um filme é ruim, você acaba sempre sendo o culpado, porque você é a celebridade. As pessoas passam a se referir ao filme como "o filme do Sting"

BIZZ — *Isso aconteceu com* Duna, *não? As pessoas andaram culpando você...*

Sting — Sim, sim. E eu também não entendi absolutamente nada de *Duna*. Até hoje não sei sobre o que era o filme. Talvez os atores sejam os culpados, algumas vezes, mas o diretor tem enorme poder sobre isso. Com relação ao trabalho de ator, eu faço o melhor que posso.

BIZZ — *Seu último trabalho em cinema foi com Kathleen Turner, em* Julia e Julia.

Sting — Não, eu fiz um filme este ano, com Melanie Griffith, chamado *Stormy Monday* e se passa em Newcastle, minha cidade natal, e no filme eu uso meu dialeto local, bastante estranho. Eu faço um gangster, dono de um clube de jazz, ao mesmo tempo sensível e violento, um tipo doente! (*ri*) Ele adora música e quebra os braços das pessoas... Um personagem interessante.

BIZZ — *Você já compôs e gravou duas músicas sobre a Lua. Você não é astrologicamente regido pela Lua, de onde vem esse fascínio por ela?*

Sting — Uma das minhas lembranças mais antigas, de criança, é a Lua cheia, incrivelmente brilhante. A Lua é o princípio feminino, e o Sol é o masculino, e eu acredito que a maturidade, num homem, tem a ver com a assimilação do componente feminino no homem. Meu trabalho, cada vez mais, é sobre isso. "They Dance Alone" é sobre isso, sobre um modo feminino de lidar com a opressão; "An Englishman in New York" é sobre um grande amigo meu, um homossexual, o escritor Quentin Crisp, de uns 60 anos, muito flamboyant, muito alegre. Ele viveu na Inglaterra numa época em que era ilegal ser homossexual, era espancado quase todas as noites... ele é um homem extremamente corajoso e, entretanto, seu jeito de ser é todo feminino. Não estou dizendo que se deva ser gay, não estou pregando a "gayzice". Eu não compreendo totalmente o "ser gay", mas compreendo o heroísmo de se ser o que se é numa sociedade que não aprova esse modo de viver. Gentileza, polidez, tudo isso são qualidades femininas, coisas que vêm da mãe... eu uso a palavra "mãe" umas oito vezes neste disco..

BIZZ — *E o disco é dedicado a sua mãe...*

Sting — Minha mãe morreu quando estávamos gravando o álbum, por isso ele é dedicado a ela.

BIZZ — *Ainda sobre seu novo disco — o arranjo de "Little Wing" (de Hendrix), com Gil Evans, é o mesmo que você interpretou com ele e sua orquestra no Village de Nova York?*

Sting — Mais ou menos. Tem muito menos participação da orquestra, é mais a seção rítmica de Gil (Evans) que participa nesta faixa. Fiz mais algumas faixas com eles como "Affluent Guys", que vai ser o lado B do próximo compacto... Sim, é basicamente o arranjo de Gil que está no disco.

BIZZ — *Você se refere, nas notas que escreveu para o encarte do disco, à primeira e única vez que viu Jimi Hendrix, uma experiência impressionante, nas suas palavras. Antes de ver Gil Evans interpretando Hendrix, nunca lhe havia ocorrido gravar uma de suas músicas?*

Sting — Não, não, vou-lhe contar como aconteceu. Conheço Gil há alguns anos e sempre o admirei. Ele toca sempre num lugar na esquina onde eu moro, o Sweet Basil, um lugar sempre divertido, pequeno, sempre cheio de músicos, e Gil me convidou para ir lá, cantar com ele. E eu disse: "Mas o quê?" E ele tocou "Little Wing" e eu disse: essa canção eu conheço. Posso cantar "Little Wing?" E foi fantástico. Achei extremamente apropriado gravar essa canção no meu álbum, porque Hendrix foi, de fato, uma influência em minha vida — foi a primeira vez que vi um músico de verdade que também era um astro pop. Os Beatles eram grandes compositores, mas não eram músicos. Eu nunca vi um músico fazer o que ele fazia, tocar como não se tocou nem depois dele... Eu nunca havia visto um músico *negro* fazer aquilo... Na verdade, não existiam pessoas negras na minha cidade natal, Newcastle... Nós já tínhamos matado todos... (*ri*) E eis que surge esse cara com quase dois metros de altura, com aqueles cabelos, aquela roupa... ele parecia de ouro.

BIZZ — *Sua carreira solo tem sido considerada por muitos críticos como pertencente mais ao jazz do que ao rock. Você se considera um jazzman?*

Sting — (*Mastigando um gomo de laranja, fazendo careta e abanando a cabeça*). Os críticos sempre querem criar rótulos. Sting (*como se estivesse empilhando caixas*) vai para cá. Esses rótulos não existem, na realidade música é uma só coisa. Eu não quero rotular música. Jazz eu gosto, mas não sou parte de uma cruzada a favor do jazz. Gosto de músicos de jazz porque eles são capazes de compor instantaneamente, e esta é a forma de arte deles. Eu jamais faria um disco de jazz. E não tem jazz algum nesse disco — é tudo arranjado.

BIZZ — *Você planeja fazer algum clip para esse novo disco? Você participa da bolação de seus clips?*

Sting — Oh, yeah! Hoje em dia é muito difícil fazer vídeos, porque tudo já foi feito. Mas você precisa fazê-los, é um fato da vida. Tenho sentimentos díspares em relação aos clips. Acho que, às vezes, a canção fica melhor sem uma interpretação visual, porque permite que o ouvinte faça ele mesmo a interpretação, enquanto que um clip dita o visual. É uma coisa reacionária, que não me agrada. Mas eu preciso obedecer a regras, então meu critério agora é me divertir fazendo clips. E eu dou minhas opiniões: sei bem o que não quero — não quero fazer clips que insultem as mulheres... Que transformem as mulheres em máquinas de foder. Não gosto de violências, embora nesse clip "We'll Be Together" esbofeteie uma "namorada". Faço o papel de um bêbado... Faço o papel do mocinho e o do bebado. É engraçado.

CAPITAL INICIAL
INDEPENDÊNCIA
EM DISCOS E FITAS
PolyGram
JÁ NAS LOJAS

EM SENTIDO CONTRÁRIO

Fotos: Rui Mendes

Imprensa x músicos. Êta relaçãozinha atritada essa! Nós insistíamos, eles resistiam... afinal, assinamos uma trégua. Marcelo Nova falou pelo grupo — Gustavo Müllem mais ouvia do que falava e os outros estavam de férias. *Bia Abramo* registrou

BIZZ — *Vamos começar pelo começo. O que o Camisa de Vênus tem a dizer para os leitores de BIZZ?*

Marcelo — Eu tenho a dizer sobre o Camisa. Tem havido um certo entrevero entre o Camisa e a BIZZ. Assim como os leitores tem sempre a versão da revista, eu acho que seria interessante que tivessem também a versão do Camisa. O Camisa tem uma trajetoria um tanto quanto incomum dentro do que se chama de rock brasileiro. Primeiro porque é uma banda que veio da Bahia e foi tachada de punk baiano. Até hoje eu acho uma expressão engraçada: punk baiano. Depois, porque o Camisa tem um comportamento que sempre se pautou pela total ausencia de compromisso com a midia, seja ela escrita seja televisiva. Nós fomos a primeira banda de rock brasileiro a gravar um disco. Nós fomos interpretados como arrogantes desde o início. Uma das razões foi porque a Som Livre queria que nós trocássemos de nome em troca de aparições na midia. Disseram que eramos imaturos, irresponsaveis, que aquilo não era uma brincadeira: que estavam oferecendo a nós uma oportunidade que dezenas de bandas estavam querendo. Tudo bem, mas o Camisa de Vênus não é uma dessas dez bandas. Foi um escândalo, mandamos a Som Livre tomar no cu. Esta é uma atitude da qual fica todo mundo orgulhoso, porque nós éramos cinco joões-ninguem a dizer um não enorme ao maior potencial de midia do Brasil. Mas a midia do Camisa *é o Camisa*. E passamos de 83 a 85 tocando sem gravadora e sem divulgação porque nenhuma radio tocava uma banda chamada Camisa de Vênus. Com o advento da AIDS aí as pessoas começaram a achar que Camisa de Vênus era coisa que podia ser levada a sério (*risos*). Nos fomos para a RGE, gravamos o segundo LP e aí aconteceu "Eu Não Matei Joana D'arc", e o Camisa começou a tocar em radio. Depois, nós resolvemos fazer ao contrário — fazer um disco ao vivo, que teve oito musicas proibidas, que não era para tocar em radio. Se perguntarem para a gente como o Camisa conseguiu, eu acho que foi fazendo tudo que disseram para a gente não fazer. É uma coisa de segurança que o Camisa sempre teve, sempre foi uma banda segura, a gente não padece dessa insegurança que está por aí onde todo mundo tem medo de tudo, ninguem quer arriscar nada. Resolvemos agora fazer um álbum duplo de estudio, que não por coincidencia é o primeiro album duplo do rock brasileiro de lá para cá.

BIZZ — *Você começou a contar o resumo desta trajetoria para fazer um paralelo com a critica...*

Marcelo — Ah sim, tem razão. Eu acho que durante esse trajeto o fato de o Camisa não precisar de ninguem. O que saiu do *Viva*, por exemplo, foi um comentario na BIZZ dizendo que era uma coletanea de grandes sucessos, quando metade do material era inedito, e uma materia na Folha de S. Paulo, onde um cara dizia que tinha botado o disco e tinha tanto palavrão que ele não deixou o filho ouvir... É a coisa de dizer: Porra esses caras são inconvenientes mesmo! Critico tem um crime leproso, quem disse isso não foi nem eu, foi o Gustavo Flaubert. Você veja, uma grande parte da critica da BIZZ é composta por pessoas que ja tentaram tocar em bandas que nunca foram bandas de falar ao grande publico, como fala a BIZZ.

BIZZ — *Você esta fazendo uma confusão. Essas bandas as quais você se refere nunca se propuseram ser bandas de massa.*

Marcelo — Sera? É uma boa pergunta. Será? É muito subjetivo...

BIZZ — *Eu acho que você tem que sepa-*

rar a atividade destas pessoas como jornalistas e nas suas bandas

Marcelo — O que eu acho engraçado é que são pessoas que não estão nem aí para o grande publico e dão conselhos para o grande publico. Mas eu só estou emitindo a minha opinião pessoal... Alias, a critica sempre faz isso, emite opiniões estritamente pessoais na maioria das vezes.

BIZZ — *Se a critica é tão desprezivel, por que as bandas se preocupam tanto com ela?*

Marcelo — Bom, eu sou uma pessoa que não leva barato para casa. Eu não estou colocando todo e qualquer critico sob esse fogo — estou falando genericamente da revista BIZZ. Aquelas coisas que você lê e diz: "Porra, se essa pessoa tem direito de dizer o que ela pensa e o que ela quer, por que eu não tenho o direito de revidar?" Eu sou baiano, cara.

BIZZ — *Quando você falou das "antiestrategias" do Camisa me ocorreu que isso é uma coisa que vem acontecendo com as bandas do rock nacional. Por exemplo, o Legião fez um segundo disco acustico com letras enormes e estourou muito mais que o primeiro. Isso indica que o comportamento do publico e ainda desconhecido tanto*

Para Marcelo, assim se define a música de hoje: "Não tem mais estetica nova de nada; é do, re, mi, fá..."

pelas gravadoras como pelas proprias bandas. Você imagina que o publico está esperando uma coisa e, na verdade, ele não esta esperando isso exatamente. Daí que esse papo de antiestrategias é que talvez não sejam tão anti assim...

Marcelo — Você traça toda uma linha de ocorrência entre a ideia e o objetivo a ser atingido quando na verdade nunca acontece assim, é sempre na intuição. A gente faz o disco pensando muito mais na gente do que no publico. Eu jamais faria um disco para agradar o publico que não me agradasse, jamais, jamais...

BIZZ — *Mas o Camisa não é uma banda para o grande publico?*

Marcelo — Tem estado com o grande publico, tem estado, mas não é uma coisa a ser perseguida. O que eu acho que passa no Camisa e liga as pessoas é a honestidade.

BIZZ — *Honestidade em relação a quê?*

Marcelo — A nos mesmos, quer dizer, o Camisa não é quadrado. E uma banda que se arrisca tanto nesse sentido de desafiar as convenções, que a gente se expõe muito mais que as outras bandas. O Camisa nunca pisou na bola — nos nunca mentimos, nunca copiamos, nunca pegamos o modelito europeu. Foi otimo essas bandas terem vindo para cá, porque desmitificou geral. Você vai ver o Cure. O que é o Cure? O Robert Smith é uma bichinha gorda que fica fazendo papagaiada no palco. Eu fiquei fazendo força para não cochilar. Aí veio o Echo & The Bunnymen, os caras são todos assexuados fazendo pose... A exceção foi o PIL, porque o Lydon poderia ter vindo com quem quer que fosse, ele é uma puta personalidade, ele extrapola o limite da musica. A pessoa às vezes se torna mais importante que a propria musica... Por exemplo, o Lobão é muito mais importante pelo que ele faz e diz do que pelo que ele canta. Eu sinto uma grande admiração pelo ser humano Lobão, ele assume inteiramente a responsabilidade pelos seus atos, ele não precisa se esconder, ao contrário dos popstars nacionais, que quando têm qualquer envolvimento se escondem, negam.

BIZZ — *Você está falando exatamente do quê?*

Marcelo — Eu estou falando de posturas diante de situações dificeis, de coragem, são raras as pessoas corajosas... E por isso que eu digo, o Camisa teve coragem de mandar a Som Livre tomar no cu quando não tinha nada. Eu me orgulho de ser chamado de arrogante por isso, eu acho que ser chamado de arrogante num meio tão apatico e elogio. Agora, eu tenho duas filhas, passo meus fins de semana com minha namorada e minhas filhas, sou uma pessoa superafável. Eu não sou rocker, ou melhor, eu sou rocker porque só quem muda as letras dos outros são Jerry Lee Lewis e Marcelo Nova. Só que hoje eu tenho 36 anos, não preciso mais provar que eu sou rocker na atitude. Me sinto muito mais proximo do Genival Lacerda do que do rock brasileiro. Ele e um dos maiores talentos do pais, e muito mais contundente do que qualquer sermão de banda de rock.

BIZZ — *Para que serve a contundência?*

Marcelo — E não são contundentes estas bandas? Esses garotos de vinte anos pregando sermao? Descobrindo a esta altura do campeonato que existem as instituições... Eu acho um saco! O que eu ouço de musica brasileira e Raul Seixas, Nelson Gonçalves... Genival Lacerda, eu acho o maximo... É uma pessoa que eu quero gravar. Nesse album duplo, a gente gravou uma musica do Macale chamada "Farinha do Desprezo" que é o maximo... Cadê Macale? Quer dizer, ninguem sabe quem é Macale. A frase de Raul (Seixas) é perfeita "falta cultura para cuspir na estrutura" quer dizer esta todo mundo querendo cuspir na estrutura de Brasilia, mas o discurso é o mesmo, a retorica é a mesma e *ad nauseum* se repete. Eu acho que tudo isso tem a ver com o fato de eu ter 36 anos de idade. Eu não faço parte desta "jovem guarda".

BIZZ — *Mas você esta fazendo a mesma coisa que esta "jovem guarda" esta, quer dizer, você tambem tem uma banda de rock...*

Marcelo — É, mas eu acho que o discurso e outro.

BIZZ — *Vocês estao falando para as mesmas pessoas que as outras bandas estao.*

Marcelo — É verdade, você vai num show do Camisa e tem uma plateia que so vai no Camisa, mas tambem tem aqueles que vão no show do Camisa e de algumas outras bandas, assim como tem alguns que vão em qualquer show. Isso tem mesmo, em estetica a gente e muito similar, porque são duas guitarras, um baixo, uma bateria e vocal, mas eu acho que o conteudo é muito diferente, nem vou dizer que e mais consistente, mas diferente.

BIZZ — *Então o que vale é o discurso?*

Marcelo — No caso do Camisa, o discurso é importante. Eu li uma observação sobre o Camisa que eu achei interessante no *ABZ do Rock*. O Marcelo Valadares (*N. da R. — o nome correto e Marcelo Dolabela*) escreveu que o Camisa e a banda de rock mais tradicional, que usa este tradicionalismo de uma forma que não é nada tradicional... Não lembro se era exatamente com essas palavras, mas era mais ou menos isso. Acho que basicamente o Camisa descobriu uma linguagem propria, nada de revolucionario — não mudou a concepção do rock, isso é besteira, mas conseguiu uma linguagem propria.

BIZZ — *Deixa ver se eu entendi direito. O que interessa para o Camisa é vocês sentirem que o som tem a personalidade propria e funcione como um meio para o discurso do que o som em si encerrar uma realização estetica.*

Marcelo — Essa coisa de estetica para o Camisa sempre esta em segundo plano.

BIZZ — *Por quê?*

Marcelo — Porque a gente não e da moda, independente de ser uma banda boa a gente tem as guitarras, tem o baixo — e a estetica —, mas ai eu volto a dizer: o conteudo é diferente.

BIZZ — *O que eu chamo de estética não e moda. Eu perguntaria se não ha preocupação de propor esteticas novas para a musica.*

Marcelo — Não tem mais estetica nova de nada, e do, re, mi, fá, sol, lá, si... Não tem mais estetica nenhuma. A estetica do punk que mudou o rock nos anos 70 foi através do discurso, porque a pobreza musical, isso já tinha sido proposto por todas aquelas bandas de garagem na decada de 60. Quem pega um disco para ouvir musica não vai ouvir Camisa, não vai ouvir Titãs. Vai ouvir Stravinsky, Beethoven, Tchaikowsky... O que é estética hoje? Hoje é pose! Quem é que vai propor estética musical, baseada em quê? Eu não vejo nada.

O Camisa [illegible] do Projeto SP. Do lado de fora, antes de começar o show [illegible] da platéia: "Bota pra [illegible]!"

BIZZ — *Essa questao me inquieta muito. Os tropicalistas, por exemplo, na sua época, conseguiram reunir um discurso e uma atitude diferente com uma estética nova que mudou a MPB. Me inquieta que as bandas novas não estejam procurando nas duas direções.*

Marcelo — Você acha que foi pouco — nem foi só o Camisa isoladamente, foram várias bandas — mudar o radio no Brasil? Mudou o publico. Djavan, Maria Betânia, Gal Costa e Simone foram cantar para gerente de banco que trepa com secretaria em motel.

BIZZ — *Vocês se autoproclamam "a unica banda heterossexual" e têm um discurso machista e anti-gay. Por quê?*

Marcelo — Não é anti-gay. A gente se olha no espelho e diz assim, será que vamos acabar num museu? Porque somos de uma espécie em extinção. Nós fizemos varias músicas com nome de mulher e fica todo mundo preocupado por causa disso... Porra, eu acho que biologicamente se espera que um homem goste de mulher. De repente, isso virou um motivo de pergunta.

BIZZ — *A pergunta não é se você gosta de mulher ou não, mas qual é a necessidade de afirmar esse discurso?*

Marcelo — Eu acho que é porque eu gosto de mulher pra caramba. A gente fala sobre mulher, canta sobre mulher e, evidentemente, o Camisa tem um lado escroto, o lado da coisa chula — como disse o Coriolano (*N. da R. — Fagundes — censor na época em que saiu o* Viva).

BIZZ — *Isso é uma coisa bem baiana, quero dizer, essa coisa sacaninha meio pesada, é bem tipica de Carnaval baiano.*

Marcelo — A gente tinha que ter pelo menos alguma coisa de baiano... Veja bem, nós falamos do tropicalismo, e realmente foi uma coisa superimportante, mas agora você veja a Bahia, como ela é triste e decadente. A comunidade negra em Salvador é muito diferente, ela luta mas o negro fica relegado à condição de atração da sala. Isso me chateia. Tem um cara em Salvador chamado Lazo Matumbe, que é um negão de 1,90m que era muito popular, fazia uma versão de Bob Marley, era um negocio forte para cacete. Aí eu estou um dia em São Paulo e ouvi Lazo no rádio. Eu quase não acreditei. Fui procurar o disco na loja e tinha... Pô, cortaram o cabelo do negão, botaram ele na capa vestido com camisa de tenista com jacarezinho, uma capa à la Cor do Som, arranjo de Lincoln Olivetti... Como é que pode? O cara é um diamante bruto, tem que ter um produtor com sensibilidade. É tudo tão folclórico na Bahia... Gilberto Gil vira secretario da Cultura, e, um mês antes do Carnaval, a grande discussão da secretaria era onde os Filhos de Gandhi (*N. da R. — bloco de afoxé*) ia dobrar, em que esquina...

BIZZ — *Mas a safadeza tambem não é uma folclorização do espirito baiano?*

Marcelo — Não, eu acho que é mais molecagem. Tem banda que conta piada de papagaio, de português, o Camisa só conta piada escrota. Essa coisa da "Silvia", da "Ana Beatriz", não tem uma conotação cultural, é pura molecagem, é até supérfluo.

BIZZ — *E essa coisa de roubar refrões?*

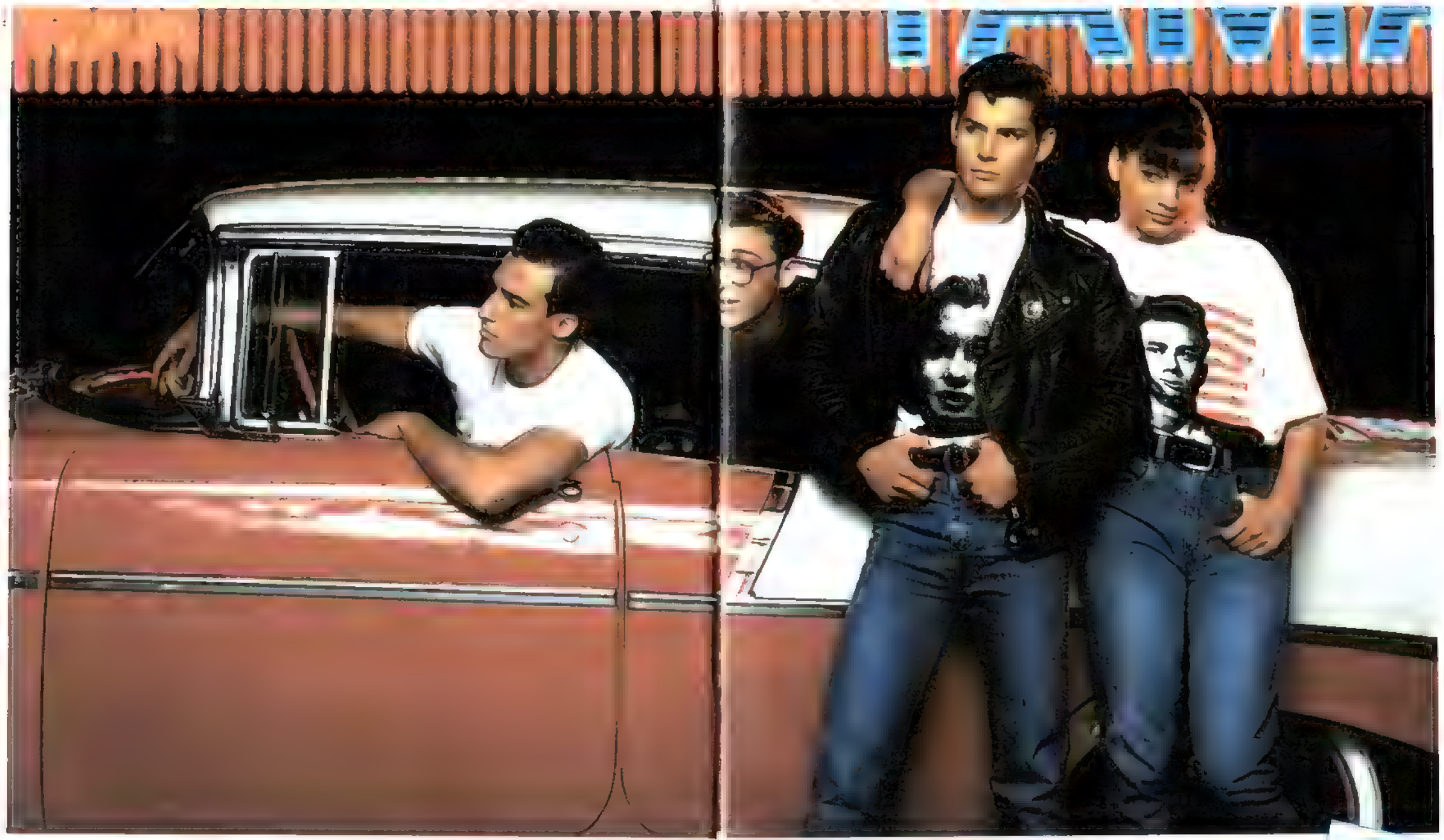
Marcelo — A gente sempre usa isso. Em cada disco tem uma música que a gente faz isso.

BIZZ — *É uma brincadeira?*

Marcelo — É uma brincadeira.

Gustavo — Que tambem pode ser levada a serio.

Marcelo — Não, é uma brincadeira, eu não estou plagiando, so estou tirando um sarrinho, posso?



Camiseta Hering é Juventude Sempre.

MODA AO SEU JEITO. UMA CAMISETA SEM NADA POR CIMA. E A CAMISETA VIRA MODA. O CABELO CRESCE. ENCURTA. A CALÇA FICA MAIS AMPLA. MAIS JUSTA. TUDO MUDA. MENOS A CAMISETA. CRESCE ATÉ QUE A CAMISETA FIQUE ACIMA DA MODA. CAMISETA HERING. VISTA ESTE CLIMA.

METAL in USA

PESADELO MILIONÁRIO

O pesadelo é mais ou menos assim: noite alta, brisa morna, new age para ninar. Um movimento lá fora atrai os olhos para a janela... gato? pombo? folhas?... Um monstro melequento e baboso — mais de dois metros de gosma, garras e pêlos no umbral da sua janela! Num relâmpago, a invasão do monstro é abortada a golpes certeiros de martelo num truzilhão de pregos sobre a janela... (Porradas ribombam no teto)... Não, não, de novo não! O reboco começa a ceder com um estrondo que pode ser ouvido a quarteirões dali. Mãos peludas e ensangüentadas violam o teto e se materializam a um palmo do seu rosto. Você descarrega toda a munição de uma Magnum. Silêncio. Silêncio? Só até uma das mãos suspender você pelos cabelos, cara a cara com a carranca que cheira a enxofre e sussurra: "Desista! O pesadelo continua!" Resistente e malcriado, este monstro existe há pelo menos vinte anos. Este monstro seduz adolescentes, acumula fortunas e tira o sossego dos pais. Este monstro se chama heavy metal.

Divulgação

Se o rock'n'roll é, desde os anos 50, o mais celebrado ponto de cizânia entre pais e filhos, o heavy metal — a partir do momento em que os Yardbyrds começaram a espirrar microfonia no público — é o pária inconteste da cultura musical do planeta. É o subgênero de rock que todos adoram odiar. E a forma mais barulhenta, mais agressiva, mais debochada, mais sexual, mais arrogante de rock correndo paralela com o mais radical punk de primeira hora. Talvez por tudo isso é o tipo de rock mais popular e um dos mais duradouros.

Como o monstro dos piores pesadelos, o heavy metal some e reaparece das vistas dos não convertidos. Em ciclos — de cara nova, às vezes com um ou outro detalhe estilístico inédito —, mas sempre heavy metal. E cada vez mais forte.

Em 1983 a revista *Musician* palanque confesso de "música séria" — deu capa atestando o vigor do heavy metal estrelando com uma penca de artigos com grupos como Scorpions, Judas Priest, Van Halen, AC/DC e solitários como Ozzy Osbourne. Em resumo, a revista anunciava a invasão da mídia pelo heavy metal. A "invasão" porém, foi de proporções mínimas aparentemente, pois os artistas metálicos enfocados continuaram restritos a seu grupo fiel de seguidores rábicos. Como é resistente, o heavy metal prosseguiu minando as bases da mídia e colecionando fãs e inimigos. O mais conhecido oponente adquirido pelo metal neste período foi a PMRC — uma associação de esposas de congressistas norte-americanos que criou uma verdadeira cruzada antipornografia (sic) no rock, cujo alvo favorito se tornou, obviamente, o metal. Com tantas referências metálicas a Belzebu, suruba, porrancas e outros babados, o que mais se poderia esperar da PMRC?

Toda essa adversidade funcionou como combustível para o metal, e hoje em dia o gênero desfruta a maior popularidade de sua já longeva carreira. Bom exemplo disso foi a parada de LPs publicada na revista *Billboard* em 13 de junho deste ano. Dos seis primeiros lugares do listão, cinco eram de artistas heavy: Whitesnake, Bon Jovi, Poison, Motley Crue e Ozzy Osbourne. O mais bem-sucedido de toda essa pesada

Ao lado, Ozzy Osbourne, em traje dândi. Abaixo, o Def Leppard, capa da *Musician* de outubro

Acima, o Whitesnake de David Coverdale. Ao lado, a coqueluche da nova geração: Metallica

leva, Bon Jovi, tinha para seu crédito sete milhões de cópias vendidas só nos Estados Unidos, mais que o dobro da vendagem do primeiro lugar da parada. Na mesma semana, cinco dos dez vídeos mais pedidos na MTV eram de artistas de metal. E, se alguém se desse à pachorra de vasculhar o restante da parada da *Billboard*, encontraria, entre os Top 200, Anthrax, Stryper, Night Ranger, Montrose, Metallica, Deep Purple, TNT, Ace Frehcley, Megadeth, Iron Maiden, Europe, Van Halen e Cinderella. Também na mesma edição da *Billboard*, os shows de maior bilheteria eram de heavy metal, com o Bon Jovi liderando a matilha.

Como se justificaria esse estrondoso ressurgimento do metal? Os estritos *playlists* das FMs teriam aberto as pernas para o gênero mais discriminado do rock? Outras gerações, que não as cativas do heavy teria cooptado? Nem tanto ao mar, nem tanto à terra: mais do que nunca, as FMs dos Estados Unidos se restringem ao paradão de sucessos ou ao formato "classic rock" — velharias célebres e "clássicos" recentes do que essas emissoras chamam de "verdadeiro rock'n'roll". Além disso, o público heavy tem-se mantido inalterado nos últimos vinte anos — 75% masculino, entre 15 e 20 anos. A culpa — se assim podemos dizer — é, mais uma vez, da MTV.

O que as rádios não tocavam e o que a imprensa rock não noticiava podia ser encontrado — e com fartura — na programação da MTV, no meio dos anos 80: Scorpions, Def Leppard, Twisted Sister, Ozzy. E o que passava na MTV, como ocorre até hoje, se tornava, forçosamente, sucesso. Como os clips de metal superavam a competição, muitas das vezes, em bom humor, ação e plasticidade, o fruto da exposição maciça foi colhido em dobro. A afluência do que se poderia chamar videometal, no entanto, saiu pela culatra ao despertar a ira de fortes inimigos, do calibre da Parents Music Resource Center, o tal PMRC. Conservadora até o derradeiro *frame*, a MTV botou o rabo entre as pernas e reduziu sua dose de metal diária a um mínimo.

O metal, por sua vez, não se fez de rogado e voltou à carga, com novos reforços e novas táticas. Saíram de cena os satanismos exacerbados e em seu lugar entraram outros ingredientes, todos mais atraentes ao grande público: baladas heavy (que já existiam, mas agora lapidadas de forma diferente para os novos tempos), um visual mais para gato do que para javali feroz e uma atitude de pistoleiros heróicos, solitários e incompreendidos. A nova versão do metal arrebanhou o antes arredio público feminino — aumentando, assim, apelo e vendas — utilizando o velho chavão do roqueiro atraente e perigoso. Tudo isso resultou no primeiro grande gigante do metal nos anos 80, o quinteto Bon Jovi, de Nova Jersey, recordista de vendas de discos e bilheterias desde que foi lançado o primeiro single do LP *Slippery When Wet*, "You Give Love a Bad Name", claramente direcionado para as meninas.

Na rabiola do sucesso do Bon Jovi, outro quinteto, o Motley Crue, de Los Angeles, aprimorou seu *look* e deixou de lado o visual *glam-metal* que vinha afetando desde sua fundação para optar por mais couro e mais masculinidade. Como havia feito o Bon Jovi, o Motley Crüe reforçou a instância "ao vivo" de seus clips — o tradicional clima "na estrada e soltano, mas se divertindo pacas". Só não conseguiu superar os recordes do Bon Jovi, apesar de já ter registrado vendas de mais de um milhão de cópias de seu novo álbum, *Girls, Girls, Girls*.

O atual sucesso do metal nos Estados Unidos pode ser medido por dois confiáveis termômetros: a *Billboard* e a *Rolling Stone*. No ano em que comemora seu vigésimo aniversário, a *RS* deu duas capas heavy — Bon Jovi e Motley Crue. Na parada de álbuns da *Billboard* de 22 de agosto, o metal continuava imperando — embora a intensidade não fosse idêntica à de junho, pelo menos três nomes pareciam dispostos a manter o bom ("") nome do metal. Whitesnake (segundo lugar), Def Leppard (de volta à ativa após quase cinco anos de descanso forçado. O novo álbum *Hysteria* estreou no trigésimo sexto posto da parada) e o velho e recalcitrante Dio (quadragésimo quarto lugar e subindo vertiginosamente). E se a MTV voltou a reforçar o condimento heavy de sua programação, em Long Beach na Califórnia, surgiu a primeira FM estritamente heavy, a K-NAC. Ou seja, o monstro está à solta, mais forte do que nunca. Aturai! *J E R*

PARALAMAS

AO VIVO!

O NOVO LP/K7 DOS PARALAMAS DO SUCESSO

DISCO DE OURO NA 1ª SEMANA

GRAVADO AO VIVO EM MONTREUX '87!

PRODUZIDO POR LIMINHA

LANÇAMENTO

EMI

JÁ À VENDA EM TODO O BRASIL

NO K7 UMA MÚSICA EXTRA. SERÁ QUE VAI CHOVER (VERSÃO ESTÚDIO)

Wrangler. Born in America.
Wrangler

ENGENHEIROS DO HAWAII

O QUE ELES TÊM A DIZER?

Para muitos eles não tinham nada a acrescentar ao rock nacional. Chegaram até ser tachados de a nova direita. Mas, para os próprios Engenheiros eles valem muito pouco para despertar tanto blá-blá-blá. Tudo bem — musicalmente eles estão mais para uma velha-nova jovem guarda do que para o rock inglês. E, apesar de todo sucesso, esses três gaúchos continuam morando em Porto Alegre e se preocupando com seu próprio mundo. São solitários... Talvez por isso mesmo eles demonstrem, nesta entrevista, um discernimento menos nebuloso sobre as coisas do mundo, do indivíduo e da máquina fonográfica, à qual todos que pertencem a esse meio estão ligados. Sônia Maia, que torcia o nariz para o grupo, confere e aplaude

BIZZ — *De onde saiu esse nome, Engenheiros do Hawaii?*

Carlos — Na verdade é uma banalidade total. Quando a gente começou a tocar, a idéia era fazer um só show. Uma bela tarde de novembro de 85 decidimos ser Engenheiros do Hawaii, que eram as duas piores coisas que a gente poderia imaginar.

Humberto — A maior agressão a nós mesmos; o que mais poderia nos prejudicar.

BIZZ - *Por que esse autoflagelo?*

Humberto — Em todas as vinte e quatro músicas que gravamos tem esse autoflagelo. Acho que é um sentimento de culpa por fazer parte desse segmento social (*música*). Acho besteira quem está nesse meio sair dando uma de herói, com positivismo, tentando salvar o mundo a partir do lugar onde está. É uma forma de purificação, entende? O "rock'n'roll" só existe enquanto clichê. Tem que ter discernimento para ver isso. Tem que ter uma vontade para estar vivendo nesse fim de século, nesse fim de monetarismo. Acordar numa segunda-feira e dizer: "Pô, estou em 87, mas o Iron Maiden é demais!". E comprar os discos e viajar nessa espontaneidade. Acho que as pessoas têm medo pudor de viajar nessa espontaneidade. Não sei por quê. Talvez muitas cabeças modernas.

Carlos — A gente já partiu do pressuposto de que não valíamos nada. Mas esse pressuposto te leva a fazer coisas interessantes. Acho que as pessoas que não valem nada podem fazer coisas interessantes... Nossa influência é eminentemente fonográfica.

Não vamos a nenhum show de rock. Eu vi o Genesis, que é pior do que não ter visto nada.

BIZZ — *Me disseram que você, Humberto, e o Carlos* (o guitarrista Augusto Licks é recém-ingresso) *são pessoas solitárias. Talvez isso tenha a ver com todo esse levianismo.*

Humberto — É... somos muito chatos. Por incrível que pareça levamos muito a sério essa coisa de tocar. Por isso somos levianos. Somos solitários como todo mundo é, queira ou não. É uma coisa super boa na solidão que é a transa de ser rápido, franco-atirador. Nenhum franco-atirador pode ter família, ficar com as mesmas idéias o tempo todo. Nesse sentido usamos a solidão — para atingir a nós mesmos. Estamos tentando entrar nesse rolo [illegible] de música, que no auge passado se chamava de mundo rock [illegible] como se chama. É super difícil ser individual hoje em dia [illegible]

BIZZ — *Falando [illegible]*

Humberto Gessinger (ex-guitarra, agora baixo), autor de quase todas as letras e musicas

Humberto — O primeiro era uma pintura de algo que tu estava vendo e este é uma pintura de algo que tu está sentindo. É uma coisa extremamente careta esse jeito que eu transo música — de ser uma pintura, de ser uma forma de expressão, de ser um espelho. Mas é o jeito que eu posso transar — não posso ir adiante de minhas pernas. Eu ainda estou nessa, de achar que música é um meio e não um fim. Agora é difícil extrapolar além disso. A gente não pode falar que mudou — ficou mais leve, mais pesado, tem mais ritmo, menos ritmo. Gostaria que alguém fizesse sobre isso. Vou estar atento sobre o que vão escrever a respeito. Sabe, gosto dessa coisa de não saber qual é. Talvez seja uma incapacidade de dominar o processo. Mas eu gosto de fazer e ficar torcendo.

BIZZ — *Quando ouvi a fita do disco, ela me remeteu para uma época bem próxima à jovem guarda. Vocês acham que isso tem a ver?*

Humberto — Não sei distinguir muito movimentos e fases. Somos super influenciados pelos franceses dos anos 60 — Sade, Camus, aquela baboseira toda. Sou super tiete desses caras. E o Julio Reny *(representativo compositor gaúcho que faz uma participação nesse segundo LP dos Engenheiros)* me abriu os olhos para um lance: ele descobriu um Roberto Carlos existencialista, que é uma ponte que eu nunca teria feito. Pensando bem, tem uma série de condicionantes — os caras não abriam mão da canção, a gente também não abre mão da canção.

Carlos — Não sei se Roberto Carlos leu Oswald de Andrade. De repente, nem leu. Mas ele tinha uma coisa super antropofágica. Ele teve a consciência de sacar que não bastava apenas cantar o iê-iê-iê — tinha de traduzir ele para o Brasil. Ele estava engolindo e devolvendo para as pessoas que viviam aqui. Isso, pelo menos, a gente tem a pretensão de fazer.

BIZZ — *Tem um lance interessante no encarte do disco, que são aqueles personagens — do Jeca Tatu a Noel Rosa e, embaixo, aquela fileira de presidentes brasileiros. Inclusive o jeito como vocês colocaram o Iron Maiden lá, parece que o boneco está exorcizando aqueles políticos.*

Humberto — O Maiden é uma coisa que a gente está citando bastante porque, por incrível que pareça, é uma descoberta recente da banda — bandas que viraram as bruxas, as malvadas. São os grandes dinossauros! E pintou essa coisa de botar o Maiden acima daquelas pessoas babacas. A racionalidade desses presidentes é muito superficial. No fim são muito mais surreais que um bonequinho de banda de heavy metal. É Gabriel Garcia Marquez, mesmo. Aquela coluna que sobe, numa ascendente, aquilo é o sonho: vai do Roberto Carlos a Noel Rosa, passando pelo carinha da seleção, o Garrincha. Ali embaixo é a âncora. O Iron tentando subir a âncora mas não dá.

BIZZ — *E o TFP que aparece no meio dessa ascendente?*

Humberto — É uma brincadeira, porque de uns tempos para cá fomos tachados de ser a nova direita por pessoas que são a velha direita. Isso pelo simples fato de a gente, porra, não embarcar mais no barco de que empunhar uma guitarra seja algo de novo, revolucionário, que incomoda. Quem incomodava era o Chuck Berry, que era negro, não tinha grana, fumava nos anos 50 nos EUA. Então queremos instigar essa jogada: como é que *nós* somos da direita? O que a juventude tem feito? Comprado guitarra importada? Tem colocado a avançada nas guitarras? Qual é a dela? Ainda mais essa pequena elite da juventude que se informa um pouquinho e só serve para patrulhar o resto, tachando as bandas que transam heavy metal de acéfalas. Que neurônios a mais tem o Roberto Smith em relação ao Bruce Dickinson? E essa jogada da TFP é para provocar mesmo. E duvido que as pessoas que nos chamam de nova direita reconheçam que aquilo é um TFP. Elas viajam muito no fascismo alemão e italiano dos anos 40, que é o fascismo que aparece no bang-bang depois da novela da Globo.

Carlos — O Iron Maiden, pelo menos para mim, o que mais atrai — fora o som dos caras — é a jogada deles serem completamente impossíveis. Eles apareceram numa época em que era impossível uma banda daquela dar certo. E eles provaram para o mundo que as coisas não mudaram muito. É uma velha banda de rock'n'roll. As mudanças que estão introduzindo na jogada do heavy são muito pouco conscientes. Certas coisas que o Purple fazia não serve para as bandas que estão tocando hoje. Os caras querem tocar mais rápido, mais violento. A guitarra já não pode ser tão livre. Os caras são movidos por leis extremamente práticas, do cotidiano, nada filosófico. Isso é uma atitude de engenheiro. Nesse tipo de coisa eu acredito profundamente.

BIZZ — *Como vocês chegaram ao público e à mass media?*

Humberto — Sou meio cabreiro em analisar porque depois fica difícil você não ficar viciado em sua própria análise. Mas eu ouço aquele disco e digo: "Porra, tem uma grande canção nesse disco e tem uma banda muito ingênua nesse disco". Gosto de pensar que as pessoas ouviram essa ingenuidade e essa montanha de asneira que a gente fez, misturado com coisas boas e legais.

BIZZ — *Vocês comentaram que havia tido um lance com a gravadora que prejudicou o trabalho... O que rolou?*

Carlos — Esse lance de gravadora acho que tem muita choradeira nessa

Augusto Licks, considerado por muitos gaúchos como o melhor guitarrista dos pampas

"Da gravadora, quero mais é que eles façam o disco redondo, que caiba no toca-discos e que tenha um furinho no meio. O resto eu faço. Não gosto de pensar que a gravadora possa me prejudicar tanto"

história. A RCA é sabidamente uma das gravadoras mais impessoais que tem por aí. Inclusive rola um papo no meio de pessoas que acham que tal gravadora é mais legal porque o diretor artístico é mais sensível, dá mais atenção à banda, a outra tem uma mídia mais legal. Mas eu sempre achei — e continuo achando — que essas coisas não nos interessam e não deve interessar muito às bandas. Olha, f*-se! A gente foi prejudicado por coisas do tipo: lançaram um disco e, antes das pessoas que recebem o disco ouvirem, estão lendo um release feito por um irresponsável, um babaca que diz que a banda é o Paralamas do Sul. É esta a idéia que está na cabeça do diretor de produção da gravadora, que é um cara extremamente grosseiro... e não tem obrigação alguma de não ser grosseiro! Eu não quero um diretor de produção sensível. Prefiro até que seja o mais hipócrita.

Humberto — A gravadora quer te vender como o rock do verão, o novo símbolo sexual, o novo som do Rio Grande do Sul. Mas se tu é chamado Engenheiros do Hawaii, são três caras completamente feios e sem graça e não tem rock no Rio Grande do Sul, acaba ficando uma coisa extremamente engraçada. Isso se tu é suicida e está preparado para levar ovo no show. Nos prejudicou? Não. Ficou grotesco essa coisa de gravadora insensível achar que todo cantor de rock pode ser um símbolo sexual e de achar que toda banda de rock pode ser um novo modelo ou uma nova onda. Ficou tri Engenheiros do Hawaii. Essa é a nova onda do verão 87? Então vá, todo mundo morrer afogado!

Carlos — A pessoa que transa imprensa já pediu: "Pô, vem aqui um dia e me explica como é a banda de vocês, já que estamos cometendo erros", e tal. E é uma coisa que não me interessa. Não quero que esses caras sejam esclarecidos sobre a gente. Quero que eles peguem o nosso disco e coloquem no mercado.

Humberto — A gente não pode perder tempo tentando aperfeiçoar a gravadora. Tentar ser super profissional e ganhar uns pilas a mais dela é tão capitalista quanto você ser de uma gravadora. Quero mais que eles me afanem, roubem minha grana. O que eu acredito é em quatro cordas, não em quatro cifras. Muita gente deve achar super chato ouvir isso. Minha mãe deve achar super chato ouvir isso, "Pô, meu filho é um irresponsável". Mas eu sou, cara. Acho que a grande poeira que tu pode botar na máquina é essa irresponsabilidade consciente para caramba. É o que se pode fazer. Da gravadora, quero mais é que eles façam o disco redondo, que caiba no toca-discos e que tenha um furinho no meio. O resto eu faço. Não gosto de pensar que a gravadora possa me prejudicar tanto. Ela pode cancelar meu contrato ou não.

BIZZ — *Vocês disseram que as pessoas daqui não sacam como é diferente ser uma banda de Porto Alegre. Como é ser de Porto Alegre?*

Carlos — Tem uma coisa que rolou no primeiro disco que eu ouvi bastante. As pessoas acharam um disco desnecessário para o rock nacional. É um disco fora de moda para caralho, não competitivo com o que está rolando hoje no rock nacional. E é impossível que a gente faça alguma coisa diferente, porque o Rio Grande do Sul é um lugar meio à parte do país. As pessoas de lá ainda estão ouvindo essas coisas... Por exemplo, eu não posso montar uma tralha tecnológica que me impeça de viver no universo em que eu existo. Eu existo no Rio Grande do Sul, existo no Brasil.

Humberto — Eu não quero ser viável. Acho que essa bandeira não é minha, mas acho que sou viável. Não preciso de porra nenhuma que eu não tenha — minha urgência é muito maior que minha carência. Essa jogada é longe demais das capitais — o barco está sendo afundado por um furo que está muito longe dos nossos pés.

BIZZ — *Augusto, você tocou com Nei Lisboa, tem anos de estrada... Como foi entrar para o Engenheiros do Hawaii?*

Augusto — Para mim foi uma porrada na cara — eu estava olhando para um lado e me deram uma porrada na cara e eu acabei olhando para o outro lado. Tem todo um processo pessoal e, também, um lance de atitude. Já me chamaram de melhor guitarrista, um cara com formação jazzista e, de repente, estou numa banda de rock. Estou numa parada mais limitada e esses limites, contraditoriamente, me livraram de um aprisionamento.

Humberto — Resumindo, acho que ele fez uma grande besteira, o que prova que ele é um Engenheiro do Hawaii. Ele fez uma coisa leviana, inesperada, ele deu a curva, ele foi Godard para caramba na volta. E o Augusto abriu mão de uma coisa que estava super segura para ele, como a gente abriu mão de coisas que estavam super seguras para a gente, que era a nossa formação — a arquitetura —, ou a possibilidade de continuar ganhando disco de ouro.

BIZZ — *Tem uma coisa que é mais uma colocação que uma pergunta. As letras de vocês, pelo que eu observei, expressam bem o tempo que a gente vive...*

Humberto — Acho que é a idéia do blá-blá-blá do pós-moderno. Muita gente fica discutindo como se fosse uma coisa passível de discussão. Como se uma doença que se pega fosse passível de discussão. Como se o fim de semana que chega fosse passível de discussão. Não é passível de definição. A gente está vivendo uma era e quem não está assumindo está perdendo um tempo. Uma geração atrás eu estaria onde? Careta, colhendo cenoura numa horta do Rio Grande do Sul. Vinte anos depois eu estou em contato com Syd Barrett. Quer dizer, eu não posso bicar essa coisa colônia que eu tenho por causa do Syd Barrett. As coisas acontecem simultaneamente.

Carlos Maltz (bateria), companheiro número um de Humberto

SMITHS

AS ÚLTIMAS PALAVRAS

O fim dos Smiths foi a bomba do ano. Não é todo dia que os "salvadores do pop" se separam, deixando milhares de fãs inconsoláveis; foi tudo tão de repente... Ou não foi? É chegada a hora de nossos leitores sentirem o clima dos acontecimentos que culminaram na separação. Em entrevistas exclusivas, concedidas durante as sessões de mixagens do último LP, Morrisey e Marr já davam indícios de suas diferenças. Não se esqueçam que eles seguem na ativa: Marr em turnê com os Pretenders e Morrisey no estúdio com Vini Riley. Sigam as pistas...

Entrevistas cedidas pela WEA

BIZZ — *Este novo LP é provavelmente um dos trabalhos mais poéticos e inquietantes... um dos mais bonitos que vocês já fizeram. Você está contente com ele?*

Morrissey — Muito contente. Sinto que ele aperfeiçoa tudo o que foi tentado no passado. Sinto que é o mais completo entre os discos que os Smiths fizeram.

BIZZ — *É interessante que nas letras há muito sobre os atos de amar, e de amar e perder, temas praticamente inéditos em você. Por que isso? Foi alguma coisa em sua vida que mudou?*

Morrissey — Bem, nada mudou e estou sendo totalmente honesto. Continuo me sentindo igual, sinto admitir — nada de incrível aconteceu. Mas, ao mesmo tempo, musicalmente, considero o LP um aperfeiçoamento de tudo o que fizemos antes. Quanto às letras, acho que, basicamente, eu melhorei muito.

BIZZ — *Se ele é musicalmente perfeito, isso não te preocupa? O que fazer depois?*

Morrissey — Não chega a me preocupar, não posso deixar de reconhecer que deve haver, no futuro, algo novo, uma certa mudança — que não será dramática nem drástica.

BIZZ — *E como Johnny Marr se sente em relação a isso? Ele também acha que vocês atingiram um zênite?*

Morrissey — Hum, sim. Pode até soar como o esgotamento de nossas próprias dimensões ou das capacidades de um ponto de vista particular... um comentário que pode até soar negativo, mas não é — acho bem positivo. Fizemos muitos discos. É o que diz para mim.

BIZZ — *Uma das faixas punha um retrato do* music biz, *que é um dos mais amaldiçoadores que eu já ouvi...*

Morrissey — *Yes.*

BIZZ — *... É você obviamente teve de operar nesse meio. Como lidar com os ideais?*

Morrissey — É muito difícil, se você tem opiniões firmes sobre a indústria fonográfica — o que a maioria dos artistas *não* tem... *(num tom deliciosamente irônico)* —, principalmente em entrevistas, quando se tem uma chance de soltar essas opiniões no ar. Acho que, se você tem opiniões que são consideradas fortes, elas são interpretadas como negativas... A indústria fonográfica fica muito impaciente com pessoas que têm opiniões e pontos de vista *(começa a rir discretamente)*. Eles já possuem um esquema bem organizado e montado, funciona bem, emprega bastante gente. Então, se alguém sugere alguma mudança, é rapidamente varrido da área. Poucas pessoas tentaram, eu diria... você sabe *frisos*)...

BIZZ — *... Você acha possível, mudar isso?*

Morrissey — Acho possível mudar em algumas coisas, e mesmo isso vai levar um bom tempo. Mas — nas coisas mais importantes e ativas — acho impossível. As pessoas que controlam a indústria fonográfica são muito poderosas. Há outro ponto importante: os grupos raramente tendem a se reunir. Os artistas são todos meio isolacionistas. Acho muito difícil acreditar em qualquer movimento unificado de grupos ou artistas.

BIZZ — *Muita competição?*

Morrissey — Sim... e todo mundo fazendo tudo para... bem, toda pessoa deseja que gostem dela.

BIZZ — *Você deseja que gostem de você?*

Morrissey — Sim, sim, mas não vou pagar nenhum preço por isso.

BIZZ — *É importante ser querido apenas pelas pessoas que compram os seus discos ou pelas que compram discos em geral?*

Morrissey — O que eu acho que é realmente importante — na vida cotidiana de qualquer pessoa — é que gostem de você pelas razões certas... Eu espero.

BIZZ — *Outra faixa do disco, "Last Night I Dreamt Somebody Loved Me", (A Noite Passada Sonhei que Alguem Me Amava)... bem, é uma torrente emocional, uma exposição da alma, do coração e das entranhas. É você, você se expondo, em vez de compondo? Você escreve da alma?*

Morrissey — Sou eu. Sou eu mesmo. As vezes — bem, a maioria das vezes — sinto que embora os Smiths sejam tremendamente populares, os discos nunca serão tocados, as canções nunca serão ouvidas. Quando *Meat Is Murder* entrou nas paradas em primeiro lugar, e a faixa-título não tocou em nenhum lugar, achei muito peculiar. O mesmo com *The Queen Is Dead*, que entrou em segundo... Nunca ouvi nenhuma dessas duas no rádio, nem na programação diurna nem na noturna.

BIZZ — *Eu toquei, eu toquei.*

Morrissey — É verdade! Eu ouvi quando você tocou; também fez comentários muito simpáticos.

BIZZ — *Ser amado é uma coisa engraçada, estranha, especialmente quando se está no* music biz. *Porque, voltando ao assunto de transformações no meio musical, a maioria das bandas antigas sempre pregou reformas sociais e mudanças radicais, mas acabou — de alguma forma — presa pelo sistema. Você não sente que, criticando estruturas, acaba caindo na mesma armadilha? Pode-se criticar o* music business *mas continua-se fazendo parte do meio... É difícil para você superar essa contradição?*

Morrissey — Bem, as pessoas sempre acham muito difícil acreditar que eu não faça parte disso. Mas eu realmente não me sinto parte disso. Não me sinto parte do grande pool de companhias que controla mundialmente a indústria fonográfica. Não sinto e nunca senti. Para se sentir parte, é necessário — talvez — passar pelo ritual das festas e coquetéis e... essas coisas... parte desse grande *nonsense* que é o mundo pop.

BIZZ — *Badalação e embalos noturnos?*

Morrissey — Badalação e embalos noturnos e festividades e sair para ser visto e dar tapinhas nas costas dos outros, quando necessário. Nunca consegui fazer isso. E tive tantas oportunidades nos últimos dois, três anos! Teria facilitado muito a vida dos Smiths...

BIZZ — *De que jeito?*

Morrissey — Apenas sendo conveniente e conciliador. Com todo mundo.

BIZZ — *Você não é?*

Morrissey — Não.

BIZZ — *Em que sentido?*

Morrissey — É muito difícil para mim assumir o papel do pop star típico, de sucesso. Mencionar estas palavras já é duro, raro. Pela primeira vez — isso bem recentemente — fomos à Itália e fizemos vários programas de TV, com muita gente famosa — o Spandau Ballet, Curiosity Killed the Cat e outros. Ficamos todos juntos durante uns quatro dias e foi a primeira vez que me vi nesse tipo de situação. A verdade é que nunca encontrei muitos *performers*, *stars*, sejam o que forem. O intrigante é que costumo achá-los todos muito simpáticos, mas ficou muito evidente que há uma grande rede poderosa e organizada que já sedimentou um tipo de comportamento. E percebi com muita clareza, estando lá, o quanto estou distante de tudo isso.

BIZZ — *E eles perceberam isso?*

Morrissey — Acho que sim, mas foram todos muito simpáticos comigo. Tolos, para falar a verdade.

BIZZ — *Acho que foi Alexei Sayle quem disse que as celebridades que se consideram de status equivalente são as que saem juntas e se divertem juntas. Por exemplo, não se vê Curiosity Killed the Cat badalando com os Stones, mas é comum ver os Stones com Bowie. Não há nenhum de seus colegas de geração que tentou conquistar sua amizade nessa base?*

Morrissey — Sim, um ou dois deles. Mas talvez seja só porque somos da mesma geração musical, nada além disso. Não posso negar que há uma ou duas pessoas... tais como *(baixa o tom de voz)* Pete Burns e Lloyd Cole. Não posso negar *(começa a rir e ambos caem na gargalhada)*.

BIZZ — *Voltando às letras do novo disco, outra coisa inédita é a presença de garotas. Você não costumava escrever muito sobre garotas. O que fez você começar a prestar atenção nelas?*

Morrissey — Ah, na verdade nunca prestei atenção nelas *(mais risadas)*, eu sou míope! Antes eu sofria de uma grande ilusão, achava que escrevia letras — teoricamente, pelo menos — universais, e assim estava falando por todas as pessoas. Mas muita gente me chamava a atenção para o fato de que isso não estava acontecendo nem um pouco. Você está se enganando! As mulheres simplesmente não existem no seu mundo! O que *não* é verdade. Aí passei a achar, de uns tempos para cá, que precisava tornar isso mais aparente.

BIZZ — *Então você começou a admitir a existência das garotas?*

Morrissey — Não, você não entendeu: elas sempre estiveram presentes. O que percebi foi que tinha de simplificar mais as coisas — que podia usar a palavra "ela".

BIZZ — *Você não faz segredo de seu celibato. Esses romances das letras são, então, todos amores imaginários?*

Morrissey — Não mesmo. Acho que nunca mencionei "sexo" em nenhuma letra...

BIZZ — *Mas está sempre implícito.*

Morrissey — Ah, a implicação sempre existe *(volta a gargalhar)*.

BIZZ — *São, então, amores platônicos?*

Morrissey — Ah, sim, quase todos eles. Todos, para ser sincero!

BIZZ — *Então são reais, não imaginários?*

Morrissey — Foi o que eu disse. São todos reais. Eu conheço algumas pessoas, você sabe.

BIZZ — *Você costuma passar por maus bocados amando as pessoas apenas espiritualmente? Você teve muitas*

"Nunca prestei atenção nas garotas, eu sou míope! Tinha a ilusão de escrever letras universais"

Os Smiths antes do fim: os pivôs da separação com Mike Joyce e Adam Rourke

Andy Catlin/K.F.I

Segundo Marr, ele trouxe uma visão anti-rock para um grupo de rock'n'roll

decepções amorosas?

Morrissey — Sim *(cai na gargalhada)*. Tive uma vida tenebrosa, horrível do começo ao fim!... Bem, talvez isso já tenha sido excessivamente documentado. Mas continua presente, é megavel. O que estava dizendo é que conheço pessoas, me encontro com elas e .. Mas as relações costumam se revelar desastradas de uma maneira pessima.

BIZZ — *É culpa sua?*

Morrissey — É.

BIZZ — *Porque você escolhe a pessoa errada ou porque não consegue preservar uma relação?*

Morrissey — *(Cai na gargalhada)* O que você tem a ver com isso? Não, não é nenhuma dessas duas coisas. É uma *outra*.

BIZZ — *Ooh!*

Morrissey — Não... Para falar a verdade, acho que nunca tive um relacionamento gratificante com ninguém. O que eu não gostaria que fosse colocado como alguma revelação dramática. Mas, mesmo assim, é a pura verdade. O que isso me deu foi um ponto de vista bem particular sobre os relacionamentos humanos que deve ser raro, eu suponho.

BIZZ — *Ainda assim, isso não parece ter transformado você em uma pessoa amarga.*

Morrissey — Ah, mas transformou...

BIZZ — *Sério?*

Morrissey — Sério.

BIZZ — *Quando se é conhecido como uma pessoa crítica, você sente que a ferida dói mais fundo quando é você quem recebe uma crítica? Como você aceita críticas?*

Morrissey — As vezes uma critica pode ser muito util. So porque é negativa, não significa que esteja errada nem que venha de um ponto de vista ressentido ou neurótico. Muitas vezes eu dou boas-vindas às críticas pois posso me recostar e pensar: "De fato, eu realmente sou um..." Outras vezes, porém, quando sei que vêm de alguém que não gosta de mim por razões desconhecidas, não aceito, começo a telefonar para advogados, quebrar garrafas de leite...

BIZZ — *E você não sente compaixão quando fala de alguém que não conhece? Por exemplo, naquela época em que você deu para ficar falando mal de Bob Geldof, você não se preocupou com a possibilidade de ele sair telefonando para seus advogados e quebrando garrafas? Não acha que o machucou?*

Morrissey — Não pensei assim na época porque achava que ele estava ocupado demais com aquela coisa grandiosa do Live Aid para prestar atenção aos meus pontos de vista, que foram repetidos durante tanto tempo. Parecia até que eu estava organizando algum movimento contra ele, e não era exatamente o caso. Mais tarde, até ouvi dizer — por amigos comuns — que ele andou perguntando, chateado: "Por que o Morrissey tem essa visão de mim" etc? Na época eu nunca desejei que isso se tornasse uma questão... bem, que se tornasse o palanque do meu discurso. Mas seguiu esta tendência e tornou-se um tema recorrente em muitas entrevistas minhas. Não me importava tanto assim com aquele evento...

BIZZ — *Até pessoas como as da Família Real podem se sentir machucadas, ou você acha que estão muito acima disso ou então são estupidas demais?*

Morrissey — Com certeza, uma mistura das duas coisas. Acho que já estão *longe demais* para prestar alguma atenção. Quando você considera o mundo em que nasceram, acho que não estão nem aí nem para as mais leves críticas. Não mesmo. A não ser, talvez, quando são sobre os traços faciais da pessoa *(risos)*, aí pode ser que doa como uma ferroada. Não é o mundo em que eles vivem. Não acredito que seja.

BIZZ — *E o quanto doeria em você se, digamos, hipoteticamente, o disco novo dos Smiths não fosse o sucesso que você esperava, especialmente quando você acha que atingiram a perfeição? Isso te devastaria emocionalmente ou continuaria tranquilo, com a consciência de ter feito algo correto?*

Morrissey — Me deixaria devastado, mas, ao mesmo tempo, sentiria tudo como uma má interpretação por parte das pessoas, pois eu sou um crítico rigoroso do trabalho dos Smiths. Mais crítico do que qualquer um. Não estou ali martelando nenhum discurso arrogante sobre nossa pretensa genialidade, implicando que o nosso é o único caminho e que qualquer outro é o caminho do inferno. Não sou nem um pouco assim. Em geral, sou o primeiro a dizer "Perai, não é tão bom assim, apesar do que dizemos". Porque é tão facil para os grupos, assim que começam a fazer sucesso, serem levados em embriaguez por sua própria mística. De repente, passam a acreditar que tudo o que fazem e tudo o que tocam é certo, não importa o que, porque são *eles*. Mas nunca me senti assim, sempre dei um passo para trás para tentar olhar as coisas de um ângulo diferente, mais objetivo. Mas acho que ficaria bem perturbado se o público dissesse: "Não, chega!"

BIZZ — *Qual é a importância que o dinheiro tem para você, e qual a importância que teve para você no passado?*

Morrissey — Bem, foi *muito* importante no passado, pois eu realmente nunca tive nenhum e fui indiscritivelmente pobre durante anos. Assim, uma quantia básica era criticamente importante para mim. Mas, agora que tenho... acesso, digamos... a muito dinheiro... Não sou muito materialista, não possuo vastas extensões de terra, nem maquinário, nada disso. Não sou proprietário de nada, com a exceção de uma casa. Não sou nem um pouco materialista. Desde que esteja confortável, não passe fome e possa ligar o aquecedor e coisas assim. Minhas necessidades básicas são patéticamente humildes. A maioria das pessoas acha que se você lança um compacto e ele chega ao vigésimo nono lugar das paradas, você instantaneamente recebe uma fortuna. Claro que não é assim. Nunca ganhamos dinheiro com nossos compactos, ganhamos com os LPs. Mesmo assim, não é nada fantástico. Se os Smiths acabassem hoje, em um ou dois anos eu teria de sair procurando meu diploma do colegio.

BIZZ — *No que você se formou?*

Morrissey — Consegui um *O-Level* em carpintaria, o qual, tenho certeza, será de grande utilidade um dia.

BIZZ — *Você e a Princesa Diana!*

Morrissey — Bem, eu sabia que alguma coisa nós tínhamos em comum!

BIZZ — *Você viaja muito?*

Morrissey — Não muito.

BIZZ — *Você não tem vontade?*

Morrissey — Não. O que, obviamente, dificulta as coisas, já que qualquer grupo de sucesso costuma viajar muito, o tempo todo, em turnês mundiais, coisas assim. Os Smiths nunca tocaram para valer na Europa, fomos só até certos paises, uma ou duas vezes, dar um ou dois shows. Mas, em geral, não excursionamos por nenhum lugar, com exceção dos Estados Unidos.

BIZZ — *Então você não tem curiosidade de conhecer outras culturas, outros paises?*

Morrissey — Para falar a verdade, eu tenho, sim. Mas com este trabalho, com o grupo, não da para ver nada; termina-se dentro de um tunel de movimento, de um lugar para outro, de um ônibus para um avião. Não dá para absorver culturas. Não dá nem para conhecer pessoas. Alarmante!

BIZZ — *Mas você nunca pensou em tirar um tempo para sair viajando por conta própria? Para onde você iria?*

Morrissey — Bem.. essas é que são as perguntas mais difíceis: o que você quer fazer nas suas férias? Não tenho nenhum desejo louco, insano, de ver muitos paises.

BIZZ — *Será que não é pelo fato de ser uma pessoa insular?*

Morrissey — Acho que sim. Também odeio andar de avião.

BIZZ — *Mas seria possível ter uma visão global do mundo sem sair por aí?*

Morrissey — Talvez, mas uma visão muito fechada... Ops! Essa com certeza temos de apagar *(pega fita, percebe-se que Morrissey para o gravador)*.

BIZZ — *Que tipo de perspectiva pode se ter do mundo quando não se tem curiosidade? Você tem curiosidade, mas, simplesmente, não tem vontade de se deslocar fisicamente até lá? Você não sente curiosidade de saber como é ser um índio da Amazonas? Ou alguém vivendo no Tibet? Ou você não está nem aí?*

Morrissey — Não sou tão curioso. Não tenho nenhuma curiosidade de investigar a vida dos índios do Amazonas! Mas eu sou assim, não da para negar. Chegamos a um ponto em que as pessoas preocupadas com o meio-ambiente se tornaram totalmente políticas. Para as pessoas que realmente se importam com os animais, bem, ser vegetariano é a afirmação politica mais forte que se pode fazer hoje em dia. É muito interessante, eu acho, pois revela os rumos que o mundo está tomando. Todo aquele papo de tomar o poder e dominar o mundo, de repente já não parece impressionar mais ninguem.

BIZZ — *Você lê muito?*

Morrissey — Leio.

BIZZ — *Que tipo de livro?*

Morrissey — Tenho muitas coisas de quando era bem mais jovem e estou sempre relendo-as.

BIZZ — *Como o que, por exemplo?*

Morrissey — Muitas peças. Tenho uma queda por textos para teatro. E muitos livros feministas... até alguns machistas! Acho-os muito interessantes. Coisas que, de tempos em tempos, sinto o impulso de empurrar para cima de todo mundo. Mas não faço mais isso, por alguma razão eu parei. Não que eu tenha perdido a fé nesses livros, o que acontece é que as pessoas parecem morrer de tédio quando começo a entrar nessa onda.

BIZZ — *Você já pensou em trabalhar como ator ou escritor?*

Morrissey — Não tenho a menor vocação para ator.

BIZZ — *E escrever algo que não seja acompanhado de musica... um romance?*

Morrissey — Isso sim.

BIZZ — *Está nos seus planos?*

Morrissey — Está.

BIZZ — *Já está trabalhando nisso?*

Morrissey — Estou. Fico imaginando a capa... Não, sério: estou trabalhando nisso.

BIZZ — *Você tem idéia de quando vai ficar pronto?*

Morrissey — Vai demorar muito, muito tempo. Mas nunca tive vontade de ser o tipo de pessoa que faz tudo num instante e é vista por todos os cantos fazendo milhões de coisas fascinantes. Acho que, quando os Smiths terminarem, será o tempo certo de começar a pensar nessas coisas. Por enquanto, não vou tentar. Enquanto os Smiths estiverem a todo vapor, é muito importante para mim estar concentrado no que fazemos juntos, dando o máximo que eu posso. É por isso que coisas como videos... nunca foram uma prioridade. Nunca tive tempo para ficar pensando em roteiros para videos.

BIZZ — *Essa recusa dos Smiths de fazer videos com certeza já irritou a gravadora. . Foi muito difícil fazê-los entender seu ponto de vista?*

Morrissey — Muito difícil e, depois de cinco anos gastando saliva, ainda não entenderam. Não aceitam.

BIZZ — *E por que exatamente você odeia videos?*

Morrissey — Simplesmente não gosto do jeito como as pessoas ficam *(começa a rir)*. É simples assim! Sempre vejo clips e fico pensando: "Puxa, mas os caras ficaram ridículos! Que vexame! Por que foram fazer isto?" Nunca vi um videoclip que me fizesse pensar: "Uau, que util, que enriquecimento para a musica!" O que acontece é justamente pessoas que não têm a menor vocação para ator fingindo que sabem interpretar. Pessoas que não têm talento para isso estão deixando implícito que têm. Só porque um cara grava um disco não significa que tem talento e recursos ilimitados em qualquer campo da expressão artistica. Hoje em dia, porém, isso está valendo como uma premissa — popstars têm um talento tão elástico, que se espalha, eternidade adentro, por todas as áreas. Não acredito nisso.

BIZZ — *Você não tem nenhum talento que poderia se manifestar através do video?*

Morrissey — Bem... não. Como já disse, não tenho a menor vocação para ator. Não consegui convencer ninguém. Deve ser moleza, eu imagino, sair andando por um bosque, jogar uma capa nos ombros e pular para cima de um camelo, coisas desse tipo... mas não quero comprometer minha credibilidade tanto assim.

BIZZ — *Mas você gosta do meio cinematografico, longas-metragens...*

Morrissey — É uma obsessão. Tenho uma coleção considerável, que revejo sem parar.

BIZZ — *E isso nunca te deu a tentação de fazer um?*

Morrissey — Diante das câmeras, não. Mas roteiros e diálogos me interessam muito. Mas nunca me interessei em fotografia e coisas do tipo... câmeras e química.

"Quando os Smiths terminarem, será o tempo de pensar em um romance. Por enquanto, é importante estar concentrado no que fazemos juntos"

Ebet Roberts/K.F.I

BIZZ.— *Sobre os fãs: a emoçao que é para a garotada que vem de um meio pobre ter uma chance de tocar um star. Você está agora nessa posição. Como você acha que é essa sensação para eles?*

Morrissey — Bem, posso compreender isso totalmente. Passei por toda a experiência de idolatrar e venerar as pessoas cujo trabalho eu gostava — gente como T. Rex, David Bowie e Roxy Music. Ia muito a shows, no começo dos anos 70 — 72, 73 — e sempre chegava cedo, ao meio-dia, e ficava na porta que dava para os bastidores esperando o ônibus chegar só para uma rápida olhada nos ídolos saindo do ônibus e entrando no teatro. Algo que ficou impresso em mim e não queria me deixar. Era uma emoção fortíssima poder vê-los de perto.

BIZZ — *E não é estranho agora ser a pessoa que desce do ônibus e entra no teatro? Ou não, já que você compreende...*

Morrissey — Nem um pouco estranho. Compreendo totalmente.

BIZZ — *E agora que você está no ramo, já encontrou alguns de seus antigos ídolos?*

Morrissey — Sim, conheci alguns. Mas não é uma coisa que eu recomendo. Hoje já acho mais legal manter a memória selada, ou pelo menos a visão que se tem das pessoas e dos discos que elas fizeram. Também quando começo a ouvir dúvidas sobre discos que amo — detalhes da produção, como certa pessoa não sabia nem tocar e como outra tinha de ser substituída para o vocal. Gosto de cultivar minhas próprias memórias e preservá-las para mim.

BIZZ — *Você acha que as pessoas ficariam decepcionadas conhecendo-o pessoalmente?*

Morrissey — Bem... é difícil dizer, mas há sempre um grau de decepção para quem leva a música tão a sério a ponto de refletir horas e horas sobre a pessoa do artista. Acabam tendo uma visão realmente concreta da pessoa — como é e o que representa. Aí, quando você encontra a pessoa, descobre que não é totalmente verdadeira aquela visão, e sim que você formou sua própria imagem e que isso é uma coisa pessoal, até de grande utilidade para você, mas não necessariamente fiel à realidade. No meu caso, quando isso acontece, sinto uma retração: não posso me deixar levar pela imagem que a pessoa tem de mim só para agradá-la. Tenho de interrompê-la para dizer que não sou bem aquilo. É bem difícil lidar com isso, aliás.

BIZZ — *Que tipo de pessoa é o fanático pelos Smiths hoje, em 1987?*

Morrissey — É difícil avaliar. No começo, tínhamos um público perfeitamente identificável, em 83, com certeza. Era um tipo muito específico. Agora isso parece estar mais aberto.

BIZZ — *Como era esse tipo específico?*

Morrissey — Acho que um tipo específico de pessoas profundas. Pessoas que gostavam fanaticamente de música pop, mas odiavam as paradas de sucesso, a imprensa e o rádio. Não aprovavam nada disso, mas, ao mesmo tempo, queriam que significasse algo para elas, que fizesse parte de suas vidas. Pessoas de pensamentos profundos e sensibilidade profunda.

BIZZ — *Se o público mudasse drasticamente, por exemplo se vocês começassem a atrair garotas que ficam o show inteiro gritando histericamente, sem ouvir uma nota da música, isso te perturbaria?*

Morrissey — Perturbaria, mas não sinto a menor ameaça nesse sentido. Essa é a resposta mais fácil, claro. Mas quando vejo grupos que têm esse tipo de público, acho muito cansativo. É outro mundo, completamente diferente. Por exemplo, fui a um show do A-ha nos Estados Unidos e... *(ambos começam a rir)* ... não, realmente gosto dos discos deles... mas quando os vi sob aquele contínuo e ensurdecedor ganido — nem uma gritaria respeitável era, mas um ganido indecente — percebi que sufocava os músicos e não lhes permitia nenhuma concentração. Pareciam, aliás, bem embaraçados diante daquela massa histérica. Posso dizer que eu não gostaria nem um pouco que acontecesse comigo.

BIZZ — *Quanto tempo de vida você acha que os Smiths têm pela frente?*

Morrissey — Difícil dizer. Não conseguiria responder a essa pergunta honestamente. Simplesmente não sei.

BIZZ — *E você sente que ainda tem raízes em Manchester?*

Morrissey — Sim, raízes muito fortes. E, embora não esteja mais lá todos os dias, é algo do qual não posso escapar.

BIZZ — *E como é morar em um lugar como Londres, sentindo-se assim? Uma cidade muito mais difícil para se viver do que Manchester, eu imagino...*

Morrissey — Para mim é fácil, porque moro bem. Mas não conseguiria me imaginar vivendo aqui se não tivesse uma casa legal. Seria insuportável. É um lugar horrível para quem não tem condições financeiras de sobrevivência. Me lembro quando tinha dezessete anos e tentei morar em Londres — praticamente todo mundo tentou — durou sete ou oito dias. Mas trouxe tudo o que eu possuía em malas enormes. Foi uma experiência tenebrosa. Hoje em dia, sobrevivo aqui evitando a indústria fonográfica e toda a roda-viva urbana, levando uma vida bem privada.

BIZZ — *Com que freqüência você visita Manchester?*

Morrissey — Mais ou menos uma vez por mês, para passar o fim de semana.

BIZZ — *Você recarrega as baterias ou é uma emoção diferente?*

Morrissey — Também não saio de casa em Manchester, então não sinto nada de especialmente gratificante. Apenas me desloco de minha casa em Londres para minha casa em Manchester, uma coisa bem mundana mesmo.

BIZZ — *Se você não frequenta casas noturnas e similares, o que faz você sair de casa?*

Morrissey — Só saio de casa para comprar comida.

BIZZ — *O que acontece dentro da sua casa, então?*

Morrissey — O que acontece? *(Ambos se esmebuchom de rir)* Nada!... Estou sentindo vontade de morrer! Geralmente não há ninguém além de mim.

BIZZ — *E o que você faz?*

Morrissey — Você vai me fazer parecer um velho tarado... *(continuam às gargalhadas)*. Faço muitos telefonemas e coisas assim... não... Ora!

* * *

BIZZ — *Aqui estamos em Bath, na reclusão do countryside inglês, conversando com Johnny Marr. Como vai, Johnny?*

J. Marr — Bem obrigado.

BIZZ — *O que vocês estão fazendo aqui em Bath?*

J. Marr- Estamos gravando o novo LP, já com meio caminho andado. Mais umas duas semanas de trabalho e deve estar pronto. Vai indo muito bem — estamos aqui há quatro semanas e trabalhando duro. Vai se chamar *Strangeways, Here We Come*. Em duas semanas deve estar pronto.

BIZZ — *Ele sinaliza algumas mudanças para os Smiths, alguma nova direção?*

J. Marr — Bem, acho que sim, *yeah*...

BIZZ — *Em que sentido?*

J. Marr — Em relação ao último LP, o clima é mais pesado e uso menos guitarras — mais definidas, porém — ao contrário daquele entrelaçamento de guitarras e violões que havia antes. A música que compus pedia isso, esse clima pesado a que me refiro é muito mais direto. Não é uma mudança de estilo radical, nem um pouco intencional, já que gostamos muito do nosso som, *anyway*. Já estamos juntos há alguns anos e nunca sentimos nenhuma pressão no sentido de mudar de estilo a cada LP. Gostamos muito do nosso som. Em termos de instrumentação, sim, é muito mais variado, estou tocando muito mais teclados, como pianos e órgãos. Mas as canções em si continuam canções de rock angustiadas, graças a Deus, é como eu gosto delas. Não há, portanto, nenhuma guinada brusca, nenhum papo bobo alegre. Continua sendo música séria.

BIZZ — *Você é uma pessoa séria?*

J. Marr — Eu? *Oh, yeah!* O que você acha?

BIZZ — *De que modo você sentiu o amadurecimento do processo de composição nos últimos anos?*

J. Marr — Bem, no passado eu gostava da idéia da descartabilidade da música pop — embora não tenhamos feito tantas canções leves assim. Por mim, no que diz respeito à música, gosto de canções pop curtas, que vão direto ao assunto. Me agrada quando uma música diz tudo o que ela tem a dizer em dois minutos e meio. Tenho dito isto, tenho tentado compor pela emoção em vez de ficar procurando a grande canção pop extracondensada. Gosto muito de "This Charming Man". O que aconteceu foi que a música ficou mais séria... mas sem se tornar conceitual. Estou tentando compor com mais feeling, em vez de me limitar a riffs e melodias, que são os componentes básicos do bom pop. Comecei a descartar coisas que pareciam, de alguma forma, estar perdendo a intensidade. Estou me distanciando de coisas que soam agradáveis ou melódicas... melódicas como no passado. Eu diria que estou abrindo mais para a dissonância — nas guitarras e nos teclados.

BIZZ — *Parece que você está se tornando mais o ponto de foco dos Smiths, já que Morrissey parece ter se retraído, e se tornado mais recluso. Você se sente bem assumindo mais o papel de* front-man? .

J. Marr — Se isto realmente está acontecendo, desconheço as razões e deve ser por acidente. Se você quiser mesmo saber, não me sinto à vontade nesse papel, acho que Morrissey é o *front-man*. Se as pessoas se interessarem pelo ângulo do co-compositor e/ou do guitarrista, até aí tudo bem. Eu montei a banda mas não sou o *front-man*.

BIZZ — *Vocês são muito prolíficos, não? É difícil passar duas, três semanas sem um lançamento dos Smiths...*

J. Marr — *Bem!!!* Todo mundo fala isto da gente, mas me recuso a aceitar um julgamento feito a partir de parâmetros alheios. Não são os nossos. Se a maioria não compõe mais que dez canções por ano, é problema deles. Talvez esperem que a gente se conforme com o padrão geral — que é dez canções por ano, que dão um LP, e os compactos trazem três ou quatro dessas músicas repetidas. Nunca trabalhamos assim e, conseqüentemente, não nos consideramos prolíficos pelos nossos próprios parâmetros. Eu simplesmente componho, não vejo nada de anormal nisso... em compor vinte e cinco músicas por ano. Aliás, desde o lançamento de *The Queen Is Dead*, não me parece que chegamos à casa de doze... Estamos para lançar o quarto LP, ainda. O fato de lançarmos canções inéditas dos dois lados dos compactos lançados entre um LP e outro, nos faz parecer prolíficos, mas eu não concordo.

BIZZ — *Compor é fácil para você?*

J. Marr — É. Por isso não nos considero prolíficos. É meu ritmo normal.

BIZZ — *E você precisa estar se sentindo de determinada maneira para compor?*

J. Marr — Não. Voltando ao que já disse antes, sempre estou descobrindo ângulos novos nas músicas, acrescentando-os a cada dia, mas neste novo LP — embora tenha sido tão natural compô-lo quanto os anteriores — tenho tentado preservar a emoção básica e original de cada música. Quero dizer que algumas canções saíram mais brutas — não no sentido de "Miserable Lie" ou "What She Said", que têm um peso rítmico bruto — mas no sentido das dissonâncias. Provavelmente porque, como ouvinte e fã, tenho me entediado com o comercialismo... Numa palavra, comercialismo parece a tendência dominante no momento, uma cautela excessiva, nenhuma progressão, banalização geral. Quando começamos, gostávamos do pop comercial, era algo que nunca desprezávamos — poder dizer coisas interessantes e ter idéias interessantes dentro dos limites de um som acessível. Acho que já provamos que somos capazes disso. Mas estou ficando cada vez menos interessado nessa linha. Talvez baixe a venda de nossos discos, mas não vale a pena compor para as paradas. Prefiro vender menos e criar coisas mais interessantes. A maioria dos músicos diz a mesma coisa, mas se eles realmente cumprem suas palavras é totalmente discutível, eu acho.

BIZZ — *Quando "Panic" saiu, muita gente que trabalha em rádio ficou extremamente chocada com o verso "Enforquem o DJ". Você gosta de perturbar as pessoas...*

J. Marr — Gosto quando é um princípio que está em jogo, com o qual concordamos e as pessoas discordam. Não é controvérsia pela controvérsia em si. Qualquer um pode ver através disso, qualquer pessoa pode detectar um impostor a um quilômetro de distância. É por isso que podemos colocar uma afirmação radical como "Enforquem o DJ" num compacto e ele ter sucesso, porque, como em todas as nossas letras, vai além de uma simples questão polêmica levantada só para chamar a atenção. Para ser honesto, gravamos a canção com muita ingenuidade, achamos que dava um bom compacto e resolvemos lançá-lo. Só aí é que entraram os caras da gravadora, dizendo coisas do tipo: "Vocês realmente esperam ouvir isso tocando nas rádios?" Foi quando percebemos nossa ingenuidade. É só diversão, não passa de música, dá para entender?

BIZZ — *Tocar ao vivo, para você, é uma diversão ou parte do trabalho?*

J. Marr — É uma grande alegria que faz parte do trabalho. Outros momentos das viagens, altos e baixos quando excursionamos podem ser considerados ossos do ofício, mas tocar ao vivo não. É sempre uma grande alegria. Somos bem típicos nesse ponto: queremos cada turnê, cada show melhor que o anterior. E sempre tivemos um elo muito forte com nosso público, coisa da qual também a maioria dos músicos gosta de se vangloriar... Vou a muitos shows, gosto de ver bandas ao vivo, e é algo que tenho notado. O nosso público é tão quente quanto uma torcida de futebol, cai na farra, não fica ali de pé nos levando a sério. É como uma festa. Não somos os Faces, mas ali na frente do público é como uma festa.

BIZZ — *Vocês passam o tempo todo encasulados quando viajam ou conseguem sair para ver as coisas?*

J. Marr — Acho que, no passado, ficávamos muito encasulados mesmo. Por opção nossa. Mas agora passei a viajar por conta própria. Faz muito tempo também que não

"Se as pessoas se interessam pelo ângulo do co-compositor e/ou do guitarrista, tudo bem. Eu montei a banda, mas Morrisey que é o front-man. Não me sinto à vontade no papel"

"Estou me divertindo agora... É isso que sempre quisemos fazer"

A gota d'água: Marr deixou as sessões de mixagem para ir gravar com os Talking Heads

tocamos na Europa. E a última vez que estivemos nos Estados Unidos foi cerca de um ano atrás. Lá ficamos bem encasulados, porque simplesmente não tínhamos tempo para fazer nada. O máximo que tivemos foi uma semana de folga. O que faço agora é tirar um tempo com minha mulher para sair viajando.

De acordo com Morrisey, foi o disco perfeito da banda. Marr disse que eles queriam gravar mais. Dá para entender?

BIZZ — *Vocês são muito populares na Europa, e é muito difícil para uma pessoa que não fala inglês apreciar as sutilezas das letras de Morrissey. Como você acha que eles se relacionam com a música?*

J. Marr — É uma pergunta interessante já que as letras dos Smiths têm muito mais peso do que na maioria das bandas de rock. São quase literárias. Mas isso é transcendido pela imagem e pelo *appeal* da banda. Os princípios éticos da banda. Há milhares de garotos franceses que veneram os Smiths

sem falarem uma palavra de inglês. Mesmo assim, tenho certeza de que sabem o que representamos. Obviamente, quando se tornam fãs, vão procurar saber o que as letras estão dizendo. Mas, naquela fase de atração inicial, qualquer garoto europeu podia identificar-nos como bem diferentes das outras bandas — somos bem diferentes. Outra filosofia, mas preservamos um *feeling* de rock'n'roll que os franceses, os italianos e os alemães adoram. São países que sempre vão ter público para um certo tipo de rock americano e inglês. Gente como Johnny Hallíday, na França, está até hoje fazendo discos de funk e *hi-energy*. Todo o seu público é formado pelos próprios franceses, e é um público gigantesco. E sabem apreciar o tipo de rock que eu gosto — gente como Johnny Thunders, New York Dolls, os Stones, Iggy, todos esses veteranos do rock'n'roll são até hoje adorados por eles, e acho que identificam nos Smiths toda essa tradição filtrada por um ângulo novo. Temos de dar todo o crédito ao Morrissey por isso, essa é a sua contribuição — ele trouxe uma visão totalmente anti-rock para um grupo de rock'n'roll.

BIZZ — *Você mencionou a palavra "filosofia". Existe um manifesto ou uma doutrina smithiana?*

J. Marr — A palavra "doutrina" consegue englobar todas as mais ridículas e horrendas consequências do rock'n'roll. Tudo o que supostamente tem de ser aceito na *music business*. Não queremos nos envolver com esse carrossel de limusines, Los Angeles, drogas, alta costura, solos de bateria, álbuns conceituais... coisas que já parecem elementos naturais do rock'n'roll. Horrendas. Remixes instrumentais nos lados B dos compactos, turnês babilônicas, auditórios gigantescos e sem acústica. Não querem dizer nada para nenhum jovem de nenhum país nos anos 80. Leste ou oeste, as pessoas estão se lixando para quem usa ou não calças de couro — exceto, claro, os velhos fãs do Velvet Underground, que nos dois últimos anos, pelo menos aqui na Inglaterra, acabaram banalizando seus ídolos de tanto os imitar só na fachada. Nós somos completamente diferentes.

BIZZ — *Como você foi afetado pelo punk?*

J. Marr — Oh! Infelizmente eu nasci um pouco tarde demais, aconteceu exatamente quando estava começando tentar tocar a sério, progressões de acordes complexas etc. Aí apareceu a molecada fazendo aquele barulho, pauleira pura — então, no princípio, não me bateu nem a relevância nem a beleza da coisa. Estava tentando tocar, e a filosofia geral era não precisar saber tocar. Depois de um ano ou dois é que comecei a me interessar pelo movimento punk — houve muita coisa boa, e a melhor continua sendo, para mim, Patti Smith. Outra coisa: a redescoberta dos Stooges. Eu sou uma daquelas pessoas que não ligava muito para os Stooges antes do punk. Não fico fingindo que era fã dos Stooges em 1973 — talvez porque só tivesse dez anos de idade então.

BIZZ — *Com toda a popularidade dos Smiths na Europa, vocês esperam que este novo disco amplie o seu público fora do continente?*

J. Marr — Conscientemente não, não com este disco. Esta era nossa intenção no primeiro LP, desde o começo da banda queríamos sucesso mundial e sempre tentamos fazer o que você falou: entrar nas paradas americanas, japonesas, australianas. Lugares onde estivemos muito ocupados para excursionar.

BIZZ — *Do que você gosta nos Estados Unidos?*

J. Marr — Gosto da música, das pessoas, da história — não importa se as pessoas não acham que exista muita história ou tradição. Sou fascinado pelos EUA. Não falo, claro, dos pontos negativos, visíveis a olho nu para qualquer um que visitar o país. Não há tanto autocontrole nas pessoas, o que me agrada muito — obviamente a situação política está um caos, provavelmente mais do que em qualquer outro país, numa escala muito maior, digamos assim. Mas, pelo menos, o sentimento positivo que há entre os músicos americanos é algo que me atrai muito — e que faz uma tremenda falta neste país. Obviamente, não me refiro à "Reaganomics" nem àquela ridícula propaganda de nacionalismo reacionário na linha *Born in the U.S.A.* Não falo disso tudo que, obviamente, fede. O que quero dizer é que acho um lugar muito mais inspirado para se viver do que aqui na Inglaterra, nesse momento.

BIZZ — *Qual é a importância da imagem dos Smiths para vocês mesmos? É importante?*

J. Marr — *Oh, yeah!* Não no sentido das roupas nem dos cortes de cabelo. Quando falo em imagem, estou me referindo àquelas coisas que você chamou de "manifesto" e "doutrina"... Nossa imagem é crucialmente importante. Basta dar uma olhada na capa de *The World Won't Listen*, acho-a muito forte, muito boa, porque o fã vai comprar o disco e percebe que a capa está tentando retratar a ele. Não que achemos que todos os nossos fãs andam por aí de topete e jaqueta de couro. Vai muito mais fundo que isso: jovens vivendo nos anos 80. É por isso que não queremos nos parecer com nenhuma banda de rock'n'roll nem nos amarrar à tradição. É o que precisamos nos tempos de hoje. Imagino que, se eu não estivesse numa banda, não sairia de casa para ver o tradicional desfile de putaria sob o jogo de luzes multicoloridas. Tentamos projetar uma imagem que, no fundo, é a própria realidade das pessoas.

BIZZ — *E quais os planos para assim que o disco estiver pronto?*

J. Marr — As pessoas — a gravadora — obviamente desejam ouvir que vamos excursionar. Mas não vamos — no máximo alguns shows na Europa e nos EUA. Queremos gravar mais. Essa é a verdade.

BIZZ — *Então você continua se divertindo com os Smiths?*

J. Marr — *Oh, yeah!* Para falar a verdade, estou me divertindo mais agora do que nos últimos meses. É isso o que sempre quisemos fazer. Você me pegou num bom momento também. Adoro gravar, a banda toda se entrega de corpo e alma. E desta vez não teve nada de ficar procurando os possíveis compactos, gravamos num espírito bem anarquista. Tentamos fazer o mais anticomercial e inacessível possível para os Smiths. Obviamente, não somos o SPK, mas não queremos nos acomodar. Acho que nunca nos acomodaremos.

Bee Gees

ESTÃO DE VOLTA

Bee Gees

E.S.P.

Após 6 anos sem gravar, os BEE GEES estão de volta com um álbum fantástico: E.S.P. incluindo o sucesso "You win again".

Já nas lojas.

NOVO LP

O lançamento do ano. Em discos e fitas

ESSA GAROTA SOU EU, MADONNA LOUISE VERONICA CICCONE. E ESTE É MEU NOVO DISCO.

MADONNA

Who's That Girl

Original Motion Picture Soundtrack

Trilha Sonora Original do Filme

QUEM É ESSA GAROTA?

PETER MURPHY

CABUTE NO OLHO

Os remanescentes da turma de preto ficarão decepcionados. Afinal, o Bauhaus, que serviu de trilha sonora para as crises existenciais dos darks, era uma piada... de humor negro. Mr. Murphy tirou esta e outras máscaras nesta entrevista para *Jean-Yves de Neufvile*

BIZZ — *O que você está fazendo exatamente, com Brian Eno?*
Murphy — Bem, Brian ouviu as canções que tenho prontas para gravar, para o próximo álbum, e gostou muito, mas... me disse que já não está mais interessado em trabalhar como produtor. Assim mesmo, estou tentando convencê-lo a trabalhar comigo. Ele quer agora ouvir a fita outra vez. As coisas estão nesse ponto.
BIZZ — *Você sabia que, no Brasil, a WEA está lançando seu mais recente trabalho,* Should the World Fail to Fall Apart?
Murphy — *Great. Já saiu?*
BIZZ — *E um outro selo, o Stiletto-Eldorado, lançou o* Mask, *do Bauhaus.*
Murphy — São boas notícias! Quero dizer, é legal a América do Sul entrar no nosso circuito de shows e turnês. Seria muito estimulante.
BIZZ — *Você aceitaria um convite para tocar no Brasil?*
Murphy — *Very much. Yes*, sem dúvida. Quando o disco estiver pronto, adoraria ir ao Brasil. No ano que vem seria uma boa.
BIZZ — Great! *Você sabia que o Bauhaus sempre foi um* cult group *no Brasil, mesmo sem nenhum disco editado?*
Murphy — É uma grande surpresa. Acho que talvez tenha algo a ver com a falta de canais para a música independente. Essencialmente, são assuntos tratados e resolvidos entre as gravadoras e os empresários. Mas estou muito feliz com o lançamento desses discos aí.
BIZZ — *O Bauhaus trouxe uma idéia de autodestruição, não sei se você concorda; enquanto que a música que você faz agora parece mais positiva, lírica, sedutora. Você concorda?*
Murphy — Bem, quanto ao Bauhaus, falar em autodestruição... não era sempre o caso. Há algumas canções que fogem disso. Concordaria em que houve uma forte corrente por baixo, uma força quase negativa... o lado escuro, poderíamos dizer. Mas sempre teve um *enfoque* positivo na criação da maioria das letras. No LP *Mask*, por exemplo, há uma faixa chamada "In Fear of Fear" *("Com Medo do Medo")*, que fala exatamente do medo de questionar as causas dessa inclinação à autodestruição, em vez de tentar oferecer soluções. Acho que várias pessoas tenderam a embalar e rotular o Bauhaus como "escuro", "negativo", mas eu diria que havia uns vinte por cento disso, apenas. As pessoas tendem a levar isso muito a sério e perdem o que há ali de deboche, ironia e humor.
BIZZ — *De que influências vocês captaram o "gótico Bauhaus"?*
Murphy — Não veio de nenhuma fonte direta. Quando começamos a nos apresentar e a trabalhar... na época de lançamento de "Bela Lugosi's Dead", ainda não tínhamos escolhido uma capa para o compacto. Foi estranho. Eu estava folheando um livro de filmes antigos de Hollywood quando me deparei com aquela foto que acabou sendo a capa. A da contracapa, tirada do *Gabinete do Dr. Caligari*, foi escolhida porque o personagem andrógino — que parece estar morto mas está adormecido — se parecia exatamente com o que rolava no palco, na época. O que aconteceu foi isso, mas as roupas e posturas de palco foram uma opção teatral anterior, de escolha minha, sem influências diretas. Essa capa, junto com a música, deram impressões a mentes acadêmicas e jornalísticas de que tínhamos, em definitivo, uma "temática gótica", o que não é verdade. A maneira como nos vestíamos era atemporal, apenas expressão de nossas canções e desejos. Você entende?
BIZZ — *Sim. Então não houve influências góticas nem em sua produção posterior?*
Murphy — Não. Nunca houve realmente influências góticas, além dessa canção, "Bela Lugosi's Dead". É uma só e mesmo assim o lado imagético/imaginário era nosso, não foi colhido em nenhum filme e não tínhamos a intenção de fazer referência a nada, a não ser a nós mesmos. Uma coincidência na qual, eu acho, nunca acreditamos. O termo "gótico" ficou tão gasto por causa disso, por ter virado um rótulo.
BIZZ — *E o que mudou desde o fim do Bauhaus? Por exemplo, sua experiência de colaboração com Mick Karn* (baixista do extinto Japan), *no Dali's Car.*
Murphy — Bem, acho que acabamos chegando a um ponto — nós, o Bauhaus — de mudança inevitável. Nenhum dos membros sabia direito o que ia fazer quando a banda acabou. Assim, quando aconteceu, senti

Sue Pitt

Gótico: morto como Bela Lugosi. Um rótulo estreito demais para o Bauhaus: (da esq.) o baixista David J. Peter, o baterista Kevin Haskins e o guitarrista Daniel Ash

107 MINUTOS E 41 SEGUNDOS DE SUOR, EMOÇÃO E MÚSICA

Local: Sydney Entertainment Centre, Austrália. No palco, Elton John e a Orquestra Sinfônica de Melbourne. Na platéia, todos de pé no final de cada música.
Esse concerto antológico virou disco. Um álbum duplo que captou os 107 minutos e 41 segundos mais emocionantes da carreira de Elton John.
Tecnicamente, **Elton John Live in Austrália** faz uma pequena revolução. Com a utilização do sistema Spectrum de gravação, os instrumentos da orquestra foram reposicionados com o objetivo de captar todos os sons. Aliado ao processo digital, o resultado final foi fantástico. Você pode mergulhar neste concerto. Basta ouvir.

ELTON AO VIVO

Em discos e fitas
PolyGram

Dali's Car, o projeto conjunto com Mick Karn, se mostra insuficiente para Peter. Ele grava e monta uma banda de apoio. Nos planos, um novo disco e excursões

que Mick Karn seria uma pessoa muito confiável e criativa para um trabalho em comum. Na prática ocorreu o contrário! A experiência não foi tão criativa quanto eu esperava. Foi o que me deu a motivação e a segurança para trabalhar por conta própria, fazer minha própria música. Assim, essa fase do Dali's Car foi um período embrionário: fez com que minhas idéias se juntassem umas as outras. Uma fase de transição necessária. Agora a diferença é que não estou mais trabalhando com indivíduos tensos, com a corda toda. O Bauhaus era a soma de quatro personalidades muito potentes, que se encontraram numa banda e provocaram momentos de muita criatividade. Isso também causava tensão — hoje, chega de tensão. Entre as pessoas, a tensão da criatividade sempre está presente, e isso pode ser uma faísca para trazer à tona uma idéia mas pode haver também uma tensão negativa, de idéias diferentes serem levadas para um plano negativo, aí começa o desperdício.

BIZZ — *No caso do LP* Should the World Fail to Fall Apart, *há uma música chamada "Confessions of a Mask" ("Confissões de uma Máscara"). Faz lembrar também o LP* Mask. *Você é obcecado por máscaras?*

Murphy — Bem .. até certo ponto, sim. Sempre levantam a questão da personalidade, das atividades da personalidade em oposição às atividades da alma. Essa classificação de duas qualidades essenciais está na nossa educação: o que nós representamos para o mundo, que justifica nossa existência diante dos outros e de nós mesmos, o *eu* essencial, real, que é — às vezes — totalmente dominado por desejos. É um tema vasto, para durar uma vida de reflexão e trabalho. Sempre interessante.

BIZZ — *Vendo, em vídeo, as apresentações do Bauhaus e os clips, dá para ficar espantado com suas performances. Você nunca pensou em ser um ator em tempo integral e entrar para o cinema?*

Murphy — Sim, é um interesse forte. Mas ainda não achei a pessoa certa para batalhar isso junto a produtores e similares. Todas as minhas energias estão canalizadas para o palco e a performance com a música. Isso para mim é totalmente gratificante. Recentemente até tive algumas ofertas, mas não vou fazer nada que não ache que vale a pena — não de um ponto de vista pretensioso mas preciso de algo em que possa mergulhar por inteiro. Há uma parte de mim que espera por isso.

BIZZ — *Você estava falando do palco. Do Bauhaus ao seu trabalho solo, por que você andou tão distante do palco?*

Murphy — Eu simplesmente não sentia a motivação para subir no palco. Bauhaus foi uma experiência muito forte e poderosa. Me tomou muito tempo — dois anos, na verdade — para recobrar a ânsia de trabalhar num palco... fingindo. Quando chegou a hora, a gravação do meu último disco me deu a faísca. As entressafras me fazem sentir estéril e entediado. Quando se termina um álbum, o desejo toma conta de mim outra vez e as idéias começam a aparecer. Aí resolvi reunir uma banda — passo sempre importante. Tomou um tempão. Agora vamos gravar mais um, o que é tão importante para mim quanto excursionar.

BIZZ — *Pela sua carreira, tanto solo como em grupo, dá a impressão de que você gosta de fazer* covers *"Telegram Sam" (T. Rex), "Ziggy Stardust" (Bowie), "Third Uncle" (Eno) com o Bauhaus e agora "The Light Pours out of Me" (Magazine), "Final Solution" (Père Ubu). Você anda pensando em mais alguma?*

Murphy — Sim. Estive pensando nisso. Sempre foi mais que uma canção, sempre houve alguma idéia por trás ou uma relação com o LP inteiro. Estive pensando em Elvis Presley. Daria uma chance à minha voz de .. Acho que a voz de Presley era fantástica, acho até que muitas vezes a letra e a música não estavam à altura daquela voz. Também estive pensando em alguma canção de Eno dos seus primeiros discos .. *Another Green World* ou *Taking Tiger Mountain* .. São essas as possibilidades, ou que tal uma do começo do Roxy Music?

BIZZ — Great! *O disco novo já tem título?*

Murphy — Sim, mas isso eu quero que seja uma surpresa.

BIZZ — *OK*

Murphy — As músicas já estão prontas. Deve sair até o fim do ano.

BIZZ — *O que você ouve atualmente?*

Murphy — A trilha sonora do filme *Mishima*, de Philip Glass... Harold Budd, *Love Me Tender*, Iggy Pop *(Blah Blah Blah)*, Brian Eno

T110S

STEREO MESMO

Mas, num portátil?
Isso é garantido pelo exclusivo Space-Wide, que amplia e valoriza ainda mais o som do seu RT 110S.
Você tem o balanço ideal através de dois woofers e dois tweeters sincronizados.
Para a melhor definição dos graves e agudos, a função Loudness é acionada automaticamente, quando o volume está baixo.
Ao mesmo tempo, você conta com um rádio de quatro faixas de onda (FM, SW1, SW2 e MW) e com uma gravação perfeita, graças aos dois microfones embutidos e à simplicidade de operação proporcionada pela tecla One Touch Record – *OTR*.
Quando a fita termina, o Auto-Stop desliga automaticamente.
Enfim, este é o portátil que prova que é stereo. Stereo Mesmo!

RT 6100 Mono

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

SEMP TOSHIBA
EM CONTATO COM O AMANHÃ

Gary Gershoff/Retna

Dois anos depois do Bauhaus, a saudade da ribalta: o sentimento fingido torna-se emoção real

(aqueles dois que eu citei)... Também alguma música clássica mais abstrata, de vanguarda .. O último do Prince, de partes dele eu gosto .. Nina Hagen

BIZZ — *Como você vê a cena musical dos dias de hoje?*

Murphy — Está difícil obter uma diversificação maior, mais criativa O comercialismo ainda predomina em coisas como o pop sintetizado A tendência geral é essa, meio direitista, como eu costumo chamar Para independentes como o 4AD (N. do T. — *Selo do Bauhaus*), é difícil nadar contra essa corrente Um clima bem conservador, comercial, pop. Parece que estamos andando para trás. Há um monte de cantoras negras aparecendo, a de que eu mais gosto é Nona Hendrix, mas a maioria é banal e repetitiva — como os Blow Monkeys. Gente que não sabe cantar Aí não há magica. O cara entra no estúdio com uma melodia e um trecho das letras e o produtor faz o resto do trabalho. Pode até virar um hit Mas não existem mais estrelas nem cantores mágicos Exceto eu, *probably* (Risos)

BIZZ — *E em termos de leitura, o que anda na sua cabeceira?*

Murphy — Bem, um monte de coisas musicais... Geralmente contos

BIZZ — *Como é no estúdio, em termos da técnica e da tecnologia envolvidas?*

Murphy — Minha posição em relação à técnica é cultivar minhas próprias idéias criativas, em vez de tentar aprender em cima das dos outros Eu tento ser sempre eu mesmo, livre de qualquer barreira técnica — aí entram as pessoas que estão a minha volta para fazer o que não consigo, às vezes por pura preguiça Talvez seja melhor assim . Isso vale também para a produção dos vídeos

BIZZ — *Como você explica a atitude relutante da imprensa musical inglesa, que você teve de enfrentar desde Bauhaus até provavelmente os dias de hoje*

Murphy — Bem, sim Essa relutância vem do desencontro com a idéia que tem de mim Sabe, a maioria dos jornalistas chega até você já com uma idéia e uma opinião formadas a seu respeito. Aí passam a maior parte do tempo em cima disso Poucos são os que realmente querem saber quem você é. Estou me referindo justamente à imprensa britânica. Acho que, à medida que a gente vai saindo do próprio país, começa a encontrar jornalistas não tão preconceituosos. Você mesmo me parece de cabeça bem aberta. Mas, na Grã Bretanha, há toda uma insidiosa atitude na imprensa musical. A maioria dos jornalistas é bem jovem, não tem muita cultura musical, o gosto pessoal é limitado. Estão lá mais para se divertir nos camarins depois do show do que por amor à música, a sério. Preferem ficar bebendo e posando como se fossem íntimos das estrelas. Tenho tanto nojo dessa gente .. É claro que esta é a minha opinião. Outras pessoas podem pensar diferentemente, é tudo uma questão de individualidade, certo? É difícil ficar soltando generalizações sem parar Mas você sabe por que, ao mesmo tempo, tanta coisa boa sai da Grã-Bretanha, em termos musicais? Porque é *tão* difícil, tão duro, tanta coisa acontecendo e mudando o tempo todo Então, é uma atmosfera tensa, mas criativa

BIZZ — *Minha impressão é que o gosto pessoal da grande maioria se inclina para a mediocridade — Madonna, Michael Jackson Não sei se você gosta desse tipo de pop, mas não consigo entender tanto sucesso Musicalmente pode ser bom, às vezes, em outras, é muito pobre*

Murphy — Eu concordo! Isso só pode refletir o público. Talvez seja isso: a música mais popular de uma época reflete o povo dessa época. E a maioria só quer diversão, sexo, drogas

BIZZ — *Você vê a decadência*

Murphy — Sim, sim. Aqui nós chamamos de *yuppie*

BIZZ — (Risos) *A Nova Era*

Murphy — Jovens profissionais urbanos, quer dizer (N. do T. *Quase Peter. A sigla é Young & Upwardly Mobile — ou "jovem e subindo na vida"*). São entediantes .. Não, são apáticos medíocres que não querem negociar nada na vida, na música — tudo pelo mais fácil Tem a ver com a falta de música mais diversificada disponível

BIZZ — *Você espera ou procura esse mega sucesso?*

Murphy — Bem, não de forma consciente . Parte de mim quer continuar gravando discos. Prince, por exemplo, é muito bom. Ele consegue aparecer com algo bem inteligente, com um sentido certo da época misturando com um elemento que seja mais — comercial, não acessível. Acho que o Prince é um caso exemplar nesse sentido. Não estou dizendo que minha música é igual à dele Nem um pouco Mas estou atrás do sucesso, sim. O sucesso mantém você em atividade

BIZZ — *Espero que você continue por um bom tempo*

Murphy — *Thank you very much*

BIZZ — *Bem, o que lhe interessa no Brasil*

Murphy — A maior parte.. Não, tudo é uma imagem distante, a terra da salsa (N. da R. — !?!) e de muitas outras músicas *exciting*. Imagino que seja bem diferente... Mas precisaria conhecer de perto para saber mesmo Tenho um amigo venezuelano que diz que as platéias são muito calorosas e receptivas e que a postura diante da música é muito mais vibrante e positiva. Menos atenção crítica maior naturalidade Há muitas outras coisas que me atraem

BIZZ — *Então, ficaremos esperando você para o ano que vem*

Murphy — No começo do ano que vem!

POP BELGA

MARK HOLLANDER

Crammed Discs HQ

A Europa está um tédio? Só se seu atlas musical só contiver as ilhas britânicas. Na BIZZ 25, foi a vez dos alemães. Agora, são os belgas — e suas gravadoras independentíssimas. Com catálogos que incluem não só os grupos e artistas locais, mas também a vanguarda sonora dos mais variados lugares do globo, demonstram que o Velho Mundo ainda é um lugar muito interessante. E que, felizmente, existe gente que aposta nas novas tendências

Play It Again Sam

THE SOUND

A EFERVESCÊNCIA DOS INDEPENDENTES

DOLE

Play It Again Sam

Se você ainda acredita que o rock começa e acaba na Inglaterra, não sabe o que está perdendo. O chamado "som europeu" vem crescendo e lentamente invadindo o mercado. Após a explosão punk/new wave, os grupos ingleses, com exceções óbvias, voltaram à época dos monstros sagrados. No resto do continente, esta explosão também não passou em branco, mas as conseqüências foram diferentes, justamente por não fazer parte da cena inglesa, grupos e gravadoras conseguiram manter uma atitude mais original e autêntica. Na Alemanha, França, Espanha e Belgica, as gravadoras independentes e o interesse que elas despertam são cada vez maiores. Na Belgica, verdadeira encruzilhada da Europa, onde existem três línguas oficiais (francês, holandês e alemão), 21 canais de televisão de sete países diferentes, mais de duzentas rádios — muitas delas livres — o mundo musical não acontece... ele fervilha. Entre as sete gravadoras independentes de Bruxelas, as mais importantes atualmente são a Crammed Discs, Les Disques du Crepuscule e a Play It Again Sam.

Num bairro aristocrático de Bruxelas está localizada a Crammed Discs, criada pelo belga Marc Holander para o lançamento dos discos de seu grupo Aksak Maboul. Seu plano era provocar choques e encontros entre pessoas e estilos, do modo mais divertido possível, e Bruxelas parecia o lugar ideal, com seu grande número de imigrantes (em sua maioria africanos). Logo depois, o Aksak Maboul se juntou a outro grupo bruxelense, Les Tueurs de la Lune de Miel, formando o Honeymoon Killers, um grupo pop "iconoclástico" segundo seus membros. A saída estava dada... seguiu-se a contratação de vários grupos, todos de formação multirracial, ou de estrangeiros, e todos empenhados numa verdadeira guerra de estilos.

Hoje, seis anos depois, a guerra continua, mas com uma nova arma: uma abertura do mercado. Distribuído pela Himalaya/EMI, e com escritórios em Londres, Paris, Nova York e Toquio, o catálogo da Crammed Discs é invejável: os israelenses Minimal Compact, com seu último disco *Figure One Cuts*, produção de John Fryers (Cocteau Twins) e capa de Russell Mills (que fez várias capas para Brian Eno), o lançamento próximo de um novo disco de Colin Newman, do Wire; o funk "eletropical" da dupla Volti, ela de Nova York, ele do Mexico; o cantor etíope Mahmoud Ahmed, e outros tantos como Zazou Bikaye, Karl Biscuit, Sonoko (Japão), Bel Canto (Noruega), e Poto Doudongo (Congo).

Estes artistas fazem parte do selo principal, Crammed. Mas existem ainda três subselos. O Made to Measure (feito sob medida) reune discos que foram ou poderiam ter sido trilhas sonoras. São catorze volumes, incluindo John Lurie com *Stranger than Paradise* e *Down by Law*, Hector Zazou e sua "música para fotonovela", Sean Bonnar e Colin Newman, Mixel Rouse e Blaine Reininger (do grupo Tuxedomoon) e sua música para westerns. Outro selo é o Cramboy, exclusivamente para o Tuxedomoon, um grupo de São Francisco, Califórnia, que mudou-se para Bruxelas. Eles já escreveram um balé para Maurice Bejart e apresentaram uma ópera na Itália. Finalmente, um selo foi criado para lançamento dos discos de Karen Finley, artista performática proibida na Inglaterra, cujas letras (como "The Yam Jam") e performances fariam até o Nelson Rodrigues corar.

A gravadora Les Disques du Crepuscule nasceu no começo dos anos 80, criada por alguns co-fundadores da disbribuidora belga Himalaya. Seu primeiro lançamento, *From Brussels with Love*, é um disco histórico, um verdadeiro documento, que acaba de ser relançado. Ele foi feito na base da cara-de-pau, pedindo uma entrevista aqui, uma música ali, o resultado é imperdível, uma entrevista com Brian Eno — música de Phil Niblock ao fundo —, onde ele fala de seu trabalho e de arte em geral, uma outra entrevista com Jeanne Moreau — Satie ao fundo. E, ainda, contém músicas inéditas de New Order, Durutti Column, A Certain Ratio, The Names, Alan Rankine (dos Associates), Martin Hannet — o grande produtor (Joy Division, A Certain Ratio, Durutti Column) —, Pale Fountains. No final, Richard Jobson (Skids, Armoury Show) declarando poemas com seu pesado sotaque escocês.

A Crépuscule se caracteriza pela ausência de artistas belgas. Segundo eles, artistas estrangeiros estão pre-

Do funk "eletropical" à chanson française, de samplers à balada pop: em nome da diversidade vale tudo

[illegible] Compact aos belgas do Front 242, um amplo leque sonoro

Acima, Peter Principle e Blaine Reininger, fundadores do Tuxedomoon agora em carreira solo

ferindo a Bélgica porque no resto da Europa, principalmente Inglaterra, a coisa está cristalizada demais, não há possibilidade de criar coisas realmen e novas, e, além do mais, Bruxelas é uma cidade ma s barata A distribuição que até agora vinha sendo feita pela Himalaya/EMI, vai mudar totalmente de figura com o contrato que a Crépuscu e acaba de assinar com a Virgin Seus artistas principais são Isabelle Antenna no velho estilo *chanson française* disco de ouro no Japão — Anna Domino, o americano Kid Montana Alan Rankene, Chris Yates e Blaine Reininger (do Tuxedomoon)

A Play It Again Sam localizada num velho casarão do ba rro espanhol de Bruxelas, é uma das independentes mais interessantes de toda a Europa Ela foi criada tambem no inicio dos anos oitenta por dois amigos, Kenny e Michel "Nos começamos a gravadora", diz Michel porque gostavamos de musica. Somos chamados de underground, mas não vemos nenhum motivo para que a música de que gostamos continue sendo chamada por esse nome. E tambem . só lançamos coisas que gostamos." A PIAS, como é chamada, faz sua própria distribuição porque, segundo eles, "é óbvio o que vai acontecer se formos levados às lojas pelo mesmo cara que leva os discos do David Bowie, por exemplo" Sua politica é de deixar o artista o mais livre possivel para criar e gravar Sao os proprios grupos que escolhem um organizador para as turnês, independente da gravadora

Alem de distribuir outras independentes como New Rose (francesa, pela qual gravou outro grupo da vanguarda de Sao Francisco, Chrome), Attitude (inglesa) e Sub-Rosa (belga), a PIAS tem um catálogo próprio imenso (incluindo os melhores grupos belgas): The Legendary Pink Dots (ingleses que vivem em Amsterdam); Minimal Man, também de Sao Francisco, um grupo performático com teclados românticos guitarras à deriva e textos explosivos. Trisomie 21, um trio frances cujo último disco, rotulado de negativismo positivo, tem o engraçado titulo de *Le Je-ne-Sais-quoi et le Presque Rien* (O Eu-não-sei-o-que e o Quase nada); o grupo canadense Skinny Puppy; The Weathermen e seu último lançamento, "Poison", de clima pesado e batida hiperdançante; as baladas pop de Steve Lake; os discos solo de Steven Brown (do Tuxedomoon); o grupo irlandes-inglês Cassandra Complex, verdadeiro hit na Alemanha e até um grupo gay da Iugoslavia, o Borghesia com sua música industrial-eletrônica do disco *No Hope no Fear* Mas, entre os artistas estrangeiros da PIAS, o mais conhecido (mas não suficientemente) é o grupo inglês The Sound, liderado por Adrian Borland, da mesma safra de U2 e Echo, mas que não teve o mesmo sucesso Uma pena

Os grupos belgas são quase 50% do catálogo da PIAS. The Revenge é de Bruxelas, há dois discos vem sendo produzido por J J. Burnel (dos Stranglers) O à, Grumh *(sic)* é um grupo gay militante cuja versão destruidora de "Another Brick in the Wall" do Pink Floyd tornou-os famosos nos circuitos underground mundo afora. O Dole é de uma pequena cidade na fronteira com Luxemburgo, começaram sem querer nada, acabaram sendo produzidos por Adrian Borland. O Siglo XX é de Gand, norte da Belgica, e faz uma música que já foi chamada de "brilhantemente dark" O Parade Ground é formado por dois irmaos, e acaba de lançar um mini-LP, um lado produzido por Colin Newman, o outro por Daniel B (do Front 242)

Entre os grupos belgas, porém o destaque vai inevitavelmente para Neon Judgement e o Front 242 Este primeiro é formado por dois garotos de Louvain (cidade universitaria perto de Bruxelas), e sua mistura de samplers com guitarras, mais a voz "vinda do túmulo" de um belissimo cantor, acaba de criar um dos melhores discos destes últimos meses o mini-LP *A Man Ain t No Man When He Ain't Got No Horse, Man*, contendo a pra-lá-de-dançante "Chinese Black" e uma versão arrasadora de "Wand'rin'Star", a musica cantada por Nat King Cole no filme *Divida de Sangue*

O Front 242 é, decididamente, o grupo belga do momento Sua música agressiva, dançante, feita exclusivamente por Samplers, já recebeu e recusou muitos rotulos, até que o grupo resolveu criar um para acabar com a discussão: *electronic body music*. O Front 242 vende, na Bélgica, tanto quanto um U2 ou um Simple Minds, e já excursionou até pelos Estados Unidos, abrindo os shows do Propaganda. A imprensa em geral não sabe o que fazer com estes quatro belgas cujo maior hit foi "Funkhadafi" onde samplaram" o lider dos Panteras Negras americano, apresentando o controvertido lider libio Facistas nazistas, comunistas? Eles pouco se importam O que conta é criar confusão

Anamaria Guimaraes de Lemos

HOJE TEM TOMATE

E tem também "Amanhã é 23"
e "Me deixa falar".
Essas incríveis músicas
fazem parte do 4º LP do
Kid Abelha,
seu 6º disco de ouro
consecutivo.

Tomate já é Disco de Ouro

UM LANÇAMENTO

wea

KID ABELHA

DOS ÁRBORES E FRACÊNS

TOMATE

Fabiana Figueiredo

HAI KAI MUSIC

ハイカイ

Tecnologia e tradição no projeto de Akira S

Akira S é um daqueles "desconhecidos ilustres". Embora bastante respeitado, sobretudo no meio musical paulistano seus projetos ainda estão na semi-obscuridade dos independentes. Num breve currículo, ele participa de produções como *Tabapora*, de May East, da programação de ritmos e teclados do grupo Bruhaha Babélico, já tocou com o meio americano, meio pernambucano, liquidificador de ritmos e pesquisador incansável Arto Lindsay; toca, compõe e arranja no LP *Akira S & As Garotas que Erraram*; frequenta garagens como participante de vários ensaios e *jam sessions*. Justamente por estar tão agregado, Akira resolveu partir para um projeto onde o comando fosse dêle.

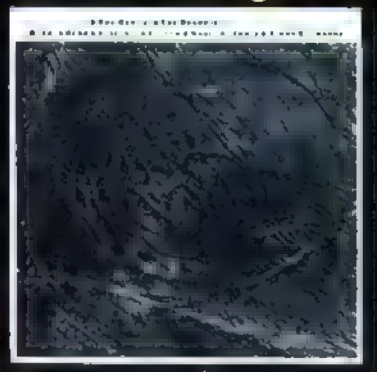
No centro de uma parafernália tecnológica — um teclado DX7, um sintetizador Juno 106, um ritmo eletrônico TR 707, um SPX 90 (multi-efeitos), um YMC 10 Mid Converter um computador MSX Expert da Gradiente, um baixo Steinberger, outro *fretless* (sem trastes) e um Chapman Stick (instrumento de 10 cordas, com uma extensão musical maior que a do piano e que se toca percutindo), mais uma pedaleira de efeitos — Akira idealizou o que ele chama de Projeto Hai Kai Music. Embora metade do trabalho se situe no universo pop, ele significa, antes de mais nada, uma volta a sua origem nipônica. Para tanto não faltam pesquisas que vão do canto mais mulemar, aos africanos de igual ancestralidade. O próprio nome Hai-Kai já define o projeto em parte: pequenos fragmentos temáticos. Como diz o próprio Akira: "Condensar o material sem cometer excessos. Ser estritamente econômico, pensar em síntese, falar o que tem de falar". Temas como "Pearl Harbour" e "Hiroshima" soam como espelhos de uma história que se recicla dia a dia. Na segunda parte do projeto entram as canções e a ajuda de amigos. No canto, a participação de Mineku. No texto .. "Não sou uma pessoa apta para fazer este tipo de coisa. Sou péssimo nas palavras — não sei nem escrever bilhetes", diz Akira. Portanto, contribuem para esse departamento letristas como Pedreira Antunes — seu parceiro no grupo Akira S & As Garotas que Erraram — Arnaldo Antunes e o grande inspirador Matsuo Bashô — mestre do hai-kai japonês do século XVII.

O projeto completo abarcaria outras formas de manifestação artística, como a dança, teatro e vídeo. "Quero trabalhar com uma coisa chamada Kenbu — que é um tipo de dança japonesa com leque e espada — e elementos do teatro Nô. A música será a minha e aparecerá como elemento *fundamental*, não principal. Ela estará aliada àqueles elementos e ao vídeo. Mas isso tudo requer uma infra-estrutura muito grande", pondera Akira.

Enquanto ele ainda não tem essa infra — que, é óbvio, depende de um apoio cultural — alô, incentivadores! (Será que ainda há algum?) —, continua o Akira agregado, não apenas ao Akira S & As Garotas que Erraram, como aos projetos que possam vir a acontecer.

Sônia Maia

A

revolução

continua.

O selo Eldorado começou a revolução em junho, com o lançamento de seis álbuns de músicos ingleses independentes. Agora, são mais três: **Mask** (Bauhaus), **The Moon and the Melodies** (Harold Budd e The Cocteau Twins) e **Bend Sinister** (The Fall). Eles chegam para mexer com você, para mudar e ficar.

ESTÚDIO ELDORADO

Dez anos de boa música.

LUÍS MELODIA

Boas notícias! O Negro Gato volta a rondar os telhados (baixos) do pop nacional. Abram alas para o mestre-sala

O Homem-Borracha

Morro da Urca (RJ) 10/09/87

Aurevoir bleu! Alguém tem que avisar o Claude Nobs que é preciso incluir urgentemente pelo menos um showzinho de Luís Melodia nas Noites Brasileiras do Festival de Montreux. Melodia está em forma, com um trabalho novo que há tempos não tinha tanto pique e vigor. Este show é os últimos de Itamar Assumpção foram os poucos que vi este ano que me deixaram arrependido de ter pago o dobro para ver Cure, Siouxsie, PIL, etc. etc. Melodia não só continua firme misturando funk com samba (ah, que saudade também da Banda Black Rio!) como temperou ainda mais seu formidável vatapá de ritmos negros e estranhas melodias levemente dissonantes com pitadas de hip hop, afro e outras belezas de atundar qualquer assoalho.

De bonezinho, agasalho e tênis amarelos, ele entrou ("Oi, gente, espero que vocês se divirtam") como um mestre-sala de escola de breas-samba, incendiando o ambiente com intrépidos passos de homem-borracha (!). Já depois das primeiras músicas (todas do seu último LP, o *Claro*, que ele finalmente está promovendo com esta série de shows pelo país), os cerca de quatrocentos presentes suspiraram aliviados: suas novas composições são ótimas e sua voz incontundível está em pleno auge, com o timbre que personifica o que apareceu de mais próximo aos blues na MPB. Só ele alcança a entoação metálica e sufocada, qual Billie Holiday imitando Ray Charles ou vice-versa, que dá a impressão de que o Rio é um bairro distante de Chicago.

Melodia, surpreendentemente animadíssimo, segurou a peteca por duas horas (não é mole, não há tatu que aguente um show de rock dessa duração), coisa que não fazia há tempos (aliás, há três anos que ele não tocava no Rio, sua cidade natal). Também, pudera, com um repertório desses — bola preta só para a versão da fraca "Broto do Jacaré", dos tempos da Jovem Guarda — e essa superbanca — destaques: o guitarrista/escudeiro Renato Piau, o baixista Carlinhos Wernick e o fantástico baterista Marcos Veríssimo.

Para os *old timers*: Melodia lascou "Dores de Amores", "Magrelinha" e ainda atendeu os pedidos mais inflamados de "Eccestaaa tooo!" Nem o forte vento sudoeste (vocês sabem, o Morro da Urca fica a meio caminho do Pão de Açúcar) foi capaz de bodear o embalo da noite. Podemos nos dar por satisfeitos enquanto tivermos Melodia (e Itamar!) em boa forma, a MPB continua sendo uma das grandes forças criativas da música pop! *T. P.*

Vitral Pop

Palace (SP) 21/09/87

Aquele que divide o império da descartabilidade do conceito de pop puro é uma corda bamba muito curta. Um espaço raro de ser ocupado, e poucos foram os grupos nos anos 80 que se dispuseram a desfilar neste trapézio. Alguns tombaram e afundaram na diluição. Outros, como o Bolshoi, ainda conseguem esse difícil equilíbrio — a grande arte de ser absolutamente pop sem derrapar no vulgar. Este foi o aspecto que mais se evidenciou em sua decolagem em terras brasileiras.

Por mais que a dita imprensa especializada queira tachá-los de comercialzinhos, alguns detalhes urgem ser ponderados. Durante sua apresentação de uma hora e vinte minutos, o Bolshoi demonstrou estar capacitado a desafiar o descartável com a riqueza de certas melodias e a enganar o puro pop com um acúmulo de outras influências. Embora um pouco inexperientes em termos de performance, e sem contar com nenhum virtuose, apresentaram um show singelo e contagiante, valendo frisar que foi a aparição internacional mais ovacionada de 87. Qual o segredo de tamanho sucesso?

Ao longo de 14 canções, sendo que seis fazem parte do novo álbum *Lush's Party* (ainda inédito por aqui), conseguiram dosar com carisma suas limitações e maquiar com sensualidade suas virtudes. Acima de tudo é um som bastante uniforme e direto. Uma guitarra intervencionista que dispensa a função de ser base, para dedicar-se a riffs eficientes e econômicos, plenos de Delay e Chorus. Um baixo que conduz toda a harmonia bem marcado, fazendo um par perfeito com uma bateria seca e concisa. Preenchendo e criando espaços, teclados (eventualmente sequenciados a bateria eletrônica) de timbres comuns porém condizentes à proposta do grupo. Em meio a essa paisagem fluem os vocais do guitarrista Trevor Tanner, que não obstante a meiguice, esbanjam uma malícia peculiar e envolvente.

A definição musical por mais pop que pareça é complexa. Pelo menos ao vivo, retratam vários momentos da quarta geração do rock. Nada de excepcional, apenas inteligente. Por um lado a inegável sombra gótica do Bauhaus, por outro um tom tipicamente *wave* (linha Cars, Romeo Void) e entre os dois sintomas de *cold wave* e essências dark psicodélicas bastante próximas a grupos como Danse Society, Sisters of Mercy e Tones on Tail. Foram esses ingredientes, tratados de forma original, os responsáveis por um show simples e marcante, na medida em que transformam este caleidoscópio num vitral definitivamente pop. *Fernando Naporano*

Vocais maliciosos de Trevor Tanner desafiando o descartável

BOLSHOI

Poser!!!!

Castle Donington (Inglaterra) 15/08/87

80 000 metaleiros num frenesi sem tamanho comendo, bebendo e gritando. Lama por toda parte, doze banheiros e seis bandas que vão do heavy metal mais melodioso, comercial, aos novos estilos mais radicais — o metal mais imediato. O ingresso custa 15 libras e a chuva é de graça.

É meio-dia e a arena já está completamente enlameada quando surge a primeira banda do dia: Cinderella — tentando fazer a platéia dançar e, ao mesmo tempo, evitando que a chuva desfaça sua maquiagem.

Logo após, com um pouco de sol (e chuva), o WASP entra em cena e quase ninguém dá atenção. Seguem Anthrax, Metallica — um mais radical que o outro. A informação é que Bon Jovi está chegando de helicóptero e, enquanto isso, Dio esquenta o público impaciente pela atração principal.

Já é noite e a lama não é mais tão visível, fogos de artifício brilham no céu. O clima é outro — a platéia está enfurecida e urra, afoita, pela chegada do ídolo Jon Bon Bovi. De repente, dois telões ao lado do palco notificam que Bon Jovi está em cena. Do palco surge David Bryan amarrado aos seus teclados. Luzes e mais luzes apontam para a chegada do guitarrista Ritchie Sambora e, com mais uma explosão de fogos, Bon Jovi aparece em calça de couro, camiseta rasgada e fita na cabeça.

Ele começa com "Raise Your Hands". A próxima é "Die for You", que lembra Springsteen. "Tokyo Road" faz as inúmeras [illegible] gritarem e suspirarem. Jon dedica "You Give Love a Bad Name" à imprensa britânica que andou fofocando sobre sua vida amorosa.

O som é alto e ensurdecedor apesar de mais harmonioso que o das bandas precedentes. Eles estão afiados. "Wild in the Streets" leva a platéia ao delírio, e "Never Say Goodbye" provoca os habituais desmaios e histerias.

Chega o momento esperado. "Living in a Prayer", e mais fogos explodem. O público aposta para ver quem canta mais alto e, sem pausa, eles tocam a melódica "Runaway", se despedindo da platéia.

Ritchie retorna primeiro e começa com a introdução de "Wanted Dead or Alive", numa versão estonteante.

De repente, Paul Stanley (Kiss), Dee Snider (Twisted Sister, e Bruce Dickinson (Iron Maiden) chegam ao palco para uma demencial versão de "American Band".

No final Jon, envolto numa enorme bandeira, acena e manda beijinhos para a platéia, desaparecendo como que por mágica, levando com ele vários corações partidos.

Eva Joory/Jon Hotten

Como Transar a Moda, Sem Erro

Gatinha, pra você não ter mais dúvidas na hora de escolher e combinar as roupas, *Capricho* deste mês traz um livrinho grátis com mil dicas sobre o que é Certo e Errado na moda. Você vai aprender como transar o visual mais lindo do verão.

CAPRICHO

LIVRINHO GRÁTIS

Mia... Capricho é a revista ...nha

Evans, o free jazz prejudicado pela má qualidade de som

Num festival conservador, a boa surpresa de King Sunny

FREE JAZZ FESTIVAL

Nem free nem jazz

Anhembi (SP)
09 a 13/09/87

No início deste ano, circulou a notícia que o Free Jazz Festival traria um dos criadores do *free jazz*, o saxofonista e compositor Ornette Coleman. Falei com ele sobre essa possibilidade. Ele ficou pasmo: "Cara, um festival inteiro de free jazz no Brasil?!" Depois das explicações sobre o Free que se fuma, as dúvidas se dissiparam e a vinda de Coleman também...

Um festival da proporção do Free Jazz, precisa evidentemente combinar grana e gana, mas tem como função principal a de abrir caminho para artistas desconhecidos aqui, e não se tornar um divulgador do catálogo das grandes gravadoras. Esse Festival já é um evento seguro financeiramente, mas tímido e conservador em termos musicais.

É importante que um festival seja uma amostra que combine as tendências. Se de um lado, você coloca os "medalhões" como Sarah Vaughan, Art Blakey, como e que pode programar coisas do tipo "o best das bestas" como Spyro Gyra e Lee Ritenour. Em um festival conservador como esse, é bem provável que todos toquem pelo menos uma vez os temas que são clássicos, dos quais já dispomos de uma discografia abundante. Parece tão repetitivo e reverencial como um festival de órgão de catedral montanhosa onde, é claro, se ouve Bach. Nada contra, mas hoje em dia a criação musical, infinitamente mais rica e interessante, está fora dos grandes selos e do circuito tradicional de teatros. São criadores como Archie Shepp, Elliott Sharp, Ned Rothenberg, John Zorn, Misha Mengelberg, Peter Zummo, entre outros tantos que a gente nunca ouviu por aqui — o que é urgente — e que faria muito bem para os músicos e o público — um serviço de utilidade pública.

A melhor promessa do Free Jazz Festival, a big band de Gil Evans, foi extremamente prejudicada pela qualidade de sonorização do Anhembi, que em outros dias esteve bem. Foi difícil perceber as sutilezas da orquestração, que resultou num som embolado e desequilibrado. A banda de Evans foi o momento mais "free" e mais "jazz" do Festival. Ele apresentou novas ideias quanto a textura na instrumentação, e organização musical na execução dos temas.

O grupo do lendário Art Blakey, especialmente o pianista, proporcionou outro bom momento, num solo fragmentado que fez lembrar o monge Monk, música de alta concentração de radioatividade criativa.

A música de Philip Glass, surpreendentemente, cresceu no palco e alcançou o seu objetivo: oferecer uma fórma-fórmula musical que hipnotize a plateia mediana faminta de pós-modernidade requentada. O coro dos contentes saiu suspirando: "Como era gostoso o meu sintetizador!". Esse é um país que canta e é feliz, feliz.

Hermeto deu um show que entrou pela madrugada, colocando muita nota, e apostando corrida com seus próprios dedos. Chick Corea apresentou um som super-eficiente (isso quer dizer alguma coisa em música?) e a aparelhagem mais pesada, segundo a imprensa local. A boa surpresa ficou por conta de King Sunny-Adé e sua juju music, simples e tocante — a alegria dos que não sabem e descobrem.

Se os organizadores não quiserem que esse Festival seja um requentado subproduto do nosso subdesenvolvimento (e envolvimento) cultural, fujam da fórmula "em terra de cego..." Não vamos nivelar por baixo, chamem Orbette Coleman!!!

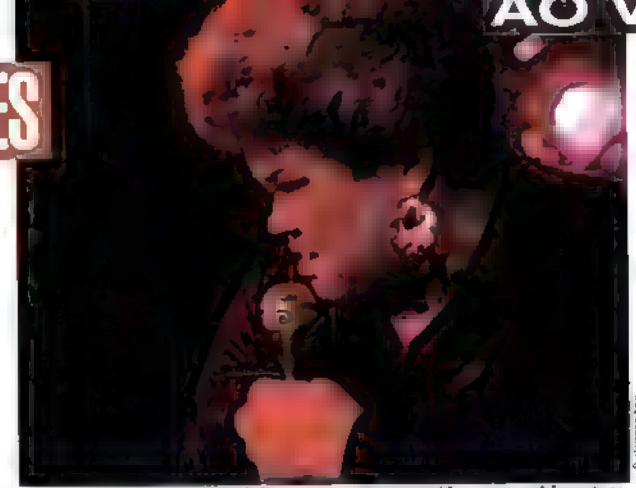
Lívio Tragtenberg

AO VIVO

ETTA JAMES

Alma azul

150 Night Club (SP) 02/09/87



Tempestades e bonanças na voz de Etta que aproveitou para alfinetar os machões nativos

Já tinha visto Etta no I Festival de Jazz de São Paulo: elétrica, possuída, possessa, rhythm'n blues rasgado, fechando o show com "Miss You" (exato, Jagger e Richards). No peculiar — para dizer o mínimo — cenário do 150 Night Club, ela retorna com outro clima, outra banda, mais intimista e de acordo com a casa que, depois das visitas de Alberta Hunter e Buddy Guy, tornou-se um santuário brasiliano para os blues.

E que Blues... A dinâmica, que vai de locomotiva com fogo no rabo ao som de uma pluma caindo, consegue silenciar os namoros usuais-com-amendoim habituais. Assim que dá conta de "The Blues Don't Care" como espécie de cartão de apresentação, anuncia um de seus *greatest hits*, "I'd Rather Be a Blind Girl", especialmente composta (por Etta) para Rod Stewart. Quem ousaria sussurrar?

O canto sagrado, o coral que conversa com o diabo, a lâmina lenta dos gospels e dos blues – música da alma — dão lugar a um r & b descascado, quase funk, "You Want More". Etta a apresenta como parceria com seu guitarrista para trilha de um filme cuja protagonista ela descreve como uma ninfomaníaca miniada. Etta provoca o relaxamento geral e chama todos para a pista de danças. "Toda noite eu preciso ficar implorando para as pessoas dançarem... acontece que os homens aqui são muito machistas e não gostam de ver suas mulheres rebolando em público". Entra direto em "Something's Got a Hold on Me", hit antológico que a lançou há trinta anos. A pista cola, senhoras fazem a dança do véu sem o véu, folia geral.

Outra calmaria. Etta anuncia seu "velho pout-pourri" — "I Found a Dream"/"Sunday Kind of Love" — e, na passagem entre elas, diz que gostaria de cantar a segunda como acha que o teria feito a cantora favorita de sua mãe (Lady Billie Day). E de fechar os olhos e quase acreditar.

Agora ela convoca a Folha II da noite, anunciando "You Can Leave Your Hat On" (Randy Newman), aquela que — na voz de Joe Cocker — embala o striptease de Ms. Basinger em *9 1/2 Semanas*. O arranjo fumegante emenda com "Love and Happiness". A banda continua tocando até o final da música, mas Ms. James já sumiu. E assim, rápido e rasteiro, sem bis (ela está gripada). Mas como já disse Pepe Escobar: "Lord have mercy, mangalô três vezes". *J.A.L.*

DONNA SUMMER

Pernas enferrujadas

Universal Amphitheater (Los Angeles) 13/09/87

Quem se lembra da Donna Summer "disco" dos anos 70, associa a cantora a algo parecido com fogo, sensualidade, sedução e eletricidade. Não era ela, afinal, que em 76 despejava orgasmos múltiplos sobre o vinil quando entoava "Love to Love You Baby"? Mas não foi bem esse o espírito oferecido por Summer aos angelenos que a visitaram durante a atual turnê norte-americana. A Donna versão 87 está muito mais para Las Vegas do que para as pistas de dança — embora as faixas do seu novo álbum, *All Systems Go*, indiquem um forte pendor para o rock afunkalhado. A faixa-título, por exemplo, caberia muito bem no repertório de Michael Jackson ou no último disco de Mick Jagger. Menos que um show — ou um convite ao baile —, Donna Summer da agora recitais quase solenes, que apenas raríssimas vezes evocam sua época super sexy.

O hiato entre um passado frenético e um presente recatado, torna-se mais amplo ainda quando ela recria os antigos hits ("Dim All the Lights", "On the Radio", "I Feel Love", "Enough Is Enough"), pois o cenário — espartano, em vez de feérico; vazio, em vez de exuberante — e a atmosfera — a banda escondida nos cantos, ela de branco angelical no começo e de preto pesado depois do intervalo, à frente de três backing vocals à beira da catatonia — não combinam com a antiga Donna.

Não quer dizer que a apresentação de Ms. Summer em Los Angeles tenha sido ruim, pois o público saboreou a potente voz com total devoção e fervor. Poucos são os artistas pop — homens ou mulheres — que se equiparam, ao longo do tempo, em termos de capacidade vocal. Whitney Houston, por exemplo, deve muito de seu sucesso ao fato de Donna Summer ter vindo antes dela. A atual Summer parece estar mirando um público diferente, mais velho, mais acomodado e menos dançante. Ou então acompanhou o envelhecimento deste público. Acontece.

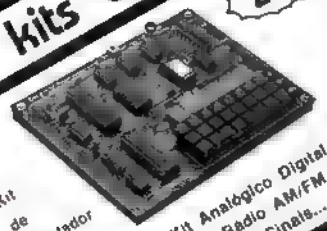
José Emílio Rondeau

cursos técnicos!

- eletrônica básico
- áudio e rádio
- programação basic
- análise de sistemas
- refrigeração e ar condicionado
- instalações elétricas
- eletrônica digital
- televisão pb, cores
- programação cobol
- microprocessadores
- eletrotécnica
- software de base

kits exclusivos!

Z-80



Kit de Microcomputador Z-80 MAIS

- Kit de Televisão
- Kit de Refrigeração
- Kit Digital Avançado
- Kit Analógico Digital
- Kit de Rádio AM/FM
- Injetor de Sinais...

cursos por correspondência

intensivos! dinâmicos!

OCCIDENTAL SCHOOLS®
cursos técnicos especializados
Alameda Ribeiro da Silva, 700
01217 São Paulo, SP
Fone: (011) 826-2700

SOLICITE MAIORES INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO!

BIZZ 28

OCCIDENTAL SCHOOLS®
CAIXA POSTAL 30.663
01051 SÃO PAULO SP

Desejo receber, gratuitamente, o catálogo ilustrado do Curso de _____ indicar o curso desejado

Nome _____
Endereço _____ nº _____
Bairro _____ Cidade _____ Estado _____ CEP _____

"Fuck Michael Jackson!": o grito de guerra de LL Cool J, ou "Tubarão" — este é bad!!!!

Adrian Boot/Retna

Blitzkrieg

Madison Square Garden (Nova York) 03/09/87

Quando o mutante de uma nova raça, de Gary, Indiana, fala que é *bad*, e só olhar para o seu rosto embranquecido que rolamos de rir. Quando o Sr. James Todd Smith, ou LL Cool J, ou Príncipe do Rap, ou "Tubarão", fala que é *bad*, é melhor levar a sério.

Neste verão americano 87, só deu Cool J "I'm Bad" — o mais avassalador rap da história desde "The Message", de Grandmaster Flash —, estava em todo e qualquer *ghetto-blaster* do East Village a East Los Angeles, do southside de Washington às palmeiras criminais de Miami. Cool J e seus capangas da Def Jam — Stetsasonic, Public Enemy, Eric B. e Whodini — cruzaram o país arrebentando os lóbulos da própria geração Def Jam. *Bigger and Deffer* foi para número um nos álbuns, "I'm Bad" saiu para logo ser substituído por "I Need Love".

O Ninja do rap, "Tubarão", com dois álbuns em um ano, configurou-se como LL Hot J. Só poderia, no clímax de seu show, convidar a excitada platéia, 90% black, ao coro vingativo: "Fuck Michael Jackson!"

Em Columbus, Georgia, perto do "cinturão da Bíblia" e da barra pesada do Sul, Cool J foi preso por simular o ato sexual em público. Mais publicidade. Em Dallas — no meio de uma platéia mitológica de blackinhos Adidas, bluseiros desocupados e alguns autênticos vaqueiros urbanos de chapéu — vi esta *Def Jam Tour* pela primeira vez, e não poderia perder a apoteose novaiorquina.

Madison Square Garden absolutamente lotado em apoteose de Adidas e correntes douradas — um dia depois de Bowie e sua *Glass Spider Tour*. Atmosfera absolutamente elétrica. Nos anos 60, a massa negra americana reunia-se nas antológicas caravanas da Motown para ver Supremes, Temptations, o Príncipe Marvin Gaye, o suave Smokey Robinson. Duas décadas e vinte séculos conceituais depois de "Baby Love", a Grande Caravana Black por excelência é da Def Jam — primeiro com sua tour Run-DMC/Beastie Boys, este ano com LL no topo.

Ninguém nota o show de Stetsasonic. As gangs e posses vão chegando — e o pau vai comendo. No palco, a habitual fileira de blackões *bodybuilders* toma conta da situação com os braços cruzados. A cada três ou cinco minutos, nos diversos setores do ginásio, estouram brigas da pesada. As gangs vêm, batem e correm. Cordões de tiras correm para lá e para cá como baratas tontas, incapazes de seguir a agilidade felina da moçada.

A performance de Public Enemy, vinte minutos, é a mais arrasadora entre os suportes. Faixa gigantesca, com o black na mira do alvo. Todos vestidos de terroristas, com fuzis e bombas. A linha de fundo faz movimentos de kung-fu. Quando investem em "Miuzi Weighs a Ton", mastigamos a essência do que a mídia chama de "tensão urbana". Uma performance absolutamente *urgente*.

Eric B. e Hakim jogam na ironia soft. Saem de trás de uma cortininha, em um movimento anticapatório kitsch que só em preto americano adquire todas as suas conotações de deliciosa sub-estética. Passam por seus dois perfeitos pop-rap, "I Ain't No Joke" e "I Got Soul". Whodini, já promovidos à condição de estrelas black, arrastam-se demais nas coreografias e nos *displays* de estrelato. Nada memorável. O pau prossegue comendo liso, leso e louco nas arquibancadas e nas cadeiras de pista, até que o palco se prepare para a blitzkrieg sonora de Cool J.

"Prepara-se", mesmo. Desce do ar um ghetto-blaster gigante, piscando, envolto em fumaça, scratches da morte roendo as caixas, cortesia de Cut Creator e DJ Bobcat, montados em dois "forte-apache" no meio de um cenário rochoso. E de dentro do ghetto-blaster sai o Ninja do rap, completo, de Adidas branco e corrente de seis mil dólares — chapeuzinho branco como o item letal, "afiado como barbatana de tubarão". Ele passeia sua arrogância, seu magnetismo animal e seu exibicionismo de machinho adolescente, as garotas gritam, as posses pulam e batem mais. Bigger and deffer, aos 19 anos, mais *bad* do que qualquer outro — como reconhece o próprio Run da dupla "Walk This Way" —, não há ego que segure.

O ghetto-blaster artificial e os sons reais de Cut Creator e DJ Bobcat, acrescidos de E Love, reduzem as 20 mil consciências a retalhos. Rap como arma de protesto e rap como arma hedonista. Os highlights, como não poderiam deixar de ser, são "I Need Love" e "I'm Bad". Para a primeira, sofá de veludo vermelho no palco, com "Tubarão" simulando o que faz nas suas noites de cio. Para a última, sirene de polícia — irônica metáfora do que se desenvolve na platéia e na saída do Madison —, fumaça, as sirenes vermelhas alucinando o Madison, o Príncipe do Rap terminando em triunfo sua *jam* mais do que *def*. LL Cool — ou Hot — J, o som e o menino, e uma Polaroid de Babylon no fio da navalha. Isso sim é que é credibilidade de rua. De madrugada, em Queens, Bronx ou no East Village, as sirenes dançam seu rap, e sombras silenciosas vagam pelos quarteirões ao som de "I'm Bad".

Pepe Escobar

DEF JAM TOUR

BOSSA NOVA

DISCOS

REVISTAS

OUR FAVORITE SHOP

Rua Barão de Itapetininga, 267
loja 12 CEP 01042
São Paulo - SP.

MADONNA

UMA PANTERA À SOLTA

Who's That Girl, **pergunta o título do seu novo filme. Ora, todo mundo sabe quem é essa garota. Mas *José Emilio Rondeau* constata (seduzido) que La Ciccone pode ser muito mais do que aparenta**

Foto: Warner Bros.

Existe uma canção nova que suspende você pelo colarinho toda vez que explode dos alto-falantes: "Elvis is Everywhere", de um maluquete certificado chamado Mojo Nixon (nenhum parentesco com aquele nariguda mentiroso que não se chama Pinóquio). Mojo passa três minutos e alguns quebrados urrando sobre a onipresença de Presley assegurando, assim, que depois da morte Elvis ainda é uma força verdadeiramente ativa na vida dos vivos. Se, entretanto, alguém resolvesse criar a ode definitiva à onipresença nos anos 80, precisaria mudar apenas o primeiro nome da granada sonica de Nixon. E a música passaria a ser "Madonna is Everywhere".

O que lá pelos idos de 85 parecia histeria em massa, acionada por um par de hits bem sacados, mais um umbigo atrevido embrulhado em lingerie, é hoje um peso-pesado do pop, com uma imagem e um alcance que abrangem diferentes gerações. Madonna vestiu e despiu personagens, animentou e demoliu numerosos mitos a seu respeito, para agora no outono dos anos 80, passear tranquila com o mundo em seu bolso — tonto, hipnotizado, cativo, se perguntando: "Quem é essa garota?"

Madonna — mais madura, mais provocante em sua recente sofisticação — definitivamente está em toda parte, numa turnê espetacular iniciada em Tóquio e atualmente fazendo carreira de rolo compressor nos Estados Unidos. E está nas telas, no papel principal de *Who's That Girl?*

... o de Nicky Finn, mulher sambada que passa uma temporada na cadeia por um crime que não cometeu e, livre, parte para limpar seu nome na praça, ajudada pelo relutante yuppie Loudon Trott (um Griffin Dunne tão atrapalhado aqui quanto em *Depois de Horas*). O filme estreou dia 13 de agosto com uma efeméride publicada da qual Nova York dificilmente se esquecerá: Madonna discursando em pleno Times Square, causando um engarrafamento monstruoso. "A primeira vez que cheguei aqui", sussurrou Madonna assim que saiu de uma limusine branca para os braços da malta adoradora, "disse: 'vou ser uma estrela'. E aqui estou eu, de volta a Times Square."

Não são poucas as resenhas e os ti-ti-tis de bastidores que apontam em Madonna uma artista cinematográfica promissora, depois de *Who's That Girl?* É bem provável que o flerte de Madonna com o cinema iniciado com pé direito em *Procura-se Susan Desesperadamente* — torne-se uma carreira sólida e duradoura. Está no ganho, inclusive uma recriação atualizada de *Blue Angel* interpretado no passado por Marlene Dietrich. Dessa vez, Madonna será produzida por Diane Keaton e dirigida por Alan Parker. O que não é pouco mérito para uma artista da qual o mundo tinha mais reservas do que esperança.

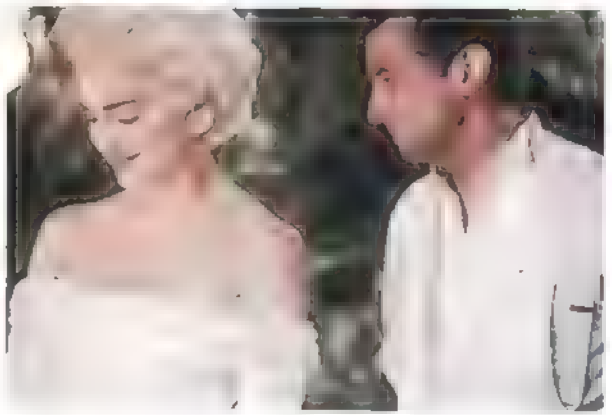
Who's That Girl? não é nenhuma obra-prima — no frigir dos ovos é uma comédia simples e eficaz. Trott é escalado pelo sogro, na véspera do casamento, para escoltar Nicky à rodoviária e colocá-la no primeiro ônibus para a Filadélfia. Antes de buscar Nicky na penitenciária, contudo, Trott precisa recolher outra "encomenda", um puma raro, vindo da Patagônia para a coleção de um gra-fino ecologista. O sogro de Trott — o sr. Simon Worthington (John McMartin) — recomenda todo cuidado com Nicky ("se ela ficar na cidade, causará muito problema para muita gente") e com o puma de colecionador. E empresta a Trott o Rolls Royce da família. Naturalmente, Trott se mete nas piores 24 horas de sua vida regrada e agendada, acaba ajudando Nicky a descobrir os verdadeiros criminosos e encontra nela (sabem os violinos) a mulher de sua vida.

Griffin Dunne não faz nada além de um trabalho regulamentar. Coati Mundi (integrante dos Cocciones de Kid Creole) sai-se apenas bem como o vilão atrapalhado Raoul, o restante do elenco é plenamente esquecível, mas Madonna emerge do filme positivamente triunfante. Aqui ela tem a chance definitiva de explorar todas as personalidades que criou durante sua carreira de cantora — [illegible] *tale* desmotolada charmosa vagabunda vivida, bonequinha de [illegible] e demonstra que sabe representar.

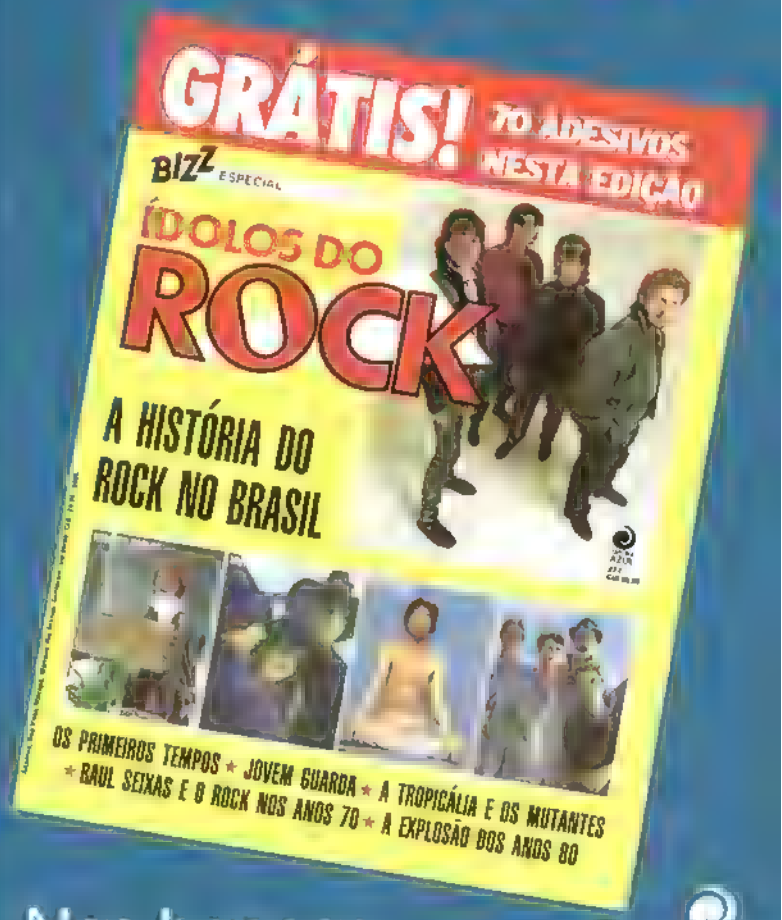
Outro trunfo valiosíssimo de *Who's That Girl?* é a sequência de abertura, toda em desenho animado e já contando a história do filme desde o crime até a prisão de Nicky — por sua ingenuidade e doçura, o minidesenho (que pode ser conhecido desde agora em partes do chip da música-título) faz a platéia mergulhar de imediato no ambiente Betty Boop anos 80 de Madonna.

José Emilio Rondeau

A pantera em variadas pelagens no filme do diretor James Foley *(Caminhos Violentos)*: Betty Boop anos 80, aventureira descolada e chiquérrima ao lado do ator Griffin Dunne *(Depois de Horas)*



70 adesivos para você!

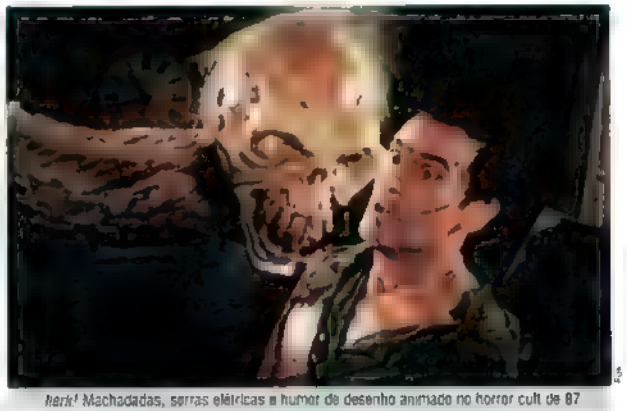


Nas bancas

UMA NOITE ALUCINANTE

O *horror cult* do ano! O diretor Sam Raimi, um desajustado de 27 anos, começou a lançar o mal-estar na civilização com seu primeiro filme, *Evil Dead* (1983), considerado um dos mais nauseantes de todos os tempos. Depois foi se divertir com *Crime Wave* (no Brasil, lançado com o nome debil *Dois Heróis Bem Trapalhões*), roteirizado em colaboração com os irmãos Coen (*Arizona Nunca Mais*). Sob sua direção, uma dupla de sádicos exterminadores se tornavam uma especie de Tom e Jerry, levando o surrealismo dos desenhos animados às ultimas consequências.

Uma Noite Alucinante (*Evil Dead 2*) é o amadurecimento dessas experiências. É Raimi sublime, de volta à nojeira de *Evil Dead* com o humor violento de desenho animado de *Crime Wave*. A história coloca jovens isolados na mesma cabana em que os espíritos malignos barbarizaram em *Evil Dead*. O ator Bruce Campbell, ótimo em sua canastrice, repete praticamente o mesmo papel que o consagrou naquele filme, às voltas com o mesmo Livro dos Mortos e as mesmas possessões demoniacas. Mas é impossível não rachar o bico com a fatalidade das situações — que não poupam serras elétricas, machadadas e outros clichês do gênero.



Nark! Machadadas, serras elétricas e humor de desenho animado no horror cult de 87

A profusão de efeitos especiais, maquiagens aterradoras e movimentos de camera é verdadeiramente alucinante. O filme é radical, conduzido em ritmo de taquicardia. Ganhou o Grande Prêmio do Festival de Paris do Filme Fantástico. E vai encher os cinemas com os nhos nervosos! *MP*

RÁDIO PIRATA

Parece que Lea Rodrigues esta aprendendo a fazer cinema. Seus filmes precedentes — *Bete Balanço* e *Rock Estrela* — estavam mais para um video clip em grandes dimensões que para a linguagem cinematográfica — mais sutil, contundente e espacial que a do video, notoriamente rapida, objetiva e fragmentada.

O diretor de clipões aderiu ao cinema. *La* Brondi e Jayme Periard em *Rádio Pirata*

A primeira coisa que se nota em *Radio Pirata* é o gosto na escolha das imagens. Já na abertura a câmera passeia por varios objetos espalhados por uma mesa, num clima *noir* classudo. Esta é uma preocupação constante ao longo do filme. As cenas noturnas e a da perseguição — estilo mocinho versus bandido em suas carroças mecânicas — são as mais resolvidas. Mesmo assim. Leal ainda sofre do mesmo mal que acompanha os filmes B brasileiros: continuidade travada e a omissão de dados obvios de grande valia para amarrar boa parte das cenas.

Feito para adolescentes de 14 a 17 anos, *Radio Pirata* leva uma mensagem mais palpavel do que a de *Bete Balanço* e *Rock Estrela* e induz a atitude. Dois jovens que se conhecem e se apaixonam — Alice (Lidia Brondi) e Bravo (Jayme Periard) se envolvem num complicado caso de corrupção e, como dois heróis, tentam denunciá-lo através de uma rádio pirata — a AYD4, Radio Bomba. O destaque fica por conta da boa interpretação de Lidia e as intervenções de Maria Zilda, no papel de Cristina Lemos, uma repórter que faz uma critica providencial às posturas em cima do muro da TV onde trabalha. Infelizmente não dá para falar o mesmo de Periard, um ator cansativo de tão linear. *Sonia Muto*

A HORA DA ZONA MORTA

Cristopher Walken (*O Franco Atirador*) é o instigante "visionário"

Surpresa, um filme do escatológico canadense David Cronenberg (*A Mosca, Videodrome*) de 1983! E com um atrativo (ou repulsivo, pensando em quem se trata) extra: o autor do texto original é o mesmo de *Carrie, O Iluminado, A Hora do Lobisomem* e tantas outras temeridades: Stephen King.

A Hora da Zona Morta (*The Dead Zone*), contudo, não é um festival de estômagos revirados com closes revoltantes. Apesar do mulo contumaz (breve, *A Hora de Ter Outra Idéia*), trata-se de uma exceção no currículo da dupla.

O filme é um thriller psicológico intrigante. Começa bobinho: o personagem de Christopher Walken sofre um acidente de carro e fica em coma durante cinco anos. Ao despertar, descobre que não só sua namorada casou, como ele adquiriu um estranho poder de ver o futuro das pessoas em que toca. Suas visões se tornam tão famosas que ele precisa se isolar — na medida em que seus poderes funcionam, seu corpo enfraquece. Até a polícia vai procurá-lo, em busca de ajuda na descoberta de um estrangulador de mulheres.

O clímax acontece quando, por acaso, ele percebe que a eleição de um político carismático (Martin Sheen, ótimo) poderá resultar no fim do mundo. Cronenberg mantém o suspense no limite, à la De Palma (não se esquece sequer de citar uma cena de Hitchcock, a da escada, em *Psicose*), e roça sutilmente no maior trauma americano: a tragédia dos Kenneds — só mesmo um canadense pra cutucar essa ferida. O desfecho é de roer as unhas! *M.P.*

A HORA DO PESADELO 3

Freddy Krueger está de volta. Não à Elm Street, mas aos pesadelos dos últimos filhos vivos das famílias que o queimaram até a morte, anos atrás. Os adolescentes estão internados numa clínica especial. Suas tentativas de se manterem acordados, entretanto, sucumbem à vingança do homem dos seus sonhos. As garras afiadas, riscando metal, continuam arrepiando como em sua primeira aparição, dirigida por Wes Craven em 1984.

Depois de um ligeiro desvio da idéia original, em *Pesadelo 2*, a situação voltou a ser a mesma. E Craven tem participação direta nisso, co-escrevendo o roteiro com o diretor Chuck Russel. Outros velhos conhecidos retornaram à tela: Nancy (Heather Lagenkamp) e seu pai policial (John Saxon).

Nancy cresceu. Ela agora é uma psiquiatra especializada em distúrbios causados por sonhos. É a única esperança das vítimas de Freddy!

O terreno dos sonhos também não é novo para o diretor Chuck Russel. Sua experiência como roteirista de *Dreamscape* influiu muito neste novo episódio da saga de *Pesadelo*. É o caso dos estranhos poderes psíquicos do personagem da atriz estreante, Patrícia (irmã de Rosanna) Arquette, assim como a entrada no mundo de Freddy, pesadelo adentro.

A Hora do Pesadelo 3 possui mais efeitos especiais e efeitos de maquiagem do que os dois filmes anteriores juntos. Está cheio de situações asquerosas! O que não atrapalha o humor de Freddy (interpretado por Robert Englund). Ele sabe que, não importa como a história acabe, sempre voltará para filmar a próxima parte. *M.P.*

As unhas afiadas em sua terceira aparição

A FESTA DA

A entrega dos prêmios é uma festa. Este ano teve de tudo: Prince ao vivo, Madonna e Bowie via satélite e, é claro, tietes

O dono da festa simplesmente não foi à festa. O homem que surrupiou todos os prêmios em todas as categorias às quais concorria — exceto uma — estava em Estocolmo, a milhares de quilômetros do Universal Amphitheater, em Los Angeles, onde, no dia 11 de setembro, foram revelados os melhores do ano da MTV, edição 87. Mas detalhes geográficos não impediram que Peter Gabriel brilhasse de maneira ofuscante: ele ficou com 10 troféus da MTV, mais que o dobro do recorde anterior, estabelecido em 1984 por Herbie Hancock, quando este ganhou quatro prêmios pelo clipe de "Rock it", dirigido por Godley & Creme.

Por causa de "Sledgehammer" e "Big Time" — ambos dirigidos por Stephen Johnson —, Gabriel foi escolhido: melhor vídeo conceitual e melhor efeitos especiais. Por "Sledgehammer", Peter foi melhor desenho, melhor direção de arte, melhor edição, melhor vocalista masculino, melhor direção, vídeo mais experimental, melhor cinematografia do ano. Só perdeu numa categoria, o prêmio de escolha do público foi para o U2, por "With or Without You". Os demais vencedores foram Paula Abdul (melhor coreografia), Bon Jovi (melhor desempenho no palco, por "Livin' on a Prayer"), Talking Heads (melhor vídeo para um filme e melhor vídeo de um grupo, por "Wild, Wild Life"), Madonna (melhor vídeo de vocalista feminina, por "Papa Don't Preach"), Crowded House (melhor novo artista, por "Don't Dream It's over").

Também foram premiados Julian Temple (vanguarda de vídeo) e a dupla de compositores Elton John e Bernie Taupin (prêmio de reconhecimento especial). Mas, fora Gabriel, o grande vencedor da noite foi realmente o público, que pôde ver o primeiro show da turnê norte-americana de Prince, ainda que em versão reduzidíssima. O sr. Rogers Nelson tocou simplesmente duas músicas: "Sign o' the Times" e "Play in the Sunshine" —, mas foi o suficiente para empanar todos os outros artistas que o haviam precedido e todos os que viriam depois dele no Universal Amphitheatre.

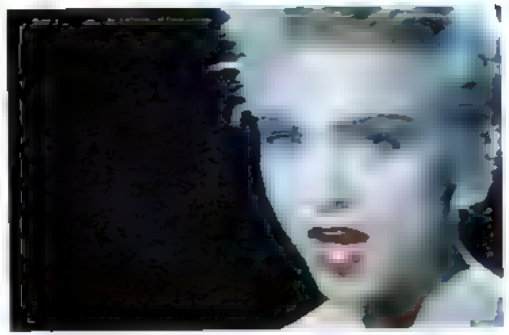
Envolto em densa fumaça de gelo seco, Prince surgiu no palco fuzilando a platéia com rifles de guitarra que descendiam diretamente de Hendrix (a impressão era de que ele estava tocando as primeiras notas do hino norte-americano, como Jimmy fizera em Woodstock), para logo engrenar "Sign o' the Times", numa versão com muito mais ginga do que no disco, mais sinuosa, mais sacana. Do meio do público surgiu, então, o rufar de tambores marciais. E, como num desfile militar, cinco "marching drummers" começaram a caminhar em direção ao palco, liderados por Sheila E (metida num colante vermelho impossivelmente apertado). Quando a tropa de bateristas chegou, enfim, ao palco, Prince saltou para "Play in the Sunshine", mais uma vez superando a versão do disco, com Sheila E literalmente espancando a bateria. "Nada mal", diria Prince no fim do show, "para uma mulher".

Todos os que vieram antes ou que tocaram depois de Prince foram mera figuração. O Whitesnake até que conseguiu provocar algumas faíscas, mas os Run-DMC não conseguiram recriar o clima de camaradagem do clipe de "Walk This Way". Brian Adams provou, mais uma vez, ser o segundo melhor candidato a substituto de Bruce Springsteen (o primeiro é John Cougar Mellencamp) e os Cars foram simplesmente tediosos. Os demais performers fizeram shows transmitidos por satélite — Bon Jovi de Nova York, Madonna, da Itália, David Bowie, de Connecticut e assim por diante.

O melhor show, no entanto, descontado o exocet arrasa-quarteirão de Prince, era mesmo o das (e dos) tietes que ficavam montando tocaias nos corredores do teatro para conseguir autógrafos. Entre as vítimas favoritas estavam: Los Lobos (que tocaram um "La Bamba" apenas regular na abertura do espetáculo), Cyndi Lauper, Whoopi Goldberg, Herbie Hancock, Julian Temple, Steve Nicks (cercada de parrudos guarda-costas), Dweezil Zappa, Elton John, Weird Al Yankovic, todos os membros do Poison e Cher (vestida com uma minissaia adornada por um gigantesco façarote nos fundilhos).

Se toda essa manada de tietes pudesse ter entrado na festa privê pós-premiação, iam ficar faltando caneta e papel. Reunidos num pátio ao ar livre ornamentado com monitores de TV de todos os tamanhos possíveis e imagináveis (transmitindo, é claro, a programação da MTV), estavam saboreando o bufê de pernas de caranguejo, nachos, salada de frutas e muita birita: Mark Hammill (o Luke Skywalker de *Guerra nas Estrelas*), Angelynne (uma candidata a estrela cujo maior crédito é ter gastado fortunas em cartazes gigantescos que espalhou em toda Los Angeles dando seu telefone e visual. A técnica parece estar dando certo, pois Angelynne está rodando um filme com Julian Temple — que também estava na festa), todas as Bangles, Robert Cray, Michelle Phillips (uma das Mammas & the Papas), a comediante Sandra Bernhardt, Eddie Money (totalmente para lá de Bagdá), Michel de Barres (se você esqueceu, ele substituiu Robert Palmer no Power Station) e Steven Tyler, do Aerosmith. E, sim, tietes e peruas em geral. Prince? Nem em pensamento.

"Sledgehammer" e "Big Time" abocanharam "apenas" dez prêmios

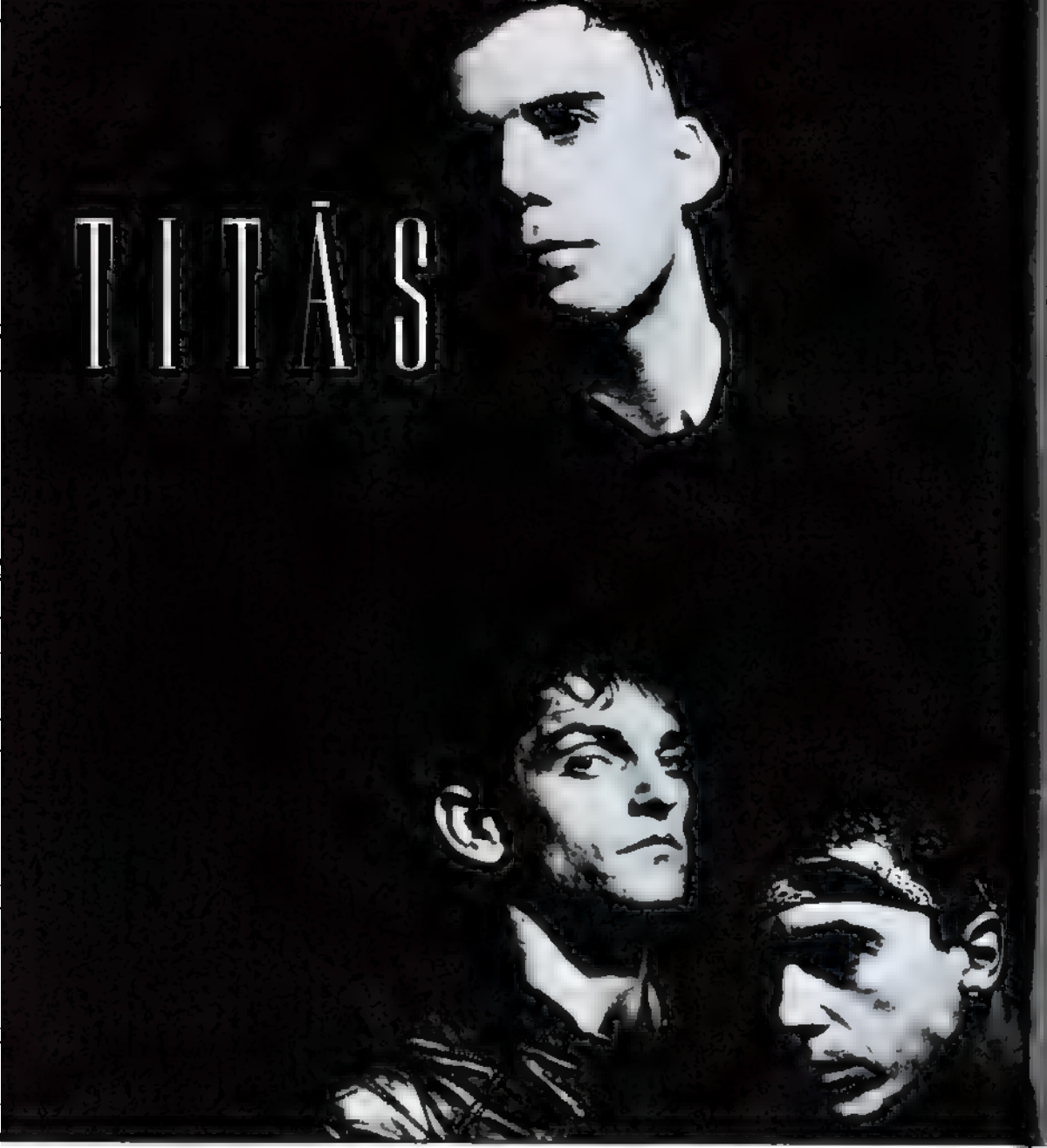


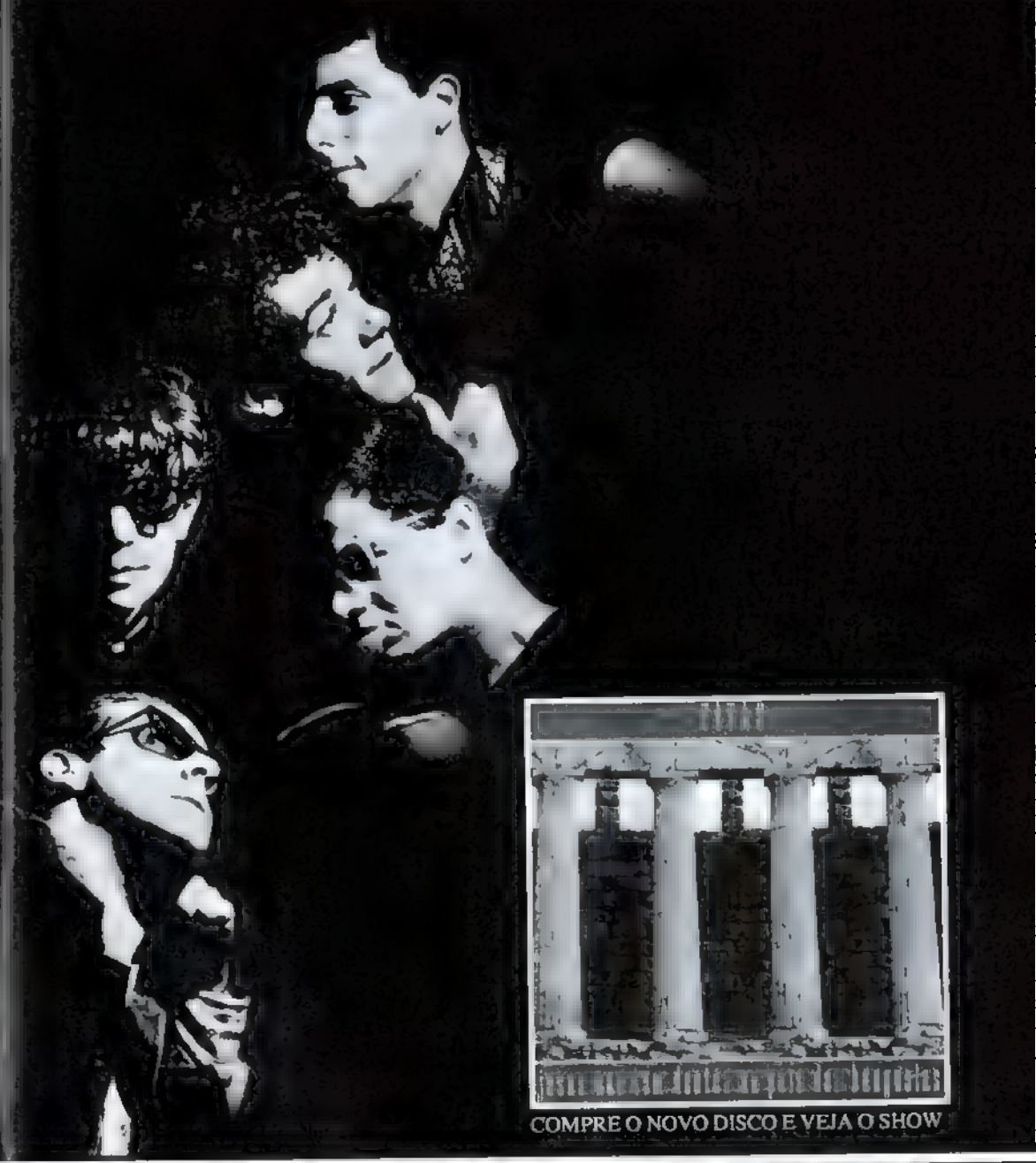
Madonna: melhor vídeo de vocalista feminina

O público escolheu "With or Without You" como melhor vídeo

Os novatos premiados: Crowded House por "Don't Dream It's Over"

TITÃS





COMPRE O NOVO DISCO E VEJA O SHOW

jesus não tem dentes no país dos banguelas

UMA PENEIRADA NAS GARAGENS

Fitas que aterrizaram na redação de BIZZ nos últimos três meses e dois grupos representativos de São Paulo

Com dois anos e meio de existência não é difícil imaginar quantas fitas cassete já desembarcaram aqui na redação de BIZZ... Um saudável hábito que, esperamos, seja mantido pelos grupos brasileiros. Nos últimos seis meses o número de fitas triplicou. Como era de se esperar, a maioria trabalha no terreno do rock e pop. Entre xerox do rock inglês, americano e até brasileiro, mais algumas investidas radicais, não tão radicais assim, vale ressaltar dois grupos "promissores". Explico as aspas: um faz rock por pura diversão, com total falta de vergonha na cara — caso do Soviet Amerikan Republik —, e o outro tem origem e vivência musical suficientes para enfrentar o mercado da música brasileira — caso do Carneviva. Um a um, portanto.

O **Soviet Amerikan Republik** é um grupo sujo, pornográfico, concebido por cinco garotos paulistas para diverti-los — e a quem possa interessar — nas horas de folga dos estudos que os levarão às universidades de Química, Veterinária e Publicidade. Na primeira intenção, a influência básica seria o Einstürzende Neubauten. Mas, quando começaram a tocar, o som foi para um caminho que eles chamam de *Sex & Alcohol*, com vistas em Cramps, Alien Sex Fiend, mais os antigos filmes de terror e os quadrinhos para cinema. Cantam em inglês porque, segundo eles — Toninho (guitarra), Ricardo (guitarra), Crow (vocal), Luiz (bateria) e Biff (baixo) —, nenhuma casa noturna os aceitaria, pois as letras são muito porcas. "Pior que Cramps", avisam. Eles entram breve em estúdio para fazer uma demo que será enviada ao Canadá. Fora isso, completam. "Não é para ser levado a sério. Se levarem, ótimo". OK. Não leve a sério.

Alê, Lobão e Kid do Republika, formado nos escombros do punk rock brasileiro

Já o **Carneviva** trabalha no terreno pop, rock, com nítida influência da música negra — funk, reggae — e da popular brasileira. O nome remete a uma velha banda punk de São Paulo, comandada, em 82, por Roquer, que ainda se mantém no grupo levando o vocal. Carneviva tem, ainda, Demetrius (guitarra), Sauro (baixo) e Edinho (bateria). Demetrius e Sauro têm formação musical que vai do erudito ao jazz, passando — no caso de Edinho — pelo grupo de percussão de John Boudler da PIAP — universidade de música localizada no bairro Ipiranga. Uma banda que merece atenção e, contrariamente aos *Soviet Amerikans*, ser levada a sério.

Do departamento especial, terá em breve seu registro em vinil, pelo selo Ataque Frontal, o **Republika**. Há tempos eles chamam a atenção do underground paulista e das centenas de punks de verdade que, creia, ainda existem. E a primeira questão é: qual a importância dessa influência e de dar continuidade ao estilo? Quem responde é Lobão (guitarra), que ganhou este apelido por uma coincidência física com o original: "O punk é eterno — a gente gira, gira e tudo tende a ficar como está. É preciso aprender a ver isso não apenas com os olhos. O punk se modifica e para perceber isso tem que se olhar para ele de outra forma. E tem uma atualidade inegável — cada vez mais se parece com este país. A mídia assimilou a moda, mas não o som". Outra coisa que difere o pessoal que, com real vigor, leva esse tipo de proposta a sério é sua relação com o público. "O palco foi feito para mostrar sua arte, e não para ser alvo de estrelato. É fundamental, para a gente, tocar e descer para beber com o público", ressalta Alê (vocal). A banda ainda conta com Kid (baixo) e Bitão (bateria).

Óbvio que o Republika não nutre esperanças de ter algum reconhecimento interno. Pretendem mandar o disco — que é uma coletânea — para o exterior e ver como ele repercute lá fora, principalmente depois da boa aceitação da recente turnê do Cólera e do disco da Patife, que se prepara para uma apresentação no Canadá. "Ah!", lembra Alê. "O que se chama de rock hoje antigamente a Difusora AM chamava de balanço. Não consigo chamar aquilo ou o que rola nas FMs de hoje de rock. Dificulta para quem está fazendo punk, hard rock, *loud fast*, ou speed metal... Enfim, quem faz o real som underground de hoje em dia."

Do departamento especialíssimo, entra o "ancião" Tonho Penhasco, chave mestra do trio **Darwin.** Tonho toca desde 67. Já passou por infinitos palcos, confrarias e arquiteturas musicais imagináveis e inimagináveis deste infinito corredor polonês que é a produção musical paulista. Representativo e influente, Tonho acompanhou palmo a palmo — com uma mão incansável em seis cordas eletrificadas — os eternos amaldiçoados Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção. Este último de fundamental importância. Quem lhe deu o choque do "Faça Você Mesmo" foi a "Sandrinha", como ele a chama, das Mercenárias.

Tonho era, essencialmente, um instrumentista. Resolveu, lá por 83, atacar o campo da composição. Grava, ouve, grava em cima, conjuga duas, três, quatro, cinco fitas, repensa, volta, faz tudo de novo — este era o esquema que combinava com sua personalidade geminiana. Tudo isso se condensou num som que é, antes de mais nada, uma colagem de todos os retalhos que Tonhão arregimentou todos esses anos. Junto a ele, dois instrumentistas de soberba competência e suingue — Marquinhos Costa (bateria) e André Sampaio (baixo). As referências são infimtas e saltam da mais que melodiosa suingada e cheia de ousadia guitarra de Tonho e seus "n" pedais. . Fora isso ele canta — e muito bem —, interpreta (ou seja, dá face cênica à música) e, ainda, gesticula. O baixo trabalha tanto com a guitarra como com a bateria — o que lhe garante uma presença ora como marcador ora como harmônico. A bateria muitas vezes contrapõe tudo e dá o tom certo para as cadeiras e pernas não ficarem paradas, porque os olhos estão, ainda, estáticos. No repertório, além das composições de punho próprio, Tonho ainda inclui as de Itamar Assumpção, Scowa (ex-Sossega Leão e atual Scowa e a Máfia), Giussepe Fripp (ex-Voluntários da Pátria), Inácio Zat e Sérgio Gonçalves (ex-parceiro de importância para este trabalho). Para os próximos shows, um arranjo para uma canção de Milton Nascimento e outra de Orestes Barbosa — que terá uma seresta transformada em blues. Sem exageros, um trio que oferece o máximo com o mínimo possível. Fiquem mais que de olho. *Sonia Maia*

O Darwin de Tonho Penhasco (centro) que, junto com Marquinhos (esquerda) e André faz power MPB de primeira linha

LETRAS

SUZANNE VEGA

LUKA

NAS BANCAS

Chick Corea e sua técnica impecável, num solo de sintetizador portátil

CHICK COREA

O pai do jazz-rock e fundador do Return to Forever agora flerta com um Synclavier...

Fofocas espalhavam-se por todos os cantos do Hotel Nacional durante o 3º Free Jazz Festival e certamente boa parte delas era dedicada à Armando Anthony Corea, o Chick Corea. Dessas, a pérola maior foi disparada por uma tradutora, murmurando para uma amiga sobre a vida desse supermago dos sintetizadores. "O Chick Corea entrou para uma seita religiosa americana, a *Church of Scientology* que mudou a cabeça dele. Dizem que, sem ela, ele não teria formado sua Elektric Band".

Obviamente, a única pessoa que pode responder é o próprio, que, pra quem não sabe, é um dos três maiores do teclado no jazz, ao lado de Keith Jarret e Herbie Hancock. "A coisa não é bem assim", diz ele, um pouco impaciente e irritado. "A *Scientology* é um estudo feito por L. Ron. Hubbard, que é um grande escritor de ficção científica. É uma ciência que pretende melhorar a vida e a cabeça dos homens, como uma terapia. Mas ela não gerou a Elektric Band. Simplesmente, quando você está bem, sua saúde e trabalho funcionam melhor. Por isso a banda atual é tão boa."

Dá pra perceber que a cabeça de Chick não é das mais simples e isso talvez seja a mola mestra dos pulos de *globe trotter* que ele deu na carreira, que se iniciou, aliás, modestamente. Ele começou em bandinhas de colégio que tocavam salsa, em Boston. "Eu ouvia muito Charlie Parker, Art Blakey, Dizzy Gillespie", conta ele. "Eu amava esse tipo de jazz e decidi que ia ser músico".

O conhecimento musical de Chick vem não só do seu estudo de música clássica (não custa lembrar que ele é concertista e compositor), mas dos pianistas que ele ouviu. Primeiro Horace Silver, que ele tentava copiar, depois Thelonius Monk e, finalmente, Bud Powell, que ele diz ter tido dificuldade para entender e cuja influência só foi absorvida no final dos anos 70. Mas, além de Powell e de inúmeros outros pianistas, Chick Corea tem influência da música flamenca e até de música brasileira, principalmente João Gilberto. Isso explica o grupo que ele formou e curtiu muito em 69, com Joao, Flora Purim, Airto Moreira, Stan Getz, Stanley Clarke e Tony Williams.

Mas a coisa que mais espanta o tecladista é sua semelhança com Herbie Hancock. "É quase como se fôssemos um espelho. Eu tocava música latina com Mongo Santamaria nos anos 60 e, seis meses depois que eu saí da banda, Herbie entrou". Alguns anos depois, a coisa se inverteu, quando Herbie saiu do grupo de Miles Davis, Chick entrou.

Chick acredita que o músico deve sempre seguir seus instintos. "O músico criativo não deve dar ouvidos a críticas e opiniões. Por isso eu não vejo a menor diferença entre um solo 'roqueiro' de sintetizador e um concerto clássico." *A D*

FICHA TÉCNICA

TECLAS EM GERAL

O primeiro instrumento mencionado por Chick é o Synclavier, um computador-sintetizador que, além de produzir sons próprios, tem um sequenciador de dezenas faixas de gravação digital. Isso explica o monitor de computador que podia ser visto nos seus shows. Ele também usa o Kurzweil 250, que, a exemplo do Synclavier, grava e toca "samplers" — amostras digitais de sons, reproduzíveis e manipuladas pelas teclas.

Ele usa um rack de oito sintetizadores DX-7, da Yamaha, mas não abandonou o famoso Fender Rhodes, uma das marcas registradas do Chick "acústico".

Assim, ele manipula tudo por três teclados: o KX-88, o portátil KX-5 e o próprio Fender Rhodes, que é um modelo capaz de fazer midi, como aliás, funciona todo o sistema sonoro de Corea.

1º Encontro Brasileiro de Bateristas

Luthier
Rua João Pereira, 69
CEP 05074 - São Paulo
Tel. (011) 832-1671

Transasom
Rua Caramuru, 918
Tel.: (011) 276-3588

Esta bateria Luthier® poderá ser sua!

E olha quem está afirmando isso:

OCTAGON speed

T-SHIRT
Zildjian
RUA EDSON, 96 BROOKLIN
F: 533-7721 - CEP 04618
SÃO PAULO - SP

TURTLE CASES
O KNOW HOW QUE ENVOLVE SEU EQUIPAMENTO
TURTLE CASES
Rua Casa do Ator, 1298
CEP 04546 São Paulo SP Tel (011) 61-1133

DRUM
ESCOLA DE BATERIA
Informe-se sobre o Curso por Correspondência
Rua Edson, 96 Brooklin CEP 04618
São Paulo SP Telefone (011) 533-7721

1º prêmio:
Uma bateria LUTHIER com dois bumbos 22", dois tons 13" e 14", um surdo 16", uma caixa 14/6 e dois pedais OCTAGON SPEED - totalmente acendiderada em lojas TURTLE CASES.

2º prêmio:
Uma bateria LUTHIER com um bumbo 22", dois tons 13" e 14", um surdo 16", uma caixa 14/6 e um pedal OCTAGON SPEED.

3º prêmio:
Uma bateria LUTHIER com um bumbo 20", dois tons 13" e 14", um surdo 16", uma caixa 14/6 e um pedal OCTAGON SPEED.

Agora, veja como participar:

Grave um solo de bateria em fita cassete de aproximadamente 2 (dois) minutos. Envie a fita, junto com o cupom de baixo para Escola de Música Drum - Rua Edson, 96 CEP 04618 - Brooklin - São Paulo SP, respeitando as normas abaixo descritas:

- O solo deverá consistir apenas de performance de bateria, sem acompanhamento de músicas, baterias eletrônicas ou qualquer outro efeito. Também não poderá haver play-back.
- O solo deverá ser de natureza original. Reproduções gravadas ou solos já escritos não serão aceitos.
- Só aceitaremos uma fita por concorrente.
- A fita deverá ser marcada com o nome do baterista, endereço e número de telefone. (marque no corpo da fita e não na caixa).
- O cupom de inscrição deverá ser remetido junto com a fita. Não envie outro tipo de material escrito, como cartas ou fotos. Se o concorrente tiver menos de 18 anos, um responsável deverá assinar por ele.
- Só participarão do concurso os cupons que chegarem em nossas mãos até 30/11/87.
- As fitas tornar-se-ão propriedade da Escola de Música Drum Ltda. e não serão devolvidas.
- Serão selecionados os 20 (vinte) melhores solos e interpretados ao vivo para julgamento em local e data pré-determinados.
- Os nomes dos finalistas serão publicados na revista BIZZ de dezembro.
- O transporte e hospedagem dos finalistas correrá por conta dos organizadores do evento.
- A qualidade de som da fita não contará pontos na escolha. Os solos serão analisados pela originalidade, técnica, imaginação e musicalidade, não importando o estilo ou gênero a ser usado.

Como fazer sua inscrição:
Aos candidatos, será cobrada uma taxa de Cz$ 600,00 (seiscentos cruzados), que deverá ser anotada a Escola de Música Drum Ltda. em forma de cheque nominal e cruzado. Enviaremos ao concorrente o Certificado de inscrição, um adesivo e uma camiseta Zildjian inteiramente grátis. As inscrições também poderão ser feitas diretamente na Escola de Música Drum Ltda., bem como a gravação do solo em seu estúdio.

Envie este cupom junto com a fita para:
Escola de Música Drum Ltda
Rua Edson, 96 Brooklin CEP 04618
São Paulo SP
BIZZ 28
DRUM

Nome _____
End _____
Cidade _____ CEP _____
Estado _____ Tel _____

O santuário da música negra americana, hoje uma casa-fantasma onde ainda ecoam aquelas vozes mágicas

AIR MAIL ESPECIAL

Em Detroit, Michigan, a barra é pesadíssima. É uma das cidades mais violentas dos EUA — pau a pau com Miami e Los Angeles. A indústria automobilística está em recessão há anos — cortesia dos orientais. Os desempregados caem na "rua" um intrincamento de terras desoladas, cemitérios de automóveis, viadutos e acumulações de detritos — e só lhes resta o método do Colt Ou da navalha.

Há quem não se espante com os tiroteios, como Aretha Franklin, que não larga Detroit por cidade nenhuma. Mas a maior relíquia é mesmo um local de peregrinação absolutamente sagrado para popofilos de todos os matizes. É a sede da Motown, a antiga, a original, em 2460 West Grand Boulevard, à vista do gigantesco edifício ao começo do século 20 da General Motors. Lá está a casinha branca, de portas e janelas azuis, com uma vitrine e a inscrição "The Motown Sound". Acima, a definição, da Motown de Detroit, especialmente no auge de 62 a 71 "Hitsville USA". A Motown era a fábrica de hits.

Hoje, a minúscula casinha onde Berry Gordy, em 59, com 700 dólares, fundou o negócio negro de maior sucesso na história americana é apenas um pequeno museu. Displays de discos, posters, pilhas de singles, o estúdio apertado de onde saíam milagres das vozes dos Temptations, Supremes, Marvin Gaye, Smokey Robinson, Four Tops, Stevie Wonder, Martha & the Vandellas. A Motown se mudou para L.A. nos anos 70, no luxo e na estagnação criativa.

Hoje, a casinha branca só tem alguns velhos arquivos e uma *tour* melancólica, todas as sextas-feiras, que dura menos de uma hora. Mesmo assim, todos os dias vêm ônibus entupidos de gente, só para olhar aquela casinha onde está escrito o mítico "Hitsville, USA". É uma melancolia semelhante à das enormes filas de desempregados, os excluídos pela indústria automobilística que era uma das glórias da superpotência imperial.

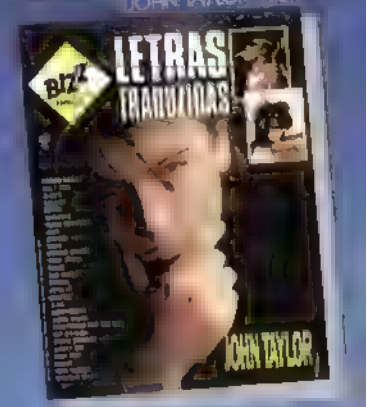
Além da casinha, espalhados pela terra desolada de Detroit, sobrevivem outros sinais mofados de um tempo de glória. No Bert's, um barzinho perto do rio Detroit, um velho saxofonista pode ser encontrado em finais de tarde exorcizando sons que imediatamente nos remetem a "Heatwave" ou "Tears of a Clown". No bar do Cadillac Hotel — esplendido nome —, a banda residente não aguenta tocar três minutos de jazz sem enfiar no meio um sutingue da Motown. Correndo os EUA, uma vez ou outra aparecem nos subúrbios "reviews da Motown", com Martha Reeves, das Vandellas, por exemplo, ainda mandando ver no gogó um "Dancin' in the Street" de fazer corar Jagger e Bowie.

De qualquer maneira, a visita à West Grand Avenue é emocionante. No segundo andar da casinha, dá para apenas sonhar com a ação nos anos 60, quando era o centro nervoso da gravadora. Dá para imaginar Marvin Gaye entrando na sala para discutir com Barry Gordy, Diana Ross em mais um acesso de estrelismo, o vice-presidente Smokey Robinson sendo chamado à última hora para salvar um potencial hit, os Temptations trocando harmonias e piadas, Holland-dozier-Holland encontrando mais uma "bridge" mágica.

Depois da visita à casinha, entrei no carro e tocava Temptations na WLLZ, a "Detroit sobre rodas", a extranostálgica e melhor rádio local. É essa mesma a essência imaterial de que são feitos os sonhos. Para eternos motowneiros, antes da um dia inevitável peregrinação à mini Meca, fica uma sugestão de leitura: *Where Did Our Love Go? - The Rise and Fall of the Motown Sound*, de Nelson George (Nova York, ST. Martin's Press, 9 dólares e 95). Onde foi parar nosso amor? Quem sabe Marvin Gaye, lá no céu, tenha a resposta.

Pepe Escobar

AS MELHORES LETRAS DOS ÚLTIMOS TEMPOS, TRADUZIDAS.



Compre todas de uma vez ou peça só as que você ainda não tem

BIZZ

Desejo receber pelo reembolso postal os números atrasados assinalados com um 'X' pelo preço da última edição em banca mais despesas postais, que pagarei ao retirar no correio.

EDIÇÃO 9C [ ] 2A [ ] 15A [ ] 18A [ ] 21A [ ]

Nome _____ CEP _____

Endereço _____

Cidade _____ Estado _____

BIZZ 28

Envie para: Revista Bizz, Editora Azul, "Números Atrasados" Estrada Velha de Osasco nº 139, Jardim Tereza, Osasco SP CEP 06040

Por *Ana Maria Bahiana*

Sakamoto, por fora do esquema

De Tóquio, nossa correspondente, depois da cobertura do início da turnê de Michael Jackson, coleccionou estes instantâneos da cultura japonesa. Diretamente da zona de choque entre a tradição milenar e a modernidade ofuscante...

* * *

Como tudo no Japão, a música é regida por um rigoroso planejamento de mercado. Há artistas e espetáculos para crianças, adolescentes, jovens, adultos e adultos maduros. Impensável consumir a música da faixa etária "errada", raríssimo o artista que atravessa esse sistema e atrai público misto — Michael Jackson foi um deles, atraindo análises surpresas da imprensa japonesa. Com uma intensa e volátil curiosidade por tudo o que é estrangeiro — para ser admirado, consumido e prontamente descartado — o jovem Japão tem tudo uma excelente oferta de turnês de astros pop de todo calibre e estilo — mas, para um consumo constante e sistemático, dá preferência a seus próprios astros, num rigoroso sistema de substituição de importações.

Brilhantes exceções à parte, essa música japonesa "moderna" é rigorosamente desinteressante, tão desinteressante quanto deve ser para um inglês nosso rock brasileiro. Para os adolescentes existem os "adoru kashu", ídolos (adorus) engraçadinhos — uma profusão de meninos de traços orientais. Para os jovens, rock em abundância, copiado ponto por ponto, do corte de cabelo ao ritmo da beat box, dos principais estilos anglo/americanos. Em setembro, disputando a parada com o "Bad" de Michael Jackson havia a banda Boowy, na linha Cure/Echo & the Bunnymen/New Order; os Bobby Boys, versão nipônica dos Pet Shop Boys, e Takako Akamoto, um Bruce Springsteen/John Cougar Mellencamp do Sol Nascente.

Adultos jovens são atendidos com a "kayokyoku", a música popular japonesa, principalmente com as diversas bandas e artistas de jazz e fusion, como Casiopea e Sadao Watanabe (é nesse mercado que entram, também, os artistas brasileiros). Adultos maduros têm a "enka", a baladaça à moda de Roberto Carlos, e todos os cantores-lamê que têm direito.

* * *

Ruuychi Sakamoto é, evidentemente, a exceção das exceções; e seu público não tem, ainda, definição no estratificado vocabulário japonês. Serão talvez os "jovens de galeria", como definiu a revista Kin-Kon-Kan, uma das muitas árbitras do bom gosto jovem nipônico. Os "jovens de galeria" têm amigos gaijin (estrangeiros), falam inglês, são viajados, têm gosto sofisticado e estilo de vida independente, burlando o esquema família-escola-trabalho, frequentam basicamente (em Tóquio) os expresso-bars de Roppongi e Aoyama e moram em espaçosos lofts convertidos em apartamentos-gigantes no antigo bairro portuário de Shiba/Takanawa.

* * *

País sem analfabetos, o Japão tem bancas de revistas que são um delírio editorial, títulos para todos os gostos, sobre coisas tão diferentes quanto criação de trutas, golfe ou programação de rádio. As adolescentes ficam com as "manga", os romances ilustrados onde as heroínas são sempre louras de olhos azuis e onde o sexo é livre e explicitamente desenhado. Sobre música e moda, os títulos são dezenas, inclusive muitas no estilo Face, como a feminina An-An e a masculina Dansen, basicamente ocupadas com moda, gadgets eletrônicos e o uso da expressão "let's" em títulos como "let's modern life style"

* * *

Cinema não é um programa prioritário no Japão de hoje: com excelentes videocassetes instalados em seus minúsculos apartamentos, os japoneses preferem ver os filmes que querem, na hora em que desejam, em casa mesmo.

* * *

Na TV, os ídolos são os comediantes, os apresentadores de programas de jogos (tipo Silvio Santos) e Katsuya Kobayashi, que apresenta o campeão de audiência entre dezenas de programas de videoclips, "Best Hits USA" (e faz a locução em inglês impecável de vários comerciais de TV: é símbolo de status ter uma frase em inglês encerrando um anúncio). Nos programas de humor, o novo Japão ri sistematicamente do velho Japão: no programa *Katochan Kin*, que reúne a dupla de humoristas mais famosa do Japão, o assunto quase sempre é o antigo país dos samurais, dos rituais de suicídio, das comidas "esquisitas", das preces aos antepassados.

Sexo também não é problema, nem na TV nem na vida real. Na TV, depois das 11 horas, a pornografia leve ou pesada é onipresente, e pontua, por exemplo, programas de clip como *Wild Life*, com "clips" de soft pornô. Na vida real, a paranóia da AIDS ainda não bateu: é coisa de gaijin, dizem os japoneses, seguros de que sua auto-suficiência irá, mais uma vez, proteger de todo mau estrangeiro as orgulhosas ilhas do Sol Nascente.

Serviço ao Assinante

BIZZ

Você tem alguma dúvida sobre sua assinatura?

Utilize estes telefones:

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

SÃO PAULO
Das 8:00 às 18:00 (ininterrupto)
Fone: (0 11) 823-9222
RIO DE JANEIRO
Das 8:00 às 18:00 (ininterrupto)
Fone: (021) 295-5544
RECIFE
Das 8:30 às 12:30 e das 14:00 às 18:00
Fone: (081) 224-0655
SALVADOR
Das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00
Fone: (071) 247-1022
[illegible]
Das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 18:00
Fone: (031) 275 2255
PORTO ALEGRE
Das 8:30 às 12:00 e das 14:00 às 18:30
Fone: (05 2) 33-9034
CURITIBA
Das 8:30 às 12:00 e das 14:00 às 18:30
Fone: (041) 363 3013
BRASÍLIA
Das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 18:00
Fone: (06) 226-6963
FLORIANÓPOLIS
Das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00
Fone: (0482) 44-7980
GOIÂNIA
Das 9:00 às 11:00 e das 14:00 às 17:00
Fone: (062) 261 33 1

Você mudou de endereço?
Envie este cupom, comunicando seu novo domicílio, para
EDITORA ABRIL ASSINATURAS
Caixa Postal 11 830, CEP 01139, São Paulo, SP

COLE AQUI SUA ETIQUETA DE ENDEREÇAMENTO ANTERIOR.

Atenção: Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 3 semanas após recebermos o seu pedido.

Não preencha este espaço
Entrega
Reforço
Novo endereço
Bairro
Cidade
CEP
Estado

PATTI SMITH
HORSES (1975)

Ao contrário do que muita gente pensa, um ano de grandes discos — *Physical Graffiti* (Discoteca Básica de BIZZ 1...), *Natty Dread* (BIZZ 14...), *Radio Activity* (BIZZ ...9), *Another Green World* (BIZZ 27), *Live!* (Marvin Gaye), *Siren* (Roxy Music) e *Young Americans* (Bowie).

Todos estes, porém, de grandes artesãos pop em plena maturidade. O que tem essa estréia de Ms. Smith para entrar de sola, em pé de igualdade com esses (veneráveis) medalhões e virar a mesa?

Ms. Smith, para começar, não tinha mais nada de verde ou inocente (28 anos no lançamento de *Piss Factory*, seu primeiro compacto, independente, em 74). A mitificação "Alta Sacerdotisa do Punk", que acabaria recebendo, é uma camisa-de-força insuficiente para englobar os 1002 universos de suas obras — musicais e/ou poéticas — e toda a influência sobre a geração posterior. Sem ela, não existiriam nem os Banshees nem o U2, para citar só os mais disparatados entre si.

Back to 75. Apesar de bem recebido pela crítica, toda a baba do ano escorreu em cima de *Born to Run*, manifesto beat requentado do *big boss* Bruce. Patti já era conhecida do meio — desde 71 fazia críticas e entrevistas para as revistas *Creem* e *Rolling Stone*. Tinha três livros de poesia publicados. De vez em quando fazia uma noitada na igreja de St. Mark, no Bowery, declamando seus escritos com acompanhamento da guitarra de Lenny Kaye, colega de jornalismo musical e especialista em reggae e psicodelismo de garagem (foi, mais recentemente, o compilador da série de coletâneas *Nuggets* e *Pebbles*, inventário do melhor *trash* feito nos EUA, nos 60).

Piss Factory ("Fábrica de Mijo") causara um furor no pequeno circuito que se formava no Bowery — a new wave nascente.

Consta que Lou Reed teve de gastar muita saliva para convencer Clive Davis, presidente do selo Arista, a contratar o que já era a essa altura a Patti Smith Band (além de Kaye, Richard Sohl, piano; Ivan Kral, guitarra e baixo; e Jay Dee Daugherty, bateria).

Horses abre com Patti declamando sobre o piano de Sohl: "Jesus morreu pelos pecados de outras pessoas, pelos meus não" espessa, pedra quente — meu pecado é só meu, eles pertencem a mim". Vai entrando a guitarra de Kaye, punkificando um riff de três acordes que é "Gloria" — original de Van Morrison (1965) que representa para o pop o que *Lolita* é para a literatura. Uma colegial que não tem medo nem vergonha de sair atrás do que deseja. Patti estende, estica, entra em detalhes e revira a letra, entrando na mente de Gloria e deixando para trás a de Morrison, o autor. (Há outra versão, improvisada pelos Doors numa "passagem de som" e que só viria à tona com o lançamento de *Alive! She Cried*, há uns cinco anos.)

"Está na hora de decifrar o que aconteceu nos anos 60, estou trabalhando nesse elo", ela resumiria em 76, no lançamento de *Radio Ethiopia*, dedicado a Rimbaud, Jim Morrison e à rainha de Sabá. Mais que um elo, *Horses* é fio de meada. Mas não era o que ela esperava da produção do ex-Velvet John Cale. "Tudo o que estava procurando era alguém que entendesse o lado técnico das coisas. Acabei com um artista totalmente maníaco".

O delírio alucinatório dos poemas remixados a várias vozes passeia ainda pelo reggae e longos épicos como "Birdland" (morte e ascensão de um pai fazendeiro) e os três atos de "Land", a história de Johnny — uma iniciação surrealista em sodomia, drogas pesadas, incesto, autoflagelação... —, que a sacerdotisa/poetisa intercala com a história do próprio rock'n'roll. Para desembocar em "Elegie", evocação dos mártires dos anos 60, que ela conheceu pessoalmente: Morrison, Brian Jones, Jimi e Janis. Desce o pano.

J.A.L.

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria: Angelo Rossi, Edgard de Silvio Faria, Roberto Civita

BIZZ

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO
Editor Chefe: Alex Antunes
Editor Executivo: [illegible] Wagner Pereira [illegible]
Editora Assistente: Bia Abramo
Redação: [illegible] Pappon
Reportagem: [illegible]
Coordenação de Produção: [illegible] Ismael Assan

ARTE
Editor: [illegible]
Chefe de Estúdio: [illegible]
Diagramadores: Maria Amélia de Azevedo, [illegible]
Arquivo e Pesquisa de Fotos: [illegible]

Atendimento ao Leitor: Marisa Adán Gil
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Pepe Escobar (Milão), Cesar G. Lima e [illegible] (Paris), Eva Joory (Londres)
Colaboradores
Texto: José Augusto Lemos (consultor), Anamaria Guimarães de Lemos, Antonio Querino Neto, Arnaldo Dinis, Arthur G. Couto Duarte, Carlos Albuquerque, Celso Sales Pinto, Fernando Naporano, Jean-Yves Neufville, Leopoldo Rey, Livio Tragtenberg, Luiz Antonio Giron, Marcel Plasse, Marisa Adán Gil, [illegible], Walter Silva
Revisão e Preparação de Texto: Crivo Editorial Ltda.
Arte: Angelo Assan, Murilo Rodriguez de Mello, Renato [illegible] (diagramação)
Fotos: [illegible], Claudia Thompson (New York), Eva Joory (Londres), [illegible], Hamilton Penna Filho, [illegible]

Diretora Responsável: Liege de Lima Dória Castelo

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
Gerente: Julio Cesar Ferreira
Contatos: [illegible] (Rio), Carlos [illegible], Claudia Rosenthal, Márcia Andrade, [illegible] (São Paulo)
Produção Gráfica-Publicidade-Gerente: Paulo Luchesi

SERVIÇOS EDITORIAIS
Press: [illegible] Escritórios: Milão: [illegible] Nova York: [illegible] Paris: [illegible]
Departamento de Documentação: Cedoc. Gerente: [illegible]
Serviços Fotográficos: Gerente: Pedro Martinez

COMERCIAL
Diretora Circulação: Vera Helena Mendes Gomes
Promoção: [illegible] Mendonça, Rio
Assistente de Circulação: [illegible]
Assistente de Propaganda: Rosana Aparecida [illegible] Almeida

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, [illegible] e Pedro [illegible]
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araújo

BIZZ ... São Paulo. Redação, Publicidade e Correspondência ... Telegramas ... Rio de Janeiro ... Distribuidor em Portugal ... Assinatura anual ... Números atrasados

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

DESCUBRA A MAGIA DO SURF

O CONTATO É DIRETO. A FORÇA É IMENSA. A ADRENALINA É TOTAL. TUDO É E ESTÁ EM MOVIMENTO. CADA MOMENTO É ÚNICO, ESPECIAL. SERÁ QUE DEU PARA EXPLICAR POR QUE O SURF É O ESPORTE QUE MAIS CRESCE NO MUNDO?

REVISTA FLUIR

SURF É FLUIR

Stamp®

Ref. 330 Cor: Br
Ref. 312 Cor: Pr
Ref. 326 Cor: Pr
Ref. 332 Cor: Br
Ref. 327 Cor: Pr
Ref. 319 Cor: Pr
Ref. 310 Cor: Br
Ref. 316 Cor: Br
Ref. 323 Cor: Br
Ref. 245 Cor: Br-Am.cl.
Ref. 329 Cor: Pr
Ref. 324 Cor: Br
Ref. 325 Cor: Br-Am.cl.
Ref. 314 Cor: Pr
Ref. 320 Cor: Br-Pr
Ref. 331 Cor: Br
Ref. 321 Cor: Br
Ref. 226 Cor: Br
Ref. 318 Cor: Az
Ref. 241 Cor: Br
Ref. 243 Cor: Az-Vd-BR
Ref. 272 Cor: Br
Ref. 274 Cor: Br-Pr
Ref. 255 Cor: Pr
Ref. 264 Cor: Br
Ref. 201 Cor: Az-Vd-Vm
Ref. 214 Cor: Br
Ref. 205 Cor: Az-Vd
Ref. 236 Cor: Pr
Ref. 271 Cor: Pr
Ref. 242 Cor: Br-Pr
Ref. 223 Cor: Br
Ref. 249 Cor: Br
Ref. 266 Cor: Az-Pr-Vm
Ref. 322 Cor: Pr
Ref. 285 Cor: Br
Ref. 232 Cor: Az
Ref. 261 Cor: Br-Pr-Az-Vm
Ref. 253 Cor: Pr
Ref. 276 Cor: Br-Pr
Ref. 234 Cor: Br-Az
Ref. 228 Cor: Pr
Ref. 218 Cor: Pr
Ref. 294 Cor: Az
Ref. 283 Cor: Br
Ref. 292 Cor: Pr
Ref. 237 Cor: Pr
Ref. 313 Cor: Pr
Ref. 314 Cor: Pr
Ref. 315 Cor: Az
Ref. 317 Cor: Br
Ref. 217 Cor: Pr
Ref. 303 Cor: Pr
Ref. 304 Cor: Pr
Ref. 305 Cor: Br
Ref. 311 Cor: Pr
Ref. 328 Cor: Pr

Ref. 254 Cor: Br-Pr
Ref. 270 Cor: Br-Pr
Ref. 306 Cor: Pr
Ref. 256 Cor: Pr
Ref. 235 Cor: Pr
Ref. 280 Cor: Br-Pr
Ref. 251 Cor: Pr
Ref. 309 Cor: Br
Ref. 267 Cor: Br-Pr
Ref. 301 Cor: Pr
Ref. 299 Cor: Br
Ref. 300 Cor: Br
Ref. 231 Cor: Az-Vd
Ref. 263 Cor: Br-Am.cl
Ref. 277 Cor: Br-Pr-Az
Ref. 297 Cor: Br-Am.cl
Ref. 269 Cor: Vd-Az
Ref. 230 Cor: Br
Ref. 239 Cor: Br
Ref. 250 Cor: Br-Pr
Ref. 260 Cor: Pr-Az-Vm
Ref. 287 Cor: Br-Pr
Ref. 258 Cor: Br-Pr
Ref. 302 Cor: Br
Ref. 262 Cor: Vm-Az
Ref. 308 Cor: Vd-Az-Pr
Ref. 257 Cor: Az-Pr
Ref. 307 Cor: Br
Ref. 264 Cor: Br-Am.cl
Ref. 206 Cor: Br-Vd-Az
Ref. 240 Cor: Br
Ref. 283 Cor: Vd
Ref. 233 Cor: Az
Ref. 238 Cor: Br
Ref. 281 Cor: Az-Pr-Br
Ref. 289 Cor: Br
Ref. 290 Cor: Br-Am.cl.
Ref. 291 Cor: Pr
Ref. 225 Cor: Br
Ref. 278 Cor: Br
Ref. 215 Cor: Az-Pr-Vd
Ref. 224 Cor: Br-Az-Vd
Ref. 286 Cor: Br

LANÇAMENTO

NOVA CAMISETA!

MALHA ESPECIAL

- Confecção exclusiva - Acabamento perfeito.
- Estampas impressas em Silk-Screen com tinta de alta qualidade e longa durabilidade.
- Modelagem grande.
- Malha com fio penteado e tratamento mercerizado - Não encolhe nem alarga.
- Tecido com tingimento reativo - Não desbota.
- 100% algodão.
- Tamanhos P, M ou G.

Preço: Cz$ 700,00 cada camiseta.

Preço válido até a próxima edição da revista BIZZ

Ref. 222 Cor: Vd
Ref. 247 Cor: Br
Ref. 273 Cor: Pr
Ref. 295 Cor: Br
Ref. 296 Cor: Br
Ref. 279 Cor: Br-Am.cl.
Ref. 259 Cor: Pr
Ref. 298 Cor: Br

ATENÇÃO

- Seu pedido será entregue na agência do correio mais próxima de sua casa. Você receberá um aviso do correio para buscar sua encomenda, tendo 10 dias para retirá-la.
- Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL, você terá 10% de desconto (veja explicações abaixo) pagando apenas as despesas postais.
- Não é preciso enviar o cupom abaixo. Faça seu pedido em carta semelhante ao cupom. Não há limite de quantidade.
- Temos pronta entrega e preços especiais para revendedores.
- Preencha corretamente: ENDEREÇO, REFERÊNCIA, COR, TAMANHO e VALOR TOTAL DA ENCOMENDA.
- SÓ FAÇA O PEDIDO NA CERTEZA DE RETIRÁ-LO.

Este adesivo em papel laminado dentro de cada embalagem. Para vidro ou painel à sua escolha.

GRÁTIS Stamp

DESCONTO 10%

Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL à STAMP, ganhe 10% de desconto no valor total de seu pedido (qualquer quantidade). Preencha o Cheque ou Vale Postal já com o desconto calculado. Para enviar Vale Postal, é só pedir um em qualquer agência do correio e preencher da seguinte maneira: AGÊNCIA PAGADORA: SHOPPING CENTER NORTE - CEP 02096 - CÓDIGO 403369 - SÃO PAULO - SP - DESTINATÁRIO: STAMP. Coloque o VALE POSTAL junto com seu pedido dentro do envelope escrevendo por fora o endereço da STAMP. (ver endereço no cupom ao lado).

Estou enviando agora junto com este cupom, pagamento à vista em
☐ Cheque ☐ Vale Postal no valor de Cz$
☐ Prefiro pagar ao recebê-los(as), comprometendo-me a retirá-lo(s) no correio ao preço de Cz$ mais despesas postais.

REF.	COR	TAM.	REF.	COR	TAM.

Nome
End.
Est. Cidade CEP

Envie este cupom ou cópia para STAMP, Rua Emb. João Neves da Fontoura, 158 - CEP 02013 - Santana - São Paulo - SP.

TEL.: (011) 299-7478 **HORÁRIO: 2.ª a 6.ª das 8:00 às 17:30 hs.**

CARTAS E SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

T.REX DO COMEÇO AO FIM

Gostaria de saber a discografia do grupo T.Rex, de Marc Bolan. **Durval Gomes Viana, São José do Barreiro — SP**

Apesar da morte prematura do líder Marc Bolan — num acidente de carro, em setembro de 77 —, o grupo T.Rex deixou para trás uma vasta discografia. O vocalista e guitarrista Marc Bolan formou, em 67, com o percussionista Mickey Finn, o Tyrannosaurus Rex. The Beginning of Doves *é o álbum de estréia, que já conta com a "mãozinha" do produtor Tony Visconti — uma espécie de terceiro membro do grupo. Seguem-se* My People Were Fair and Had Sky in Their Hair e Prophets, Seers and Sages and the Angels of the Ages, *ambos de 68. Com apenas dois integrantes fixos e vários convidados especiais, grava* Unicorn *(69) e* A Beard of Stars *(70), seguidos pelo LP* Lunacy Is Back *(70). Nesse mesmo ano, Marc Bolan decide abreviar o nome do grupo e lança mais um LP:* T.Rex *é o primeiro disco a ser lançado aqui no Brasil. Em 71, sai uma coletânea —* The Best of T.Rex. *A consagração definitiva das composições acústicas e do visual glamouroso de Bolan viria com o álbum seguinte,* Eletric Warrior *— também lançado no Brasil, a exemplo da coletânea* Bolan Boogie *e do LP* The Slider, *lançados em 72. Seguem-se as compilações* Double Back e Great Hits, *do mesmo ano, inéditas por aqui. 73 é o ano de* Tanx, *outro lançamento nacional, ao lado de* Zinc Alloy and the Riders of Tomorrow *(74). Mais coletâneas:* The Words and Music, The Beginning of Doves e Light of Love, *todas de 74.* Bolan's Zip Gun *(75) e* Futuristic Dragon *(76) são os álbuns seguintes. A última gravação do T.Rex é* Dandy in The Underworld *(77), precedido pela coletânea* Get It On. *O fim do grupo detona o lançamento de uma avalanche de coletâneas, que reúnem compactos, músicas antigas e gravações inéditas de Bolan e Finn, além de amostras do trabalho solo de Bolan, com arranjos superpostos às gravações originais — que contavam apenas com um violão e a voz de Bolan. A única delas a chegar por aqui foi* You Scare Me to Death, *de 81, lançada recentemente pela Continental. Segue-se a "listinha" das compilações que continuam inéditas no Brasil:* A Beginnings *(77),* Bolan's Best + 1 *(77),* T.Rex with Marc Bolan — Volume 1 *(78),* Solid Gold *(79),* The Unootainable T.Rex *(80),* T.Rex in Concert *(81),* Platinum *(81),* Mellow Love *(EP, 82),* Depth Charge *(82),* Dance in the Midnight *(83),* Byond the Rising Sun *(84),* A Crown of Jewels *(85),* T.Rextasy *(85) e* The Best of 20th Century Boy *(85). Para 87, está previsto o lançamento de mais três coletâneas, reunindo todos os compactos do grupo, com o nome de* The History of T.Rex 1967-77.

LIXO NO AR

Aí, pessoal da revista BIZZ, venho através desta fazer uma reclamação sobre nossas rádios. Só dá lixo, que vergonha! Com exceção da FM 97 e da 89 FM, o resto é horrível. Será que é difícil uma rádio fazer uma programação adulta, que inclua bandas novas que estão fazendo a revolução musical? Esses grupos, que precisam de uma chance, não tocam nas rádios por preconceito, medo de perder os babacas dos ouvintes. Como podem boicotar a música do próprio país? Outra coisa: vamos parar de ser hipócritas. Quando a Siouxsie estava para vir ao Brasil, rádios que nunca tinham tocado o grupo começaram a fazer especiais. A mesma coisa aconteceu com o Cure, Echo, PIL e BAD e vai acontecer com os outros que virão no grande país do cruzado chamado Brasil. **Josivam Andrade. São Paulo — SP**

O Brasil passa por uma boa fase musical, depois de um certo impulso do Rock in Rio. Mas algumas FMs parecem não enxergar isso e continuam a tocar altas babaquices, como Madonna, Dominó, Fábio Júnior e balanços ridículos. Temos só uma rádio que se salva nesse meio todo, a FM 97, de Santo André, que incentiva o rock nacional e toca coisas de boa qualidade do cenário internacional. Quanto às outras FMs, está na hora de se tocarem, está na hora de amadurecer. **Ricardo Custódio, São Paulo — SP**

Li na BIZZ 21 a carta do leitor Fabiano, que reclamava da falta de espaço nas rádios para os bons grupos independentes. Seguindo seu exemplo, liguei para a FM 97, de Santo André, e perguntei por que a rádio não tocava mais os independentes. O cara que me atendeu disse que o problema não era da rádio, e sim das gravadoras independentes, que ultimamente tinham parado de divulgar os discos. Disse ele também que os músicos independentes não são solicitados pelos ouvintes. De fato, a rádio já atendeu muitos dos meus pedidos. Porém, nas vezes que pedi Mercenárias e Fellini, fui ignorado. Não dá nem pra acreditar que, por volta de 84 e 85, a 97 só tocava, praticamente, os músicos independentes. Seria bom que a BIZZ publicasse a minha carta e procurasse esclarecer quem são os culpados por essas discriminações. **Sidney Linhares, São Bernardo do Campo — SP**

Sentiram a barra? Os motivos que levam os programadores de rádio a não tocar independentes, ou ter sua programação coberta em 90% pelo que rola no mainstream, *são realmente desconhecidos. Não se sabe que forças ocultas influem nessas restrições. Poderíamos arriscar que — pelo menos em relação a São Paulo, detentor de 50% do mercado fonográfico brasileiro — a força da grana parece ser o fator mais influente na hora de decidir quem vai ou não para a programação. Enfim, entra a música que "satisfaz" a massa e, conseqüentemente, os anunciantes, responsáveis pelo chumbo grosso que sustenta uma rádio. Mas essa história de justificar o péssimo incentivo à cultura por causa da nossa pobreza já se tornou carne de vaca. Esses protestos ficam como argumentos para o pessoal das rádios perceberem que o ouvinte não é tão ignorante quanto eles desejam.*

Dolphin

Tudo o que você gostaria de saber sobre guitarras, mas não tinha a quem perguntar.

EVITANDO ACIDENTES

Eis alguns cuidados para que seu instrumento continue bonito e funcional por muito tempo:

ARMAZENAGEM: guarde o instrumento em seu estojo, de preferência rígido, quando não o estiver usando. Isto o protege de sofrer extremas variações de temperatura e de umidade que ocorre durante o dia e ainda reduz as chances dele ser derrubado, riscado ou danificado de qualquer forma. Conserve-o longe das fontes de calor, como janelas, aquecedores, etc. Calor e umidade podem danificar o acabamento ou a estrutura de um instrumento, mesmo que dentro do estojo.

ARMAZENAGEM PROLONGADA: muitos instrumentos são danificados quando guardados por longo tempo com as cordas em tensão de concerto. Além das recomendações do parágrafo anterior, o instrumento deve ser desafinado (pelo menos uma oitava) para evitar a combinação de tensão com calor excessivo, possíveis numa armazenagem prolongada. Normalmente, o melhor lugar para guardá-lo é num armário não adjacente a uma parede externa ou debaixo da cama.

POEIRA: a poeira pode indiretamente danificar seu instrumento devido ao seu poder de reter a umidade. Mantenha-o sempre livre de pó. O melhor remédio para isso, é mantê-lo dentro do estojo quando não estiver em uso. Se estiver empoeirado, adapte uma pequena mangueira em seu aspirador e mãos a obra.

SUBSTÂNCIAS PERIGOSAS: desconfie de tudo que vai entrar em contato com a superfície de seu instrumento. Existem líquidos, como benzina, álcool e acetona que podem atacar a pintura. Para lustrar, use um produto confiável - de preferência aos formulados para instrumentos musicais - flanelas limpas e macias. Para retirar grandes sujeiras, o melhor é água e sabão neutro e depois um lustrador.

CORDAS: use sempre as cordas com a tensão recomendada pelo fabricante. Normalmente a desobediência a esta regra leva a invalidação da garantia. Cordas com a tensão acima daquela projetada pelo fabricante podem causar danos irreparáveis ao instrumento.

CONCLUSÃO: submeta seu instrumento à atmosfera em que você se sentiria confortável.

Qualquer dúvida, consulte-nos.

DOLPHIN IND. E COM. DE INSTRUMENTOS MUSICAIS LTDA.
Av. Nossa Senhora do Sabará, 3771
CEP 04447 - São Paulo - SP.

Camisetas, jaquetas, toalhas de mesa, cartazes e todo tipo de papel ou pano, podem agora ter estampada qualquer foto ou ilustração de revistas, capas de disco ou posters que você quiser. Você já imaginou o sucesso que você fará com uma camiseta estampada com aquela ilustração tão linda que você viu na revista, ou na capa do disco com seu ídolo ou grupo musical?
Isso você mesmo pode fazer, EM APENAS 1 MINUTO, SEM O USO DE TINTAS E NEM DE PINCEL. A perfeição é inacreditável e a estampa permanece para sempre. Não mancha, nem descora.
CONHEÇA O INÉDITO COLOR-FIX!

VEJA COMO É FÁCIL

Você ficará surpreso com a facilidade que encontrará, e a perfeição atingida, logo na 1ª vez que executar o trabalho. Não se trata de curso. Você começa a estampar camisetas a partir do momento em que estiver de posse do COLOR-FIX.

1º) Você passa COLOR-FIX no lado da camiseta em que você quer que apareça a estampa.
2º) Coloca a camiseta sobre a foto da revista, poster ou capa de disco.
3º) Passa o ferro de passar roupas por alguns segundos, como se estivesse passando a camiseta.

Pronto! Não sai nunca mais a estampa, do jeito que está na fotografia.

GANHE MUITO DINHEIRO

Aproveite o segredo do COLOR-FIX para ganhar muito dinheiro. Absolutamente sem nenhum capital, você terá seu próprio negócio, ou então poderá multiplicar sua renda mensal, apenas nas horas de folga. É um trabalho para ambos os sexos, bastando ter apenas a vontade de vencer, característica indispensável para quem quer alcançar o êxito, o sucesso e o bem estar.

EXCLUSIVIDADE

Você vai aprender também, a fazer aparecer em uma camiseta ou jaqueta, a sua própria foto, no tamanho que você quiser que fique. Tudo isto em apenas 1 MINUTO. É FANTÁSTICO!

ATENÇÃO: Poucas pessoas terão o privilégio de possuir o segredo do COLOR-FIX, pois o fornecimento é limitado. DECIDA JÁ! Não deixe para depois e garanta já esta grande oportunidade. Com o segredo do COLOR-FIX você fará centenas, milhares de estampas em camisetas, jaquetas, etc. Pense no quanto você poderá lucrar com isto, e aproveite já esta grande oportunidade que a **EXPORT FASHION** está lhe oferecendo.

Envie hoje mesmo o seu pedido e comece a ganhar dinheiro amanhã. Você receberá todas as explicações detalhadas, necessárias para aproveitar ao máximo o incrível COLOR-FIX.

PROMOÇÃO ESPECIAL
Adquirindo o segredo do COLOR-FIX através de cheque nominal ou vale postal, você terá direito a um desconto especial de 50%, e recebe sua encomenda em 10 dias.

CERTIFICADO ESPECIAL DE RESERVA

COLOQUE O CEP CORRETAMENTE PARA AGILIZAR A REMESSA E PREENCHA A MAQUINA OU EM LETRA DE FORMA LEGÍVEL

OBS.: NÃO SE ESQUEÇA DE COLOCAR O VALE POSTAL OU CHEQUE NOMINAL NO ENVELOPE JUNTAMENTE COM O CUPOM.

Solicito à **EXPORT FASHION**, *o envio do segredo do COLOR-FIX, ao qual pagarei da seguinte forma: (Assinale com um "X")*

- ☐ **CHEQUE NOMINAL:** Estou enviando juntamente com este cupom, um cheque nominal à **EXPORT FASHION**, com direito a um desconto especial de 50%, portanto no valor de Cz$ 348,00 sem mais despesas.
- ☐ **VALE POSTAL:** Estou enviando juntamente com este cupom, um vale postal, com direito a um desconto especial de 50%, portanto no valor de Cz$ 348,00 sem mais despesas.
  INSTRUÇÕES PARA O ENVIO DO VALE POSTAL:
  Peça no Correio e preencha da seguinte forma:
  Ag. Pagadora: Agência Central - Cód. 400009 - CEP 01051 - São Paulo - SP.
  A favor de: **EXPORT FASHION - CAIXA POSTAL 7758 - SÃO PAULO - SP**
- ☐ **REEMBOLSO POSTAL:** Pagarei somente ao retirar o segredo COLOR-FIX no Correio, no valor de Cz$ 696,00, mais as despesas postais.

BIZZ-20

Envie hoje mesmo o seu cupom (ou xerox) para:
EXPORT FASHION - Caixa Postal 7758 - CEP 01051 - Ag. Central - São Paulo - SP.

Nome _____
End. _____ Nº _____
Bairro _____ Cidade _____ Est. _____
CEP _____ Data ___/___/___ Assinatura _____

CARTAS E SERVIÇOS

CONEXÃO INTERNACIONAL

Estou bastante interessado em corresponder-me com disc-jóqueis e jovens brasileiros para intercâmbio sobre música brasileira, argentina e internacional. Gosto de U2, Cure e todos os grupos modernos, além de grandes bandas como o Deep Purple. **Guilhermo, Rua Las Heras, 2185, 7.º C, 7600 Mar del Plata, Argentina**

Quero deixar o endereço para todas as pessoas que gostem de rock, principalmente o inglês, e estejam interessadas em trocar informações tipo: lançamentos, bandas novas, MTV, rádios alternativas, shows etc. É só escrever que eu terei o maior prazer em responder a todo mundo. **Paulo Duarte, 215 Ralston Hall, Clarion Univ. of Penna, Clarion — PA 16214, USA**

Estou bastante interessado em me corresponder com jovens brasileiros para intercâmbio sobre música e artigos esportivos. Prometo responder a todas as cartas. **Luís Pedro Varandas, Calçada da Tapada, 65, C/Esquerdo, 1300 Lisboa, Portugal**

CORRESPONDÊNCIA MUSICAL

Nós somos o *Friends — Clube da Amizade*. Se você está a fim de conhecer novas pessoas, escreva-nos dizendo quais são as suas afinidades musicais. Mandaremos uma lista com os endereços das pessoas que tenham a ver com você. **Friends — Clube da Amizade, Rua Goiás, 304, CEP 20750, Engenho de Dentro — RJ**

PEDINDO BIZZ

Compro as edições de BIZZ do número 1 ao 10. **Carlos José de Oliveira, Avenida Manoel Ribas, 663, Caixa Postal 149, CEP 84240, Piraí do Sul — PR**

Compro as revistas BIZZ números 1, 7, 8 e 9. **Vanderley Ferreira Silva, Acampamento 2 NOCS, 51, CEP 59900, Pau dos Ferros — RN**

Compro ou troco as revistas BIZZ números 2, 3, 4, 5, 8 e 9. **Paula Isanaclis, Rua dos Franceses, 470, Apartamento 271, CEP 01329, São Paulo — SP**

Compro as BIZZ 3, 4, 5, 7, 8, 9 e 10, e as Letras Traduzidas 9-C e Top-Hits 1. **Guilherme Simonino Lopes, Rua Padre Anchieta, 235, CEP 36570, Viçosa — MG**

Compro as BIZZ 1, 2, 5, 7, 8 e 9. **Romário Araújo Guimarães, Rua José Bonifácio, 33, CEP 48890, Valente — BA**

Compro a revista BIZZ número 10. **Elizabete Oliveira Neves, Rua Tenente José Maria Pintô, 218, CEP 04675, São Paulo — SP**

Compro a edição número zero de BIZZ. **Roberto Meireles, Rua Teixeira Barros, 133, CEP 41960, Salvador — BA**

Vendo ou troco as edições de BIZZ números 7, 8, 9, 10, 11 e 12. **Irineu Gonzaga, Rua Juquiá, 1115, CEP 09180, Santo André — SP**

Compro a revista BIZZ número 7. Vendo o número 9 ou troco por posters do Prince, Madonna, Culture Club ou Lobão. **Rosely Tomas Silva, Avenida Washington Luiz, 696, CEP 30000, Belo Horizonte — MG**

Compro as revistas BIZZ números 9, 13 e 15, Ídolos do Rock 9-A e Letras Traduzidas 9-C. **Maria Cristina Casério, Caixa Postal 3299, CEP 30112, Belo Horizonte — MG**

FÃS-CLUBES

B-52's *B-52's Fã-Clube*, Rua Caio Viana Martins, 828, CEP 30620, Belo Horizonte — MG

Beatles *Helter Skelter Club*, A/C Ricardo Uchiyama, Rua Yama Lobo, 510, CEP 04269, São Paulo — SP

Bruce Springsteen *The Bruce Springsteen Fan Club*, A/C Mauro, Rua Belém, 505, CEP 86025, Londrina — PR

Cure *Human Half Octopussy*, A/C Eduardo Savoia, Rua Campo Largo, 753, CEP 03186, São Paulo — SP

Duran Duran e Cyndi Lauper *Duran Duran & Cyndi Lauper Fan Club*, Rua Ângelo Scudeler, 29, CEP 09360, Mauá — SP

Evandro Mesquita *Evandro Mesquita Fã-Clube*, Rua das Amapolas, 593, CEP 59075, Natal — RN

Finis Africae *Finis Africae Fã-Clube*, Caixa Postal 270, CEP 78900, Pôrto Velho — RO

Ira! *Facis! Fã-Clube Ira! Special!*, A/C Ana Zaneti, Rua Tupiniquins, 180, CEP 19100, Presidente Prudente — SP

Madonna *Fã-Clube Madonna*, A/C Sandro Haddad, Rua Coronel João Cândido, 323, CEP 38740, Patrocínio — MG

RPM *Rádio Pirata Fã-Clube*, A/C Sandro Garcia, Rua São Feliciano, 53, bl. 15, apto 401, CEP 24120, Niterói — RJ

Iron Maiden *Brothers in Iron Maiden Clen Club*, Rua Doutor Antônio Coelho Lima, 43, CEP 45960, Medeiros Neto — BA

Laranjas *Fã-Clube Oficial Laranjas*, Rua José Luís Borges, 69, Parque São Rafael, CEP 08320, São Paulo — SP

Cyndi Lauper *Fã-Clube Cyndi Lauper and Friends*, Rua Dona Matilde, 23, CEP 03512, São Paulo — SP

Tokyo *Fã-Clube Oficial do Tokyo*, A/C Patrícia Fang, Rua Ibituruna, 926, CEP 04302, São Paulo — SP

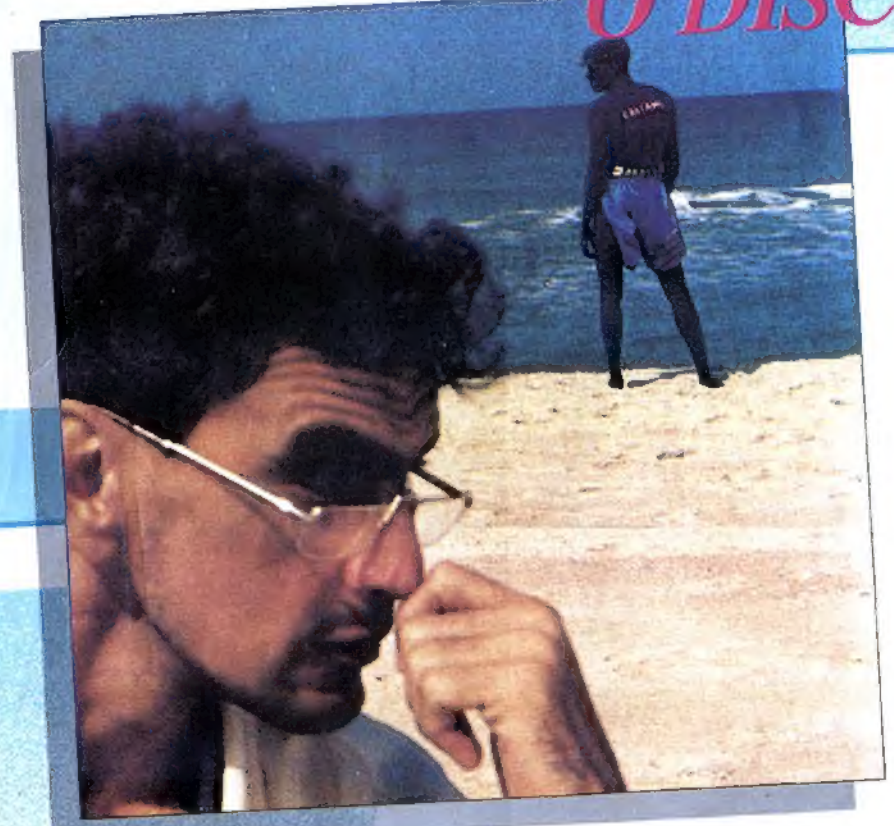
Kid Abelha *Kid Abelha Fã-Clube*, A/C Neilson, Rua Antonio Bezerra, 45, CEP 59600, Mossoró — RN

Tina Turner *Fã-Clube Tina Turner*, A/C Marcos, Primeira Avenida, 134, CEP 74000, Goiânia — GO

U2 — *Fã-Clube U2 "In the Name of Love"*, Rua Osvaldo Germandi, 114, CEP 17200, Jaú — SP

CAETANO

O DISCO

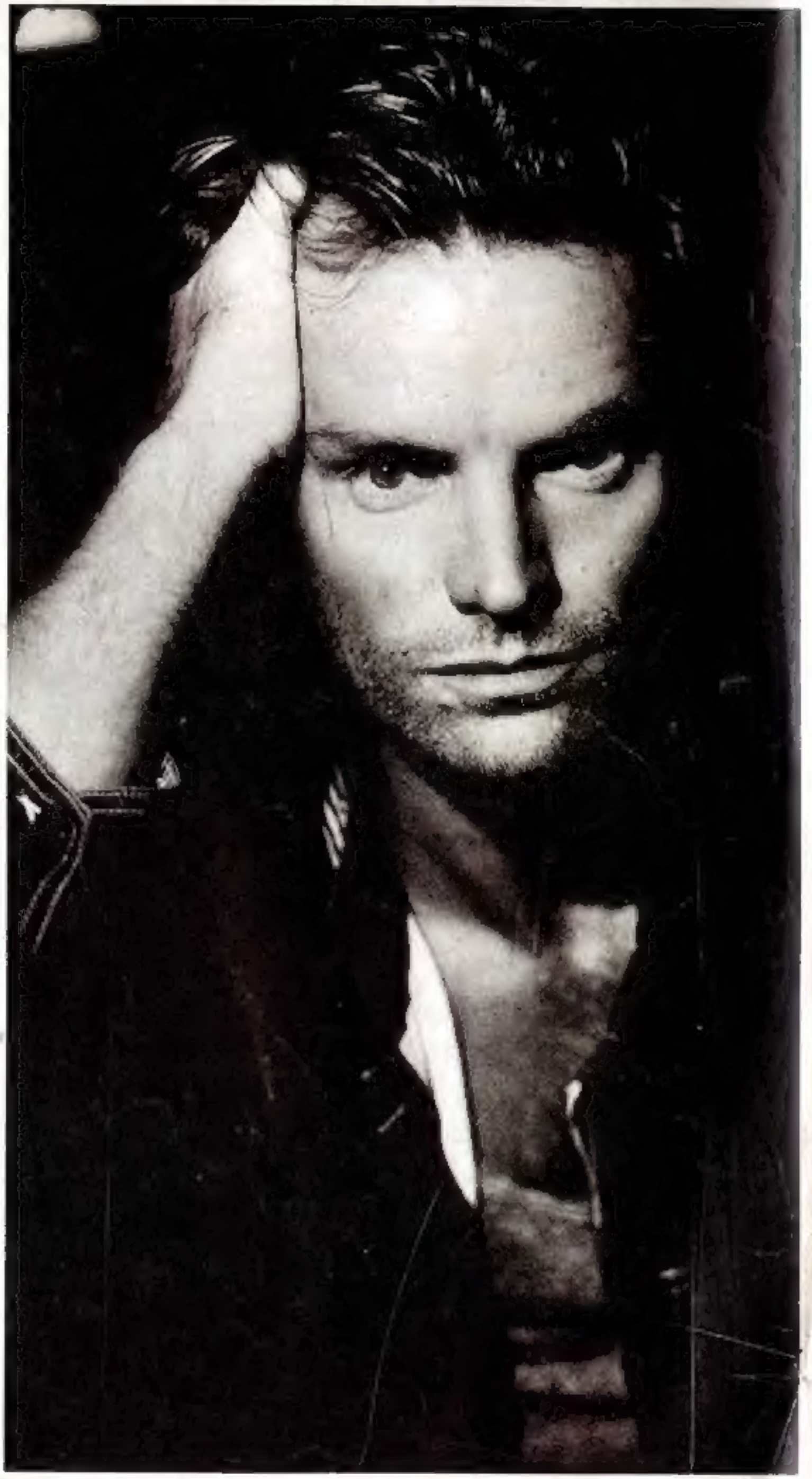


Surpreendente, Polêmico, Atual, Assim é Caetano no seu mais novo LP.

LANÇAMENTO
PolyGram
****
EM LP, K7 CROMO E COMPACT DISC
JÁ À VENDA EM TODAS AS LOJAS.

O Disco do Ano

Sting



Quando Sting conversou pela primeira vez com o produtor Neil Dorfsman (leia-se Dire Straits) sobre o álbum *Nothing Like The Sun*, sentiu que estava a caminho de uma obra-prima. *Nothing Like The Sun* está para Sting assim como *Monalisa* está para Da Vinci, *O Garoto* para Chaplin, *Romeu e Julieta* para Shakespeare. Ao regravar Hendrix (*Little Wing*), cantar em português (a versão de *Fragile*) e reunir os amigos (Mark Knopfler, Eric Clapton, Gil Evans e Andy Summers, entre outros), Sting fez de sua obra-prima um marco. *Nothing Like The Sun* já é uma página nobre na história da música contemporânea.

Incluindo:
THE LAZARUS HEART
BE STILL MY BEATING HEART
ENGLISHMAN IN NEW YORK
HISTORY WILL TEACH US NOTHING
THEY DANCE ALONE (CUECA SOLO)
FRAGILE
WE'LL BE TOGETHER
STRAIGHT TO MY HEART
ROCK STEADY
SISTER MOON
LITTLE WING
(JIMI HENDRIX)
THE SECRET MARRIAGE
e mais a versão em português de Fragile

. . . NOTHING LIKE THE SUN

A&M RECORDS

EM DISCOS, FITAS DE CROMO E COMPACT DISCS

PolyGram